

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E RECURSOS NATURAIS

**ETNOBIOLOGIA DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA
NO ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ AÇU, CUIABÁ,
MATO GROSSO, BRASIL**

MARIA CORETTE PASA

SÃO CARLOS
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E RECURSOS NATURAIS

**ETNOBIOLOGIA DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA
NO ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ AÇU, CUIABÁ,
MATO GROSSO, BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Ciências Área de Concentração em Ecologia e Recursos Naturais.

(Campo de pesquisa: Etnobiologia)

ORIENTADOR

Prof. Dr. João Juarez Soares

Dep. Botânica, CCBS - UFSCar

CO-ORIENTADOR

Prof. Dr. Germano Guarim Neto

Dep. Botânica e Ecologia, IB - UFMT

SÃO CARLOS

2004

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

S586dc

Pasa, Maria Corette.

Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no Alto da
Bacia do Rio Aricá Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil / Maria
Corette Pasa . -- São Carlos : UFSCar, 2004.

174 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos,
2004.

1. Ecologia humana. 2. Recursos vegetais. 3.
Etnobiologia. 4. Mata ciliar. 5. Conservação. I. Título.

CDD: 304.2 (20^a)

DEDICO

Ao meu esposo Cláudio e aos meus filhos Pablo e Camila pelo amor, compreensão e carinho a mim dedicados, apaziguadores de meu espírito nos momentos difíceis, que representou a busca de um caminho que com certeza contribuiu para a minha realização pessoal e profissional.

Aos meus pais Anália e Paschoal e aos meus irmãos que mesmo distante acompanharam o meu percurso envolvido pelo nosso amor e que sempre desejaram o melhor para o meu desempenho e a minha alegria de sermos família.

Ao meu Orientador Prof. Dr. João Juares Soares pela oportunidade de desenvolvermos este trabalho em conjunto e que teve como sustentação sua sabedoria, seu carinho e sua dedicação em todos os momentos do nosso percurso.

Ao meu Co-orientador Prof. Dr. Germano Guarim Neto pelo auxílio constante na realização deste trabalho que sempre com dedicação, carinho e amizade ensinou-me os caminhos a percorrer.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais (PPG-ERN) pelo auxílio na realização deste estudo.

Ao Dep. de Ciências Biológicas – Campus de Rondonópolis pelo incentivo e força durante esta caminhada.

Aos professores Ms Dalci e Ms Iolanda do Dep. de Biociências – IB da UFMT pelo trabalho de classificação dos animais e dos peixes.

A CAPES pela concessão da bolsa de incentivo concedida no período de Março/ 2002 a Maio/2004.

Aos membros da Banca de Qualificação, Professores Doutores Maria Inês S. Lima, José Eduardo dos Santos e Nivaldo Nordi.

Aos membros da Banca de Defesa Pública para obtenção do título de Doutora em Ciências, Área de Concentração - Ecologia e Recursos Naturais.

Aos colegas de curso pela amizade, carinho e convivência nesta trajetória acadêmica que muito representou.

Aos amigos José, Antônio e Ivan pelo auxílio concedido durante a coleta do material botânico na área de estudo e a preparação deste material como exsicata no Herbário Central da UFMT.

Aos mestres ribeirinhos da comunidade de Conceição-Açu pela receptividade, apoio, trabalho e dedicação durante o trabalho de campo. Em especial a D. Sofia, Paulina, Edilázio, Maria do Carmo, Ana Amélia e Seu Hélio.

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO

Figura 1. Localização Geográfica da Área de Estudo. Conceição Açu, Município Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	8
--	---

CAPITULO 1

Figura 2. Localização da região de Conceição Açu e a Serra da Chapada dos Guimarães. Cuiabá. Estado do Mato Grosso.....	18
Figura 3. Coordenação de Saúde Rural da Prefeitura Municipal de Cuiabá	25
Figura 4. Localização da água para abertura de cisterna. Conceição Açu. Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	46
Figura 5. Festa do Sr. Divino Espírito Santo. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, Cuiabá. Estado do Mato Grosso	47
Figura 6. Área de Estudo. Conceição Açu pertencente a APA nº 0537 de 27/11/1995. Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	52
Figura 7. Laticínio Realeza. Conceição Açu. Cuiabá, Estado do Mato Grosso	57

CAPITULO 2

Figura 2. Quintal de uma residência da Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	81
Figura 3. Principais famílias botânicas e número de espécies nos quintais de Conceição-Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso.....	85

Figura 4. Perfil fitogeográfico e de ocupação na Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá , Estado do Mato Grosso.....	91
Figura 5. Área de Pousio. Conceição Açu. Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	95
Figura 6. Configuração espacial da área de uma propriedade. Conceição Açu, Cuiabá , Estado do Mato Grosso.....	97
Figura 7. Matas de Galeria formando dossel na região de Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	100
Figura 8. Coleta de plantas na Mata de Galeria para a realização do Xarope de Jequitibá. Conceição Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso.....	103
Figura 9. Processo de extração do óleo de copaíba. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso	106
Figura 10. Processo de extração da seiva da sangra d'água. Comunidade Conceição-Açu , Cuiabá. Estado do Mato Grosso.....	112

CAPITULO 3

Figura 2. Pesca do peixe piauí no rio Claro. Comunidade Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	137
Figura 3. Sinais da alimentação do macaco sagüi. Comunidade Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....	144

LISTA DE TABELAS

CAPITULO 1

- Tabela 1.** Dados sobre o nível de escolaridade. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....24
- Tabela 2.** Número total de pessoas por família e sexo. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso. 2002.....28
- Tabela 3.** População rural e a força de trabalho na Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá Estado do Mato Grosso. 2002.....62
- Tabela 4.** A força da mão-de obra familiar na Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2002.....65

CAPITULO 2

- Tabela 1.** Espécies vegetais existentes nos quintais das residências. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso. 200282
- Tabela 2.** Plantas dos quintais usadas como remédio pela Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso. 2002.....87
- Tabela 3.** Número de plantas dos quintais usadas como remédio e afecções orgânicas referidas. Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 200289
- Tabela 4.** Número de famílias que cultivam as principais culturas nas roças da região de Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso.....93
- Tabela 5.** Sistema de classificação empírica das plantas na Comunidade de Conceição-Açu Cuiabá. Estado do Mato Gross. 2002.....110
- Tabela 6.** Plantas da área ripária usadas pela Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2002.....114
- Tabela 7.** Plantas usadas como remédio. Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso, 2002.....120
- Tabela 8.** Número de plantas usadas como remédio para diferentes afecções orgânicas. Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2002..... 124

CAPITULO 3

Tabela 1 . Correspondência das espécies locais, identificação científica e características êmicas e importância cultural das espécies de peixes. Conceição-Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2002.....	140
Tabela 2 . Correspondência das espécies locais, identificação científica e características êmicas da fauna da região de Conceição Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso 2002	145

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE TABELAS	vii
RESUMO	xi
ABSTRACT.....	xii
INTRODUÇÃO	01
CAPITULO 1	09
ASPECTOS SOCIO-ECONOMICOS E CULTURAIS DA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU (MUNICÍPIO DE CUIABÁ, MT)	09
1. Introdução.....	
2. Material e métodos.....	10
2.1. Caracterização da área de estudo.....	10
2.2. Metodologia: métodos e técnicas de abordagem.....	11
2.3. A execução da pesquisa de campo.....	13
2.4. As diferentes técnicas utilizadas na pesquisa de campo.....	14
2.5. Estratégias de análise: tratamento qualitativo.....	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
3.1. A comunidade de Conceição-Açu e as matas de galeria.....	17
3.2. Os moradores e sua cultura.....	19
3.3. Crescimento demográfico.....	26
3.4. Configuração espacial: da existência à subsistência.....	29
3.5. O viéz da etnohistória.....	30
3.6. A origem das roças e as práticas culturais.....	36
3.7. As fluências culturais.....	42
3.8. Os efeitos da modernização na sociedade rural.....	48
3.9. O ajuste ecológico.....	52
3.10. Estrutura familiar e a comunidade.....	58
3.11. Os agricultores, a unidade reprodutiva e a relação com o sistema	61
3.12. A força do trabalho.....	61
CAPITULO 2	67
ESTUDO ETNOBOTANICO NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU (ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ AÇU, MT, BRASIL)	
1. Introdução.....	67
2. Material e método.....	68
2.1. Caracterização da área de estudo.....	68
2.2. Metodologia: métodos e técnicas de abordagem.....	70
2.3. A execução da pesquisa de campo.....	71
2.4. As diferentes técnicas utilizadas na pesquisa de campo.....	73
2.5. Estratégias de análise:tratamento qualitativo.....	74
2.5.1. Estratégia de análise:análise quantitativa.....	76
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	77
3.1. Os quintais.....	77

3.2. As roças.....	90
3.2.1. Produção e diversidade vegetal.....	90
3.3. A mata de galeria.....	98
3.3.1. A interface subsistência-ecologia.....	98
3.3.2. O xarope caseiro de jequitibá.....	102
3.3.3. A biodiversidade das plantas e sua utilização.....	108
CAPITULO 3	127
A ETNOZOOLOGIA NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU (ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ AÇU, MT, BRASIL)	
1. Introdução.....	127
2. Material e métodos.....	129
2.1. Caracterização da área de estudo.....	129
2.2. Metodologia: métodos e técnicas de abordagem.....	130
2.3. A execução da pesquisa de campo.....	132
2.4. As diferentes técnicas utilizadas na pesquisa de campo.....	133
2.5. Estratégias de análise:tratamento qualitativo.....	134
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	136
3.1. A pesca: o saber local.....	136
3.2. Dos animais domésticos à caça.....	142
CONCLUSÕES, SUGESTÕES E PERSPECTIVAS	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
ANEXOS	163

RESUMO

O presente estudo foi realizado na comunidade rural de Conceição-Açu localizada no município de Cuiabá, Estado de Mato Grosso. O propósito central do trabalho foi o de interpretar as relações existentes entre a população e o seu ambiente, integrados no contexto sócio-cultural e ambiental relacionados ao uso dos recursos vegetais e animais. Através das informações obtidas foi possível analisar a estrutura social e a qualidade de vida das pessoas da região e identificar as diferentes formas de uso dos recursos naturais e o conhecimento que a população detém sobre o ambiente através das técnicas empregadas no processo de conservação. O procedimento metodológico utilizado combinou aspectos qualitativos e quantitativos na execução das seguintes etapas: descrição ecológica dos ecossistemas; descrição sócio-econômica das famílias estudadas; acompanhamento das principais atividades produtivas; acompanhamento das atividades de coleta nas matas de galeria; verificação das diferentes estratégias dispensadas à preparação e conservação dos recursos vegetais e a interpretação dos conhecimentos etnobiológicos, com ênfase no aspecto etnobotânico e etnozoológicos emitidos pela população local. Os moradores rurais identificam diversos micro-habitats no interior da mata de galeria, aos quais associam a presença de determinadas espécies vegetais e animais. As pessoas demonstraram ampla compreensão sobre o comportamento trófico e reprodutivo dos animais que conhecem e que convivem em sua propriedade e nas áreas próximas, sem perder de vista a associação ecológica planta-animal-planta. Atribuem as plantas (sofre mais ou sofre menos; reage muito ou reage pouco) e aos animais (comem muito ou comem pouco; são ariscos ou são mansos) uma classificação por oposição binária em função do seu comportamento. Partindo do etnoconhecimento que a população local demonstrou sobre o uso dos recursos naturais foi possível a comparação com o conhecimento científico, através de tabelas, com o objetivo de evidenciar a concordância entre as duas interpretações sobre o ecossistema e seus recursos naturais. O valor de uso das espécies vegetais revelou uma interação das pessoas com o ambiente, apontando para a relevância da mata galeria no sentido de estoque de recursos naturais renováveis. O aproveitamento econômico exercido na região é de pouco impacto ambiental favorecendo, dessa forma, a conservação de populações da flora e da fauna local.

Palavras chave: Recursos Vegetais; Etnobiologia; Mata de Galeria; Conservação.

ABSTRACT

This study was carried out in a rural community Conceição-Açu located in the country of Cuiabá, Mato Grosso state. The main purpose of this paper was to interpret the existent relationship between the population and their environment, inserted in the socio cultural and environment context related to the use of vegetal plants and animal resources. Through the information given, it was possible to analyse the social structure and the quality of life of the people in the region and identify the different ways of using the natural resources and the knowhow the population has about the environment through the techniques used in the conservation process. The method used combined qualitative and quantitative aspects when putting into practice the following stages: ecological description of the ecosystems; socio economical description of the families involved in this study, a follow up of the main productive activities and also of the activities of collecting in the gallery woods; Checking of the different strategies used in the preparation and conservation of the vegetal plant resources and the interpretation of the etnobiological knowledge, giving emphasis to the etnobotanic and etnozoologic aspect, given by the local population. The rural inhabitants identify several micro habitats in the interior of the gallery wood, to which the presence of certain species of vegetal plants and animals are associated. People showed a comprehensive understanding of the trophic and reproductive behaviour of the animals that they know and live with in their properties and in nearby areas, not forgetting the ecological association plant-animal-plant. It's attributed to the plants (suffer more or less; react a lot or react a little) and to the animals (eat a lot or a little, they are wild or tame) a classification by binary opposition because of their behaviour. Starting from the etnoknowledge that the local population showed about the use of the natural resources it was possible to make the comparison with the scientific knowledge, through tables, aiming at showing the agreement between both interpretation about the ecosystem and its natural resources. The value of use of the vegetal plant species revealed and interaction of the people with the environment, pointing to the relevance of the gallery wood for the storage of renewable natural resources. The economic exploitation in the region has a small environment impact, favoring, in this way the conservation of the local flora and fauna.

Words key: Vegetal plants resources; Etnobiological; Gallery Wood; Conservation.

INTRODUÇÃO

O saber local representa o saber acumulado das populações, entre outros, sobre os ciclos naturais; a reprodução e migração da fauna; a influência do ciclo solar e da lua nas atividades de corte de madeira e da pesca; sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais; os efeitos negativos do exercício de atividades em certas áreas ou período do ano, tendo em vista a conservação das espécies. Portanto, é através do etnoconhecimento, que o saber local e as técnicas patrimoniais são expressas e, sobretudo, a demonstração de uma relação simbiótica entre o ser humano e a natureza (Diegues, 2001).

Nesse sentido, a questão da cultura envolve a determinação das relações existentes entre o ser humano e a natureza, na qual utiliza o conceito de cultura expressa por Geertz (1997), segundo o qual os homens constroem representações cognitivas, verdadeiros mapas mentais que orientam suas ações. Outras representações mentais são construídas para tornar compreensíveis as experiências e seres da natureza, por exemplo, os peixes, a natureza e relações com os humanos. Essas representações são meios pelos quais os seres humanos reinventam seus mundos, reforçando ou transformando os mundos de seus antecessores. Apesar das dimensões, as diferentes modalidades de representações estão relacionadas pelo desenvolvimento da vida social.

É reconhecido o papel positivo exercido por populações tradicionais no esforço de proteção ambiental. Isto se dá seja devido ao conhecimento acumulado por elas sobre o mundo natural, seja devido à percepção de engenhosos sistemas patrimoniais de manejo de recursos. A título de exemplificação podemos citar (Ayres,1993) o caso da presença humana na Estação Ecológica de Mamirauá, no estado do Amazonas. Ali habitam 4.500 ribeirinhos, espalhados em 50 pequenas comunidades, tendo cada uma em média 14 domicílios. Essa população vive tradicionalmente da pesca, da caça e do uso da floresta. Ao contrário do que estabelece a legislação (expulsão dessa população da área) a manutenção dos “varzeiros” nesse território, que

constitui sua área de origem é de grande contribuição ambiental. A importância do homem nesta área é ressaltada conforme afirmação de próprio autor:

“...Além da proteção da biodiversidade da várzea e o estabelecimento das bases de manejo como objetivo do projeto, manter as populações ribeirinhas implicará, neste caso particular, um aumento expressivo de fiscalização que hoje não poderia ser atendida de maneira eficiente pelos órgãos federais competentes [...] ...A preservação da biodiversidade, se não incluir a promoção e preservação da vida humana digna, se torna sectarismo ecológico, fadado a acusação de preterir a espécie humana e adotar uma concepção estreita de natureza a ser preservada”.(pg.67)

Para Empeaire et al. (2000) atividades extrativistas distinguem-se daquelas que caracterizam uma sociedade de caçadores-coletores, cujos produtos são destinados apenas ao consumo doméstico ou integram um circuito de trocas locais. E, que tanto o extrativismo como a coleta origina-se de dois tipos distintos de lógica econômica, a primeira regulada pelo mercado externo e a segunda pelas necessidades fundamentais da unidade doméstica, ou seja, de subsistência. Embora distintas, nem sempre é possível separar uma atividade ou outra, já que esta população precisa realizar trocas a fim de suprir necessidades básicas como vestiário, ferramentas, remédios e alimentos.

As práticas extrativistas comparecem em diversos tipos de sociedade e níveis culturais. A coleta de frutos e sementes nas matas de galeria são exemplos vivos de práticas no cotidiano da população local. O uso da técnica de incisão visando a extração da seiva de certas espécies como o jatobá e a copaíba, permitem demonstrar a universalidade dessa atividade. Esta constatação contradiz a idéia de que o extrativismo constitui uma forma arcaica de exploração dos recursos naturais, cuja extinção pode ser prevista com segurança.

Para analisar as relações estabelecidas entre o ser humano e a natureza, através do tempo e em diferentes ambientes, é necessário considerar dois fatores determinantes desta relação: o ambiente e a cultura (Xolocotzi, 1983). Dessa forma, assim se revela a importância de um estudo interdisciplinar, em pesquisas etnobiológicas, que abrange a análise e a interpretação do conhecimento, o valor cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos naturais (Barrera, 1983).

As investigações científicas caracterizam-se por estratégias de natureza etnobiológicas, sendo um ramo da ciência que objetiva analisar a classificação das comunidades humanas sobre a natureza, em particular sobre os organismos. Para Begossi (1983) a etnobiologia é *“um segmento da etnociência que busca entender como o mundo é percebido, conhecido e classificado por diversas culturas...”*

O Cerrado é o segundo maior bioma e a maior formação savânica da América do Sul em extensão. Ocupa uma área de cerca de 1,8 milhões de km² em território brasileiro e ocorre como vegetação principal na região central do país, estendendo-se por penínsulas e como manchas disjuntas às províncias vegetacionais vizinhas de Chaco, Caatinga e Floresta Atlântica e Amazônica (Eiten, 1993).

Coutinho (1978) conceitua o cerrado como um complexo de formações oreádicas, que vão desde o campo limpo até o cerradão, representando suas formas savânicas (campo sujo, campo cerrado e cerrado “s.s”) verdadeiros ecótonos de vegetação entre as duas formas extremas: a florestal, representada basicamente pelo cerradão, e a campestre constituída pelo campo limpo.

No cerrado, ocupando uma área de 23% do território brasileiro, há uma flora vascular aproximada a dez mil espécies vegetais (Mendonça, *et al*, 1998), sendo que menos de 1% do total destas plantas recebeu algum tipo de estudo quanto a sua composição química e ou ação farmacológica.

Atualmente, o Cerrado, por estar localizado numa região próxima aos grandes centros industriais, e por ocorrer em superfícies relativamente plana com solos melhores que os da Amazônia (Mittermeier *et al.*, 1992), apresenta as maiores taxas e o mais rápido processo de expansão de fronteiras agrícolas do país, atraindo grande parte da agroindústria nacional. Dentro deste contexto, a ocupação das áreas de cerrado no Mato Grosso também teve a mesma diretiva, sendo a agropecuária o símbolo da economia local.

Situada na Baixada Cuiabana e delimitada pelo município de Chapada dos Guimarães, bioma rico quanto a sua diversidade florística e faunística, a região em estudo apresenta uma vegetação de encosta de característica montanhosa considerada uma unidade de conservação na categoria de APA – Área de Proteção Ambiental Estadual Chapada dos Guimarães, criada pelo Decreto nº 0537 de 27/11/1995 pertencente ao município de Chapada dos Guimarães, Estado do Mato Grosso, Brasil,

com uma extensão de 251 mil ha. É nessa área que se origina as nascentes do manancial hídrico que formam a micro bacia da região. A área estudada é drenada pelo rio Aricá Açu e seus afluentes (**Figura 1**).

A Serra da Chapada dos Guimarães que constitui um divisor de águas entre as bacias hidrográficas do Amazonas e do Paraná representa uma zona de cabeceiras, responsável quase que exclusivamente pela drenagem total da área de estudo. Esta, quanto ao recurso hídrico, pertence à bacia do Paraná e à Sub-bacia do Alto Paraguai (PCBAP,1997).

Segundo a chave de classificação fisionômico-ecológica para o Sistema Fitogeográfico a área de estudo é classificada como Saf 3 – Savana Arbórea Aberta com Floresta de Galeria. Apresenta uma composição florística semelhante à Savana Arbórea Densa, porém com a estrutura mais aberta e mais baixa, com árvores e arvoretas tortuosas, e na maioria das espécies o córtex é bastante suberoso, espesso e sulcado. O estrato inferior é constituído de gramíneas formando um tapete contínuo, associado a outras herbáceas, subarbustos e arbustos baixos (Radambrasil,1982).

Dentre as formações vegetais do Cerrado, a Mata de Galeria caracteriza-se por associar-se aos cursos d'água, destaca-se pela sua riqueza, diversidade genética e pelo seu papel na proteção dos recursos hídricos, edáficos, fauna silvestre e aquática (Rezende,1998).

As matas galeria da região do Cerrado, devido o valor econômico de suas espécies, à conservação da flora, da fauna e da água para o consumo humano, aliados a sua importância regional, fornecem excelente material para avaliar o potencial de uso de espécies nativas. Apesar de que áreas com mata de galeria estão sendo degradadas intensamente no Brasil e, mesmo sendo áreas de preservação permanente, protegidas por legislação estadual e federal, sofrem ações antrópicas intensas como culturas agrícolas, retirada de madeira de forma desordenada, entre outras interferências (Joly,1986).

Portanto, para bem gerir os recursos e a biodiversidade, é necessário bem gerir o ecossistema e preservar suas funções essenciais. Assim, o desenvolvimento sustentável do meio rural, garantia de uma boa gestão da biodiversidade, é necessariamente um compromisso entre aquilo que é socialmente desejável, economicamente interessante, tecnicamente possível e ecologicamente aceitável. Para

responder a essas preocupações, temos necessidade de conhecer as relações que as sociedades estabelecem com seu meio ambiente, compreender os princípios genéricos de funcionamento e a dinâmica sob sistemas antropizados e dos recursos explorados, prever suas respostas e novas perturbações de origem natural ou antrópica.

O conceito de “desenvolvimento rural integrado” implica a participação ativa e consciente das populações rurais levando em conta a utilização racional dos recursos como instrumento para a conservação do meio ambiente e da biodiversidade (Lévêque, 1999).

Nos últimos anos, houve muito interesse dos naturalistas pelos conhecimentos do “saber local”, bem como pelas relações existentes entre as culturas humanas e a conservação da biodiversidade. Com efeito, o ser humano utilizou uma grande variedade de recursos biológicos, em meios muito diversos, empregando técnicas especialmente adaptadas. Este conjunto de conhecimentos e comportamentos constitui um patrimônio cultural que é transmitido de geração em geração. Se as sociedades de saber local viveram, até hoje, no seio de uma natureza, é essencialmente graças aos conhecimentos e habilidades naturalistas que eles acumularam há milênios e a nós cabe reconhecer o seu valor intrínseco.

Os estudos em Etnobiologia vêm contribuir para o conhecimento do valor cultural e dos modos de utilização das plantas e animais, relacionando o valor cultural atribuído pelos grupos humanos de onde provêm estas informações. Existem várias facetas da etnobiologia, seja ela interpretada como descrição botânica ou zoológica, seja como Ecologia Humana (a forma de utilização tem como conseqüências a invasão e ocupação de regiões em que as espécies se encontram, levando a exploração da natureza, como forma do processo de adaptação dos grupos humanos ao ambiente) ou como uma abordagem histórica, vertente da antropologia. Para Koerdell (1983) a Botânica e a Zoologia são ramos básicos da Biologia, sendo assim a Etnobotânica e a Etnozoologia são por sua vez, ramos básicos da Etnobiologia:

“A Etnobiologia deve atender ao estudo das relações sutis entre os indivíduos e o meio que habitam, tratando de precisar as influências que estes recebem sobre o desenvolvimento cultural do homem, que é capaz de mudar e substituir completamente o quadro natural estabelecendo novas condições de vida em locais onde elas estão faltando”(pg.26).

No presente estudo destaca-se a importância da participação da comunidade local no desenvolvimento da pesquisa que permeará o desenvolvimento dos objetivos através da demonstração do conhecimento que possuem sobre a natureza que os rodeia, a qual é expressa pela força cultural que compõe esta comunidade.

O presente trabalho teve como objetivo interpretar, de forma integrada, o conhecimento que os moradores rurais da comunidade de Conceição-Açu possuem a respeito da flora e fauna local, bem como dos processos de organização cultural e social da produção com ênfase na conservação dos recursos naturais.

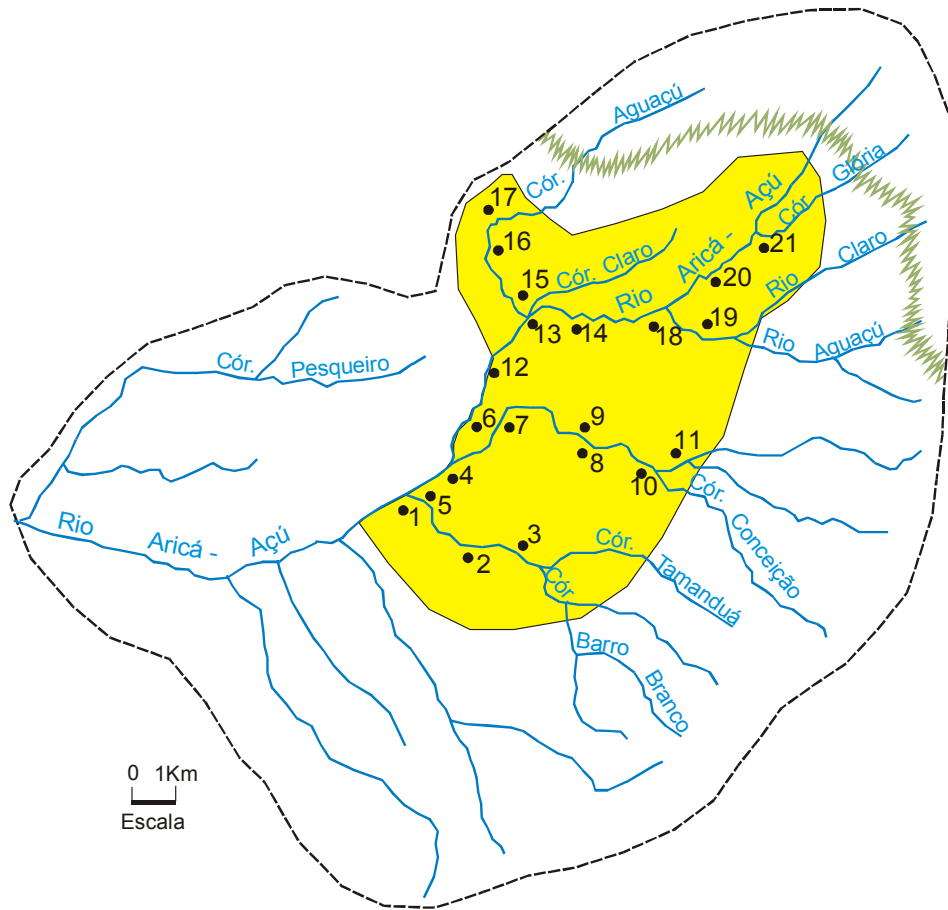
A interpretação empreendida visa adquirir e processar informações sobre as espécies vegetais, animais e culturais presentes e as respectivas categorias de uso e grau de importância para o manejo das unidades de paisagem denominadas de quintal, roça e mata de galeria.

A escolha da presente comunidade fundamenta-se pela importância da região que mostra grande potencial do saber local pelas pessoas, na sua maioria idosos, acumulado ao longo dos anos a qual é expressa pela força cultural das diferentes origens dessas pessoas que compõem a comunidade.

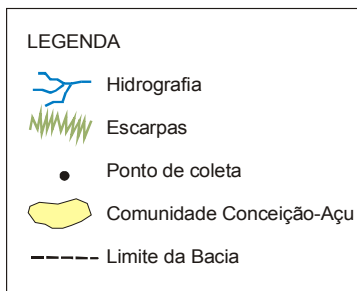
Interpretar o papel que a presente comunidade humana desempenha sobre esses ecossistemas natural e antropizado, no seu componente cultural e ambiental de conservação biológica representou a força maior dessa pesquisa. Portanto, o esforço para interpretar tais conhecimentos envolveu a intenção de apreender, na representação dos moradores locais, o significado do processo de conservação dos recursos naturais. Na tentativa de aprovar ou refutar a hipótese formulada buscou-se interpretar as formas de representações sobre as atividades de manejo executadas no ecossistema envolvendo o conceito de conservação pela comunidade local.

A tese encontra-se dividida em cinco partes. O segundo capítulo constitui um artigo submetido para publicação o qual representou material do Exame de Qualificação, portanto organizado conforme as normas do periódico submetido.

- ✓ A Introdução da tese aborda a importância do ser humano no conceito de conservação dos recursos naturais, a importância biológica e cultural das sociedades rurais, esta última representada pelo conhecimento das populações locais.
- ✓ O Capítulo I apresenta o estudo sócio-cultural-econômico da comunidade de Conceição-Açu com ênfase na cultura dos moradores locais onde foi possível uma análise dos elementos que permitem considerar a situação atual da população.
- ✓ O Capítulo II representa o estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil) que busca fundamentar a relação do ser humano com os recursos vegetais do seu meio. Este capítulo forneceu informações sobre a importância das plantas e as diferentes formas de utilização das mesmas pelas pessoas da comunidade local. Uma análise quantitativa foi associado ao tratamento qualitativo, com a intenção de determinar o valor de uso das espécies e das famílias botânicas pela população local. Comenta-se sobre os dados obtidos para a conservação do Cerrado e do uso dos recursos vegetais nas roças, quintais e matas de galeria da região.
- ✓ O Capítulo III apresenta dados relacionados à etnozootologia, procurou-se analisar os recursos animais utilizados e apreciados pela comunidade local, sendo basicamente um texto descritivo. Fornece informações sobre a importância da fauna nas atividades de subsistência, lazer e conservação dos recursos biológicos locais.
- ✓ Finalizando com as Conclusões, Sugestões e Perspectivas, Referências Bibliográficas e Anexos.



0 1Km
Escala



FONTE: Carta Topográfica DSG SD-21-ZC/1982 e Trabalho de Campo/2003



FIGURA 1. Localização geográfica da área de estudo. Conceição-Açu, Município de Cuiabá, Estado do Mato Grosso, 2003.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS E CULTURAIS DE CONCEIÇÃO-AÇU

1.0. INTRODUÇÃO

No Estado do Mato Grosso na região denominada Baixada Cuiabana, próximo ao município de Cuiabá localiza-se um complexo ecológico, denominado regionalmente de Bambá. Trata-se de uma área rural onde vive uma população, etnicamente descendente de negros, índios e brancos e que convivem em estreita relação com as plantas e os animais. A população local pertence à comunidade de Conceição Açu, nome originário de um dos rios que compõe a micro bacia pertencente à região.

O local compõe-se de um complexo visual onde as unidades de paisagem são representadas pelas matas de galeria, rios, córregos, riachos e campo cerrado. A integração dos fatores bióticos e abióticos expressa a complexidade ecológica na qual a população constrói e reconstrói o seu cotidiano envolvido por uma dinâmica de produção dos meios de sobrevivência caracterizados pela coleta, caça, pesca e agricultura de subsistência.

Com o propósito de captar e apreender o conhecimento que as pessoas locais detêm do ambiente, o quanto e como influenciaram nas características do ambiente ao longo do tempo e o tratamento que dispensam ao mecanismo de conservação dos recursos naturais vinculados ao aspecto cultural, constitui o objetivo principal desse capítulo, o qual requer um investimento de cunho sócio-econômico e antropológico com o propósito de fundamentar as explicações sobre a composição e estrutura social dessa comunidade rural matogrossense.

Os objetivos que conduziram a proposta envolvem especificamente:

- ✓ Levantamento sócio-econômico e cultural da comunidade local;
- ✓ Identificação das diferentes unidades de paisagem concebidas dentro dos aspectos econômicos e culturais nas atividades do cotidiano das pessoas locais;
- ✓ Acompanhamento das atividades sociais, culturais e de lazer realizadas na comunidade.
- ✓ Identificar a presença de contatos inter e intra-regionais nas relações de sociabilidade na presente comunidade.

2.0. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Caracterização da Área de Estudo

O estudo foi realizado na comunidade rural de Conceição-Açu situada na Baixada Cuiabana, no Município de Cuiabá, MT, a 45 km ao sul de Cuiabá, na alta bacia do rio Aricá-Açu, afluente do rio Cuiabá (região de APA conforme Decreto Estadual de 27/11/1995). A área de estudo encontra-se delimitada pelas coordenadas geográficas 15° 30' e 15° 40' S e 55° 35' e 55° 50' W e localiza-se na Microregião de Cuiabá, pertencente à Mesoregião – Centro Sul Mato-grossense (Radambrasil,1982) **(Fig.1)**.

Segundo a classificação climática de Köppen domina na área um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é predominantemente o Aw, caracterizado por ser um clima quente e úmido com duas estações definidas, uma estação chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) que coincide com o inverno. As precipitações médias anuais registram em torno de 2000 mm e as temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23°C a 25°C. Há um declínio pouco sensível nos meses de julho e agosto. As temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23⁰ C a 25⁰ C. A média das máximas fica entre 30°C e 32°C sem grandes oscilações durante o ano, embora as mínimas decresçam no inverno e a noite. A formação vegetal predominante é o cerrado, com a presença de floresta decídua na encosta dos morros, com paredões e afloramentos calcáreos representados pela Serra de Chapada dos Guimarães e mata de galeria ao longo dos rios (PCBAP, 1997).

A área de estudo é banhada pelos mananciais hídricos da margem esquerda que formam a microbacia do rio Aricá-Açu, um rio de 3ª ordem conforme classificação de Strabler&Strabler (1989). Seus afluentes, caracterizados como de menor porte, são representados pelos rios e córregos denominados, Aguaçú, Claro, Glória, Conceição, Tamanduá, Piancó, Barrero, entre outros. O rio Aricá-Açu possui uma extensão de aproximadamente 112 Km e a porção alta da bacia que representa a área de estudo possui 31 Km de comprimento e uma área de aproximadamente 413Km² (Fonte: Laboratório de Cartografia da UFMT, 2003).

Quanto à caracterização dos solos a região apresenta solos minerais não hidromórficos, com horizonte B, do vermelho ao amarelo, de textura média à argilosa,

de pouco profundo à profundo, de bem a imperfeitamente drenado e o relevo de ondulado, forte ondulado e montanhoso e a unidade típica de paisagem é de savana com mata de galeria (PCBAP, 1997).

As principais atividades econômicas são a agricultura de subsistência, a fabricação de farinha de mandioca, a pesca e a caça, todas para o consumo familiar.

A região apresenta um certo isolamento em relação à área urbana, o que não impede a penetração das concepções do mundo atual influenciadas pelo meio social circundante.

2.2. Metodologia: Métodos e Técnicas de Abordagem

O presente estudo desenvolveu-se em uma zona rural habitada pelos moradores da comunidade de Conceição-Açu pertencente ao município de Cuiabá, no Mato Grosso. Devido à proposta de se trabalhar com a apreensão do conhecimento que a população detêm sobre o ambiente rural aliado ao valor ambiental do ecossistema mata de galeria, roça, horta e quintal, é necessário que as estratégias sejam fundamentadas por método, com o papel de subsidiar a busca dos dados empíricos na área de estudo. Optou-se, então, pelo estudo de caso cuja fundamentação teórica explora diferentes áreas do conhecimento para buscar a resposta dado o nível da problemática em questão. Greenwood (1973) caracteriza o estudo de caso através de uma análise intensiva da comunidade selecionada, tanto em amplitude como em profundidade, usando-se de todas as técnicas disponíveis para se atingir os objetivos propostos.

Também Vayda (1983) corrobora no estudo de caso quando assinala que através da “contextualização progressiva” os fenômenos correspondentes ao processo de interação entre o ser humano e o ambiente devem ser vistos dentro de um contexto cada vez mais amplo e mais denso com finalidades específicas de alcançar o entendimento holístico do que está sendo analisado.

A partir dos fatos e feitos que revelam conhecimentos e atitudes com respeito ao saber popular, o emprego do procedimento descritivo dentro das ciências

sociais e naturais fundamenta o percurso metodológico na busca da compreensão e reconstrução dos fenômenos ambientais em questão. Geertz (1989) assinala a importância de se valorizar o senso comum como sistema cultural. Portanto, atribuir simetria na consideração de diferentes modos de pensar e saber constitui um pré-requisito fundamental no processo descritivo da etnobotânica, ao captar o universo de significados entre o homem e o ambiente, utilizando-se das categorias – tempo, espaço e lugar.

Ao enfatizarmos outros princípios que conduzem o processo metodológico, desembocamos na observação participante como forma de compreender os fenômenos que ocorrem no cotidiano das pessoas. Sendo considerada a técnica mais aberta para lidar com as falas dos informantes, nesta Viertler (2002) destaca sua importância enfatizando o papel do observador e do observado “(...) o pesquisador se entrega à rotina e à participação nas atividades de interesse dos pesquisados; captando o modo pelo qual a população local manifesta suas habilidades e conhecimentos. Os nós de incompreensão percebidos pelo pesquisador poderão se resolver por um complexo processo de “aprender fazendo”, permitindo-lhe compreender com mais profundidade sentidos até então não detectados de referenciais culturais dos seus observados”.

Para tal, buscar o entendimento da realidade da população local não constitui uma tarefa fácil, porém, através da observação direta teremos maiores chances de apreender com segurança a variedade de dados observados, das idéias e concepções relacionadas aos dados emitidos pelos informantes, como expressão cultural e social de força e de trabalho. Se a observação participante corresponde à técnica mais aberta de lidar com as falas dos informantes, a técnica mediadora constitui-se das entrevistas, em que ocorre uma relação de comunicação mais equilibrada dos sistemas cognitivos – o que é observado e o que observa, referindo-se, respectivamente, as visões êmica (do pesquisado) e a ética (do pesquisador). O ético será sempre uma interpretação do êmico da cultura e não a própria cultura (Campos, 2002).

2.3. A Execução da Pesquisa de Campo

A execução do plano de intervenção atendeu aos objetivos propostos e, portanto, o trabalho de campo foi precedido de um levantamento a nível teórico sobre o problema estudado fundamentando-se nas questões levantadas dentro dos limites do marco teórico e dos pressupostos delineadores da pesquisa. As etapas que direcionaram a coleta de dados envolveram os seguintes procedimentos metodológicos:

1 - levantamento e acesso ao acervo bibliográfico, para fins da obtenção dos dados sócio-ambientais e ecológicos relacionados aos fenômenos ocorrentes na região e na comunidade. Esta etapa teve início em agosto de 2001 e acompanha os passos que envolvem a execução da pesquisa.

2- aplicação do pré-teste promoveu a seleção das técnicas de pesquisa mais adequadas aos objetivos propostos, sendo: mapeamento da área de estudo, percorrimto da área, questionário sócio-econômico, registro fotográfico, história de vida, censo, diário de campo e entrevistas, testadas para melhor adequação aos propósitos da pesquisa. A realização do pré-teste aconteceu de 02 a 15 de setembro de 2001.

3- pesquisa de campo – inicialmente algumas dificuldades apresentaram-se como limitantes devido aos objetivos propostos pela pesquisa, ou seja, de apreender os processos perceptivos gerados pela população local. Isto porque o único trabalho científico existente na área trata da Utilização dos Recursos Vegetais no Vale do Aricá (Pasa, 1999). Com isso, o fator tempo sofreu um acréscimo considerável alterando o cronograma de execução devido ao preparo dispensado ao informante no que antecede ao uso do gravador para o registro das entrevistas, especificamente para a população dessa área rural. Portanto, a pesquisa de campo iniciou-se em 11 de outubro de 2001 e foi até dezembro de 2002, com frequência de visitas semanais, inicialmente, e quinzenais nos últimos meses da pesquisa.

Quanto às técnicas aplicadas para execução da pesquisa de campo utilizou-se desde o questionário, que corresponde à técnica mais fechada de lidar com a fala dos informantes, até o outro extremo, a observação participante. Entre os extremos, utilizou-

se a técnica da entrevista e a história oral. A técnica da entrevista, mais flexível do que o questionário pelo tipo de linguagem empregada, pode ser mais ou menos aberta às peculiaridades culturais do informante (Viertler,2002).

A técnica da entrevista utilizou-se das modalidades semi-estruturada e não estruturada (Minayo,1994) onde diferem em grau (mais ou menos dirigida) e a ordem dos assuntos não segue uma seqüência rígida e sim, determinada pelas preocupações e ênfases que os informantes dão ao assunto, além de não comprometer a observação unilateral dos fenômenos em questão. Viertler (2002) “(...) na técnica da entrevista, enquanto as modalidades semi-estruturada e estruturada dão maior controle da situação ao pesquisador, as não estruturadas dão um maior controle para o informante.

Para Corrêa (1978) as fontes históricas podem ser analisadas segundo vários aspectos e a partir de cada um, classificadas segundo suas características. Assim, o autor ressalta que a história oral é a transmissão, de fatos de geração em geração que, por suas características, não são transmitidos intencionalmente para a própria preservação e sim, objetivam apenas o seu conhecimento imediato.

Através da história de vida (Meihy,1996), objetivou-se captar o processo de memória e de reflexão crítica da população local acerca de suas vivências tidas em condições sociais específicas. Também foi possível, através dessa técnica, a constatação de valores, ideais de vida, expectativas, dificuldades e conquistas face aos vários processos sociais vivenciados pelos informantes ao longo de sua existência e convivência no local.

2.4. As diferentes Técnicas utilizadas na Pesquisa de Campo

Questionário: o tipo aplicado constituiu-se da combinação de perguntas abertas e fechadas. Através deste obteve-se informações referentes aos dados sócio-econômicos e culturais da população local.

Entrevista: a aplicação de entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas tem por objetivo apreender a importância ambiental cultural e social dos fenômenos locais, através das informações a respeito de conhecimentos sobre o ambiente e o cotidiano emitido pelo informante.

Diário de campo: registro de informações pertinentes à pesquisa, durante o desenvolvimento do trabalho de campo.

Croquis: é o mapeamento da área de estudo, alocando os pontos de coleta representados pela residência, mata de galeria, manancial hídrico, espaços de produção e distribuição das espécies vegetais nas unidades de paisagem.

2.5. Estratégias de Análise: Tratamento Qualitativo

O envolvimento de determinantes sócio-culturais, biológicos, ambientais e ecológicos constitui o fio condutor da análise dispensada ao conhecimento e o saber que a comunidade rural detém sobre o espaço que vive e co-existe no ambiente. A Ecologia ao enfatizar sua base nas ciências biológicas constitui-se uma ciência “exata” e “aplicada”. “Exata” por utilizar-se do instrumental da matemática, da física, da química, etc. “Aplicada” pelo fato do comportamento humano ter a ver com a estrutura e função dos ecossistemas (Odum,1988). Entendendo que essa sociedade rural possui uma convivência organizada, é certo dizer, que o elemento que rege essa convivência é chamado cultura porque promove a sobrevivência social por um tempo mais ou menos prolongado no ambiente. Assim, o comportamento de um ser humano não pode ser explicado por ele mesmo, enquanto unidade de referência isolada, mas sim, que é necessário compreender as ações e comportamentos sociais dessa comunidade rural em termos de referenciais culturais específicos ao seu contexto social.

Portanto, captar do informante o pensar o tempo e o espaço, enquanto ambiente de convívio, significa o afloramento perceptivo dos aspectos de suas manifestações culturais sobre as coisas e os fatos que existem nesse ambiente. Essas classificações constituem um recorte de intrincadas cadeias de informações que serão reveladas a partir do comportamento e da vida prática do informante. Isto quer dizer que na realidade social, um tipo de *saber* no mundo tradicional, sempre aparece interligado a um *fazer*, a uma vivência, a uma modalidade de *cultura prática*, em outras palavras, a uma interferência real no ambiente do grupo investigado (Viertler,2002).

Assim, abordando os viéses da etnobiologia (Posey, 1987) onde estão incluídos os fundamentos práticos do conhecimento ecológico tradicional e o conhecimento ecológico científico e adentrando na etnobotânica presencia-se que a população local classifica as plantas conforme a utilidade que lhes atribuem, porque foram construídas a partir das práticas sociais, tais como o trabalho de coleta das plantas em mata de galeria, o cultivo da terra para as roças de subsistência, preparação de comidas e remédios ou a cura de doenças. As doenças e sintomas referidos pela população local foram agrupados e classificados em 17 categorias de doenças, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças 10ª revisão, elaborada pela Organização Mundial de Saúde (2000).

Não é nada fácil tentar reconstruir cientificamente um sistema de pensamentos e percepções quando esses portadores de culturas “outras” fundamentam seu processo de elaboração racional em dispositivos de percepção sensorial e categorias de *temporalidade – espacialidade* diferentes daqueles do pesquisador, motivo pelo qual o presente método parece ser a estratégia de análise mais adequada para descrever as percepções, representações e os símbolos de uma cultura. Trata-se de decifrar os fenômenos que modelam a relação entre a ação, o pensamento e o que é falado, expressos pelos modos de agir sobre o ambiente e as transformações nele contidas. Harvey (1989) ressalta a importância de reconhecer as múltiplas qualidades objetivas que o tempo e o espaço podem expressar, assim como o papel das práticas humanas na sua construção “(...) *as concepções de tempo e de espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social*” “(...) *Cada modo distinto de produção ou formação vai incorporar um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço*”.

Do ponto de vista cognitivo, o interesse recai sobre a importância das representações ou idéias coletivas que predominam na comunidade local a respeito das diferentes unidades de paisagem nas quais essas pessoas vivem no cotidiano, cercados pelas atividades de trabalho e de lazer. Assim, os espaços físicos por onde o homem rural transita e conhece muito bem, não pode ser considerado apenas um espaço físico, mas também social e que, atrelado ao fator cultural, detêm qualidades simbólicas para todos os membros dessa sociedade. Então, captar o universo de significados de uma outra cultura exige, portanto, um esforço incessante de compreensão dos fenômenos a

partir dos referenciais e categorias nativas. Segundo Geertz (1989) é fazer com que um significado expresso no sistema *de lá* seja expresso no nosso sistema *daqui*.

3.0. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. A Comunidade de Conceição-Açu e as Matas de Galeria

A comunidade de Conceição-Açu pertence à região de mesmo nome e associada às comunidades próximas como Pantanalzinho, Bom Jardim, Bom Jesus e Olho D'água, formam a região do Bambá. A área de estudo é caracterizada como uma área eminentemente rural e ao mesmo tempo ribeirinha com influencia fluvial sazonal ou permanente. A base da arquitetura paisagística natural na região é a mata de galeria. A área que delimita o espaço geográfico que é ocupado pela comunidade de Conceição Açu e as áreas circunvizinhas da região do Bambá. A leste é delimitada pela Serra da Chapada dos Guimarães, oeste Olho D'água, ao norte Vale do Aricá, ao sul Pantanalzinho e a sudeste por Bom Jardim e Bom Jesus (**Figura 2**)



FIGURA 2. Localização da região de Conceição Açu e a Serra da Chapada dos Guimarães. Cuiabá. Estado do Mato Grosso 2003.

A área na qual habita a comunidade de Conceição-Açu é representada por uma diversidade de ecossistemas que se completam e se integram nas dinâmicas ecológicas locais percebidas imediatamente pelas diferentes unidades de paisagens: o da mata de galeria, o da várzea (alagada temporariamente durante o ano) e o da terra firme (campo cerrado), nos quais se observa uma diferenciação de formações florística e vegetacional, conseqüentes de fatores relacionados à interação entre os elementos solo-planta-clima. Segundo Schubart (1980) “...quanto a floresta de galeria, para se entender a dinâmica que a mantém, que a renova, que a modifica, faz-se necessário considerá-la como um ecossistema, do qual as árvores constituem apenas um elemento ao lado de muitos outros elementos...”

3.2. *Os moradores e sua cultura*

Dentre as diferentes formas de apropriação de bens materiais, os grandes e os médios proprietários formam uma camada permeável ao poder aquisitivo, envolvendo a compra e venda de produtos e, deste modo, se ligando ao mercado capitalista. Já, os proprietários do tipo sitiante não seguem esse ritmo, ligam-se aos cultivos de lavoura em escala reduzida, apenas para a subsistência. Esta segunda categoria envolve, também, os agregados, que são pessoas que trabalham em parceria com os sitiantes recebendo porcentagem da colheita em troca da mão de obra, às vezes envolvendo, praticamente toda a família nos trabalhos da lavoura.

A relação de solidariedade entre moradores locais é traçada pela participação em trabalhos de mútua ajuda, solucionando problemas de mão-de-obra, suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. Não se considera como um ato de piedade ou de socorro, é antes, um gesto de amizade, cooperação, beneficiamento coletivo sobre o produto em questão. Esta modalidade de “parceria de trabalho” é comum em todos os setores das atividades que envolvem o cotidiano dos moradores locais e é denominado de “mutirão”. Esse tipo de acordo entre pessoas que vivem em constante cooperação é ressaltado por Cândido (1987)

...”na sociedade caipira a sua manifestação mais importante é o mutirão e D’Alincourt (1818) encontrou-a arraigada e corrente, entre Jundiá e Campinas, “ [. . .] numa casa, em que, nesta ocasião havia um grande número de pessoas, de ambos os sexos; por ser costume juntarem-se muitos para o trabalho, a que chamam muchiron, na linguagem indiana; e assim passam de umas a outras casas, à medida que vão findando as tarefas”.pg67.

Caracterizado como um fator de sociabilidade, as rezas representam a força da religiosidade. Caracterizam-se por eventos do tipo “improvisado” por agrupamento não estruturado, caracterizado por rezas caseiras do tipo novena, orações, pedidos ou, também, agradecimentos, geralmente para cumprimento de promessa individual ou familiar. Nesse caso as pessoas que participam são os membros da família, os membros da fazenda, do sítio ou chácara e os vizinhos mais próximos.

Em se tratando das relações de lazer, a Festa de São João é a mais popular na região e acontece, sempre no mês de julho. É comemorada pelos participantes das comunidades vizinhas e pelas famílias locais. A festa é realizada na escola municipal da região.

Para os dias santificados, a população local segue a tradição da “Sexta-feira Maior”, que na religião católica significa a Sexta-feira Santa que antecede à Páscoa. Guardam com muita fé e devoção este dia santo. Acreditam que trabalhar nesse dia pode causar prejuízo material e espiritual, pois a atitude é considerada como um desrespeito às normas das religiões.

Do ponto de vista geográfico, a região do Bambá é grande porque comporta várias comunidades, estando as residências relativamente distantes uma da outra, porém quando as pessoas das diferentes comunidades se encontram em eventos festivos, religiosos, de trabalhos ou mesmo de visitas e amizades eles se comunicam com tanta facilidade que parecem estar muito próximos, como se não houvesse distância que os separe geograficamente. Colocações como “*dias atrás andei ali prá baixo perto da tua área*”...(a referência *ali prá baixo* fica a uns 20 km de sua moradia) ...” *fui buscá um gado pro lado de cima do rio*”... (distante 25Km); ...”*ontem encontrei o fulano ali na banda do corgo Apiancó*”.. (18 Km); ...” *cumé que tá as fabricação de farinha mandioca ali do Vale do Aricá?*”... (Vale do Aricá é uma comunidade distante dessa em torno de 50 Km).

É interessante esse fato sobre distância porque a maior parte das pessoas, na região, se locomovem a pé e/ou de montaria. Parece que essa noção de distância só se estreita com a possibilidade do percurso ser feito de automóvel que, por ser rápido e prático, dinamiza o acesso e o contato intra e interregionais. A impressão que se tem, baseado no que eles referem, é que o espírito de solidariedade e de comunidade é tão forte entre as pessoas que os tornam próximos geograficamente, talvez pelas dificuldades inerentes ao ambiente rural ou pelas semelhanças das tarefas calcadas no tempo e na história local. Ou ainda, é possível que o próprio isolamento geográfico os arremete para níveis de aproximação geográfica mais elevadas.

Fato semelhante é reforçado por Cândido (1987) ...“*ressalvada a diferença econômica, é freqüente ve-los em pé de quase igualdade nas festas, nos passeios, nas conversas da vila ...*”.

Mesmo que no espaço territorial ocorra a formação de alguns latifundiários que chegam à região para se estabelecer e se estruturar economicamente trazendo novas situações de convívio e conhecimentos; grande parte da população é de minifundiários que, sob a presente condição, permanecem em semelhante homogeneidade na região. Ora, favorecendo a permanência cultural e a tentativa de estabilização das formas sociais, ao contrário das diferenças que proporcionam novas comunicações e a incorporação de novas formas sociais. Com efeito, a explicação para esse fato pode repousar sobre os contatos intergrupais e intragrúpicos que podem ampliar a possibilidade de relações entre esses indivíduos. Além do que, eles desenvolvem as mesmas práticas festivas, de trabalho, a mesma literatura oral, a mesma organização da família, os mesmos processos agrícolas e o mesmo equipamento de uso nas lidas em geral.

Estas considerações adquirem maior clareza quando encaramos a evolução por que passaram, no decorrer desses anos de sobrevivência. Aprenderam a aprender a superar as dificuldades, necessidades e a própria distância que os limitava geograficamente, dificultando-lhes ou impedindo-lhes as possibilidades de acesso. Aprenderam a conviver harmonicamente com a natureza, conhecendo-a e conservando suas potencialidades porque sabem que dela dependem. Conhecimento que é passado de geração para geração. Sob essa estrutura, percebemos, muitas vezes a origem familiar. Filhos casados se estabelecem próximo dos pais, que envolvidos pelo vínculo da solidariedade de parentesco, fortalecem a unidade familiar através da força de seus trabalhos.

Segundo depoimento dos moradores antigos que acompanharam a história da região, o tempo e os fatos ocorrentes provocaram um rearranjo na organização da população local, acentuando-se vagarosamente a diferença entre sítio e fazenda. Os poucos latifúndios existentes se formaram à custa de proprietários menores, através da retalhação e compra das terras – esta sempre fácil numa sociedade em que a dificuldade financeira para obtenção dos títulos desarmou o pequeno proprietário, na fase em que a expansão econômica passou a exigir os requisitos legais para configurar os direitos de propriedade. Sendo assim, é possível compreender o processo da mobilidade espacial, associando terras disponíveis e, com isso, redemarcando novas fronteiras e a configuração espacial dos latifúndios na região.

A exemplo das dificuldades na legalização dos títulos de propriedades rurais acompanhamos as atividades do Sr. M. M.R (59 anos) que possui um sítio na área, totalizando 128 hectares de terra. As dificuldades apontam inicialmente para morosidade do trabalho público que, segundo o entrevistado, cobram a taxa da inscrição da propriedade sem sequer conferir a quantidade de terra indicada pelo proprietário. Secundariamente, o valor da taxa é muito alto e, a pedido do mesmo, procedeu-se à revisão dos cálculos. Outro fator é a demora para a obtenção dos papéis a serem encaminhados ao cartório para registro do imóvel. O preço é alto para pessoas que vivem da subsistência, pois não possuem salário ou outro tipo de remuneração sistematizada. Portanto, o desfecho do presente fato se deu quando o morador acima citado se desfez de uma cabeça de gado para dispor, em espécie, o valor cobrado pela Prefeitura Municipal e o Cartório de Imóveis.

Nas duas componentes básicas da estrutura social de Conceição Açu encontrou-se a presença da cultura. Em uma, a face dos pequenos proprietários ou empregados que assinalam as suas manifestações mais típicas, visto que, a inferioridade econômica possa ter afetado a estabilidade e assim impedindo-lhes o ajustamento social; a outra, a face dos grandes proprietários, vista como superior na estrutura social, que já se desligou, em parte, da cultura popular, acompanhando a evolução dos núcleos urbanos. No âmbito da primeira devemos incluir os trabalhos de agricultura, coleta de produtos nas matas de galeria de sua propriedade, confecções domésticas, principal fonte dos bens de consumo, como os utensílios, alimentos – o que contribui notavelmente para a auto-suficiência. Esta se configura em dois planos interdependentes: da família e da vizinhança.

Ao lado desses elementos de fixação uma característica importante que perdura até hoje na vida dessas pessoas de hábitos minimalista e simplista é a presença da terra e de suas matas, que desempenham um papel duplo no contexto espacial e social. De um lado, constituem um patrimônio que representa a situação de posse, de poder, de luta e história de vida. A sobrevivência nos momentos de reequilíbrio, ao reajustar, sempre que necessário, situações difíceis economicamente calcadas no tempo e na história de vida das pessoas e do próprio ambiente em si. Do outro lado, a subdivisão da propriedade representa a fragmentação da terra, como espaço físico, e a conseqüente diminuição de sua propriedade, de suas posses e de seu poder. Porém,

entendem que a divisão de sua propriedade como herança é um fator de força social, cultural e familiar que tende a fortificar e perpetuar suas relações familiares. Gostam e preferem que seus bens materiais e seus costumes permaneçam com a própria família.

Pelo fato de superarem as dificuldades e elaborar formas de equilíbrio ecológico, os trabalhadores rurais de Conceição Açu se apegaram a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Em verdade, esse mecanismo de sobrevivência, pelo apego às formas mínimas de ajustamento, conservou a essência de sua cultura. A permanência dessa cultura é que lhes proporciona a sobrevivência bio-social, a qual, caso tivesse acompanhado o progresso teria como consequência a derrocada das formas culturais ali existentes.

Em Conceição Açu encontram-se, pois, numa situação de confronto, a pecuária e o criatório de gado para subsistência familiar; a pequena policultura e a grande monocultura; o latifúndio e o minifúndio; o imigrante e o trabalhador rural (de saber local); o presente e o passado.

Em algumas das pequenas propriedades a vida é pouco confortável. Não possuem automóvel e nem energia elétrica. A estrutura de suas moradias varia desde coberturas de babaçu até de alvenaria e possuem, em média, três quartos, uma sala e uma cozinha. Quase todas as propriedades da região possuem área nos fundos e na parte da frente da casa. Os móveis, em geral, são simples e rústicos. A maioria possui geladeira, fogão a gás e televisão. O rádio é o mais popular dos aparelhos eletrônicos, todas as pessoas possuem pelo menos um. Poucas famílias possuem telefone rural. Quando precisam comunicar-se por causa de alguma emergência recorrem às propriedades próximas que possuem o aparelho telefônico. As pessoas não só emprestam o aparelho como também transmitem os recados com satisfação. É grande o sentimento de solidariedade entre as pessoas locais.

O nível de escolaridade é baixo, sendo que a maioria cursou no máximo até a 4ª série do primeiro grau e 30% das pessoas não possuem escolaridade (Tabela 1).

TABELA 1. Dados sobre o nível de escolaridade.

Nível de Escolaridade		1º série	2º série	3º série	4º série	Não Escolarizado
Feminino	37	22	8	4	3	9
Masculino	23	13	5	3	2	17
Total	60	35	13	7	5	26

Considerando a procedência dos informantes pode-se dizer que a maioria (69%) são de Mato Grosso e o restante representam os Estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Tocantins e Santa Catarina.

Em relação à assistência a saúde dos moradores da região de Conceição Açu, a mesma acontece através da prestação de serviços ambulatoriais da Fundação de Saúde de Cuiabá – Coordenadoria de Saúde Rural da Prefeitura Municipal de Cuiabá. Os serviços prestados incluem atendimentos Médico, Odontológico e Equipe de Enfermagem com assistência mensal na região. **(Figura 3).**



FIGURA 3. Coordenação de Saúde Rural da Prefeitura Municipal de Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003.

Quanto à adubação constitui-se da adubação natural a base de esterco de animais domésticos e também o uso de terra humificada dos terraços dos rios e córregos após as chuvas, ricas pela deposição de substâncias carregadas pelas águas. Esse último tipo consiste na técnica natural de adubação através do espalhamento dessa terra sobre hortas, jardins ou pequenas lavouras de subsistência. Praticamente não utilizam os produtos veterinários. Para o tratamento dos animais machucados ou doentes utilizam a fitoterapia, a exemplo, a utilização do óleo de copaíba nos ferimentos de bois, cachorros e gatos, principalmente.

A maioria dos pequenos proprietários não possui sequer trator e nem carroça. O transporte é feito, geralmente, no lombo do animal. E no setor da cultura espiritual não há cinema, livrarias ou mesmo a venda de livros e jornais.

Na comunidade de Conceição Açú a parte mais característica, para o observador, é a massa de pequenos proprietários, quase sempre nivelados pelos recursos econômicos e pela semelhança das atividades e dos caracteres comuns ao estilo de vida.

Nessa conjuntura de “progresso” capitalista e social podem-se observar duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração (Cândido,1987). Os de persistência perduram, no presente, o equipamento cultural (ou parte dele) e das formas sociais, estabelecendo na medida do possível, continuidade entre as sucessivas etapas do processo de transformação social. Os segundos, em menor quantidade, incorporados ou gerados no grupo local, visam o reajuste funcional ora, oriundos pelas variações de equilíbrio e fatores de alteração que se avultam até motivarem um rearranjo (ou reorganização) de ordem estrutural. Portanto, a dinâmica do equilíbrio social na região tem como base essas duas categorias que configuram a pirâmide social.

Nas relações de trabalho e de comércio é comum o processo de abate e venda de gado. Os comerciantes vão até a residência do sitiante abatem o gado no local e levam a mercadoria para revender na vila. O pagamento, geralmente, é feito em espécie, com pagamento total ou parcial da mercadoria comprada.

A exemplo, acompanhamos as negociações feitas por um morador que vendeu um de seus bois para o açougueiro da vila “Olho d’água” com o objetivo de custear parte de seus impostos na regularização de sua propriedade. Sua família não

gosta de se desfazer de seus bens com muita freqüência, somente quando não existem outras alternativas para resolver os problemas financeiros. Segundo depoimento do entrevistado, em certas épocas o preço da arroba do boi é baixo e vendê-lo, praticamente não compensa porque o tempo de abate desse animal leva em media de três a quatro anos. Este caso mostra como o pequeno produtor está submetido às vicissitudes da economia geral do Estado e de próprio País, sendo que o contato é feito indiretamente por meio do comerciante da vila, que funciona como comprador de seu produto pecuário e revendendo seus produtos na região do Bambá.

Quanto ao crédito financeiro obtido através da venda do gado, o sitiante pode optar pelo crédito total ou parcial. Na segunda opção o comerciante deixa-o em aberto, para ser adquirido conforme a vontade ou a necessidade do credor. Os produtos de consumo são agora, na maior parte, obtidos por compra. Ao presenciarmos as compras executadas no comércio local, os produtos básicos adquiridos são: arroz, feijão, café, açúcar, sal e macarrão. Conforme a demanda do consumo familiar, baseado nas necessidades de sobrevivência, o crédito no comércio da vila pode se perdurar por meses a fio. Essa prática é detectada, principalmente, no ano que o sitiante não obteve uma boa colheita de produtos agrícolas em consequência de efeitos climáticos.

3.3. Crescimento Demográfico

A predominância da população humana adulta na região de Conceição- Açu (73%) é demonstrada através da diversidade das atividades de trabalho referentes às formas de produção existentes na região. Estatisticamente, entre esses adultos ativos no sistema de produção, a predominância assinala para o sexo masculino, conforme demonstra a **Tabela 2**.

Em termos estatísticos o número de crianças e jovens é relativamente baixo (27%) sendo que a média é de 2 filhos por família. O número de filhos por família variou de 1 à 3. Esses números são baixos quando se pesa o poder de transmissão dos conhecimentos à novas gerações, o que poderá colaborar com a erosão cultural da população da região devido à falta de transmissão dos etnoconhecimentos locais.

Ainda, na **Tabela 2** pode-se observar que do total das famílias entrevistadas, 30% dessas não possuem nenhum filho, na propriedade, o que representa o real

enfraquecimento da força de trabalho familiar nas unidades de produção que responde pela subsistência das famílias.

Do total das 24 famílias entrevistadas três famílias são constituídas apenas pelo casal (12,5%). Em duas propriedades as mesmas são administradas por mulher, que moram e trabalham sozinhas.

TABELA 2. Número total de pessoas por família e sexo. Comunidade de Conceição
Açu. Município de Cuiabá. Mato Grosso. 2002.

FAMILIAS	NºDE	MULHER	HOMEM	NUMERO DE	FORA DE
	PESSOAS			FILHOS	CASA
				EM CASA	
01	5	2	3	(3)	(0)
02	4	2	2	(2)	(2)
03	5	1	4	(2)	(0)
04	2	1	1	(0)	(0)
05	2	1	1	(0)	(0)
06	3	2	1	(1)	(0)
07	4	1	3	(2)	(0)
08	5	2	3	(3)	(2)
09	3	2	1	(1)	(0)
10	2	1	1	(0)	(2)
11	4	3	1	(2)	(0)
12	1	1	0	(0)	(2)
13	4	2	2	(2)	(0)
14	1	0	1	(0)	(1)
15	3	1	2	(1)	(0)
16	5	3	2	(1)	(1)
17	2	0	2	(0)	(0)
18	4	3	1	(0)	(1)
19	5	2	3	(3)	(0)
20	4	1	3	(2)	(0)
21	4	2	2	(2)	(0)
22	4	1	3	(1)	(1)
23	5	2	3	(2)	(1)
24	5	2	3	(3)	(0)
TOTAL	86	38	48	33	13

3.4. *A Configuração Espacial: Da existência à subsistência*

Na região, diríamos que, pelo menos, três ambientes ecológicos são imediatamente percebidos: o das matas de galeria, o da várzea (alagado temporariamente durante o ano) e o da terra firme (campo cerrado), nos quais se observa uma diferenciação de formações florística e vegetacional, conseqüentes de fatores relacionados à interação entre os elementos solo-planta-organismos-microorganismos. Na mata de galeria, para se entender a dinâmica que a mantém, que a renova, que a modifica, faz-se necessário considerá-la como um ecossistema, do qual as árvores constituem apenas um entre outros elementos que a caracterizam, onde a população local, através das atividades do seu cotidiano, expressa a importância ecológica existente entre o ser humano e os componentes desse ambiente.

Para a população local as matas de galeria além de representar um espaço onde se desenvolve seu trabalho e sua fonte de subsistência, representam, também, um espaço mítico que abriga certas lendas e crenças. Simbolicamente relatam fatos de que espíritos de índios que habitaram essas matas são os verdadeiros guardiãs da mata e mencionam diferentes formas de representação espiritual e material em relação ao uso exploratório dos recursos naturais. São marcantes e conscientes as noções que possuem do respeito e da conservação das espécies vegetais e animais nas matas de galeria. Apontam para a valorização de suas propriedades pela quantidade e qualidade da água que corre em suas terras influenciando a vegetação e a sua própria vida nesse local. Relatam, ainda, que os espíritos orientam suas decisões sobre os recursos usados, extraídos ou manejados na mata “... *no caso da pessoa não obedecer a voz maior e cometer abuso, ela receberá muitas penas como forma de castigo* (Sr. J. B. F. 78 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT.2002). As penalizações, segundo seus relatos, variam desde dores de cabeça até a “disgracera” completa, isto é, tudo que se faz nada dá certo. Então perguntou-se: o que fazer quando isso acontece? “*a pessoa tem que reparar o erro, se arrepende e aceita até que o castigo termine... ela pode trabalhar mas não pode nunca mais errar senão não tem mais jeito... tem que sair pra outro lugar e recomeçar outra vez*”.

A relação de co-existência entre os habitantes da comunidade de Conceição Açu e as matas de galeria da região transcende o caráter econômico que é altamente determinante, para sua sobrevivência, para alcançar o caráter social e cultural; mágico e religioso. Entendem a mata como vida e, como vida, precisam mantê-la e renova-la para que essa fonte de vida não se esgote no presente e no futuro.

No sentido antropológico e social da questão que envolve a presente comunidade rural, fazem sentido considerações como a influência do clima, do tempo das chuvas, da seca, do nível das águas, do sistema hídrico para a vegetação, caracterizando, assim, o modo como a população local se organiza socialmente através de suas atividades cotidianas. É impossível dizer que entre esses elementos algum seja mais importante que outro, pois cada um tem sua essência ao condicionar cada atividade a ser executada pelas pessoas locais.

3.5. *O viéz da etnohistória*

A família Coelho chegou na região no ano de 1949 vindo de Livramento. O clã era composto por quatorze pessoas sendo o pai, a mãe e doze filhos, destes 3 homens e nove mulheres. Aqui chegando o Sr. P. da C. C. comprou 450 hectares de terra. Para efeitos de legalização as terras eram divididas em Sesmarias.

O Governo Estadual através do Órgão da Repartição de Terra era o responsável pela burocratização dessas terras e de todas as terras do Estado do Mato Grosso, localizado na cidade de Cuiabá. Ao que parece esse órgão resolvia todo e qualquer tipo de problema que estivesse relacionado com a compra, venda e legalização de terras.

O Sr. G. C. de 68 anos de idade, T. C. de 66 anos e N. C. de 62 anos, filhos do Sr. P. da C. C. lembram a morosidade para se conseguir as escrituras das terras além de outros fatos que representam suas histórias de vida no processo de ocupação e existência na região, através de mentefatos e sociofatos que são traduzidos através da etnohistória local, revelado conforme depoimento dos entrevistados.

...”o tempo que a gente levava pra chegar até Cuiabá variava muito ... se fosse no tempo da seca três dia dava conta de chega

lá, agora se fosse no tempo das água era bem mais sacrificio porque o carro dos boi atolava ou quebrava e tinha que esperá junto no carro até concertá porque tinha produto pra se vende na cidade... era muito dificil no tempo das água, as vezes se levava até mais de semana prá ir e voltá... Era tudo muito demorado...Mais tinha de tê muita calma porque não tinha outro jeito...” (Sr. G.C., 68 anos., Sra. T. C., 66 anos e J.C.,62 anos. Comunidade de Conceição Açu, Município de Cuiabá, MT. 2002).

Essa divisão “etnosazonal” exerce um importante papel na concepção do habitante da região sobre a noção de temporalidade. Desse modo, o tempo tem uma conotação mais climatológica do que cronológica. Relacionam o tempo de acordo com as mudanças da natureza: com a presença ou ausência de chuvas, com o tempo seco ou tempo úmido, com a subida ou a descida das águas dos rios, com o sol mais curto ou mais comprido. Essa prática evidenciada pelos moradores da região atesta a relação de coexistência que essa população mantém com o ambiente em seu meio adaptativo. Apreendem a noção do tempo e do espaço através de práticas rotineiras do dia a dia criando um código próprio, ao invés de adotar o código oficial do mundo moderno determinado pela cronologia.

“ Esse lugar era chamado de Capão dos Bugres, mas pertencia a Sesmaria do Capim que era composta por 11.000 hectares e pela Sesmaria Santa Tereza, do Monjolo, Conceição Açu, Aricá Grande e outras... Cada ano ou par de ano papai comprava mais um pedaço de terra podia se pequeno ou grande dependia do dinheiro da colheita...Quando papai e mamãe morreram as terras foram divididas entre os doze filhos... que tão até hoje aqui morando e tocando as lidas...” (Sr. G.C., 68 anos., Sra. T. C., 66 anos e J.C.,62 anos. Comunidade de Conceição Açu, Bambá, Município de Cuiabá, MT. 2002).

Parece claro que a história da origem da presente comunidade se deu pela associação de dois fatores determinantes, inicialmente a ocupação geográfica da região por um número reduzido de famílias e, a partir daí, mais acentuadamente pela relação de parentesco entre as pessoas locais.

A organização social na região por um longo período presenciou além da família nuclear e de parentesco (Werner,1992) também a figura do agregado que,

contratado por alguns poucos fazendeiros o seu trabalho foi extremamente útil para o desempenho das atividades de pecuária e agricultura nessa região.

O agregado foi a única categoria da classe trabalhadora, embora não recebesse qualquer salário, existente na região desde 1945. Essa categoria se estruturava socialmente através das partes acordadas, no caso proprietário e agregado onde a dinâmica do regime de trabalho acontecia da seguinte maneira:

O proprietário das terras (patrão) cedia, temporariamente, para o agregado uma quantidade de terra que variava conforme o total de suas posses. Esse último podia construir o seu “rancho” (casa modesta de madeira, barro e cobertura de babaçu), a roça, o quintal e a horta. Os produtos colhidos na roça ou coletados na mata apresentavam caráter específico para a subsistência. Os excedentes, quando existiam, eram comercializados. O acordo entre proprietário e agregado era apenas verbal, sem a existência de qualquer documento comprobatório. O que estava em jogo era o trabalho e a palavra, para ambos. O trabalho do agregado se resumia quase que exclusivamente com os cuidados na criação de gado (pecuária extensiva), ordenhamento, pastagens e produtos obtidos da carne e do leite.

Lembram com riqueza de detalhes as primeiras construções feitas na região contrastando as dificuldades geográficas existentes naquela época

“... A primeira ponte foi construída ali no rio Aricá, em 1958 pelo prefeito de Cuiabá o Seu Vicente Vuolo. Em 1961 foi aberta a primeira estrada nessa região...Era uma boca de lamina, era uma pista só que dava pra passa só o carro de boi,o único da época... Também passava os, boi, cavaleiro e as pessoas que andavam a pé. Os carros de boi levava comida,os produto colhido na roça, isso tanto fazia para cá ou pra lá pras bandas de Cuiabá. A gente vendia o produto na cidade em Cuiabá ou trocava também e sempre era logo depois da colheita, a gente guardava as tuia cheia e o que sobrava nós fazia o dinheiro pra pode compra outras mercadoria... Sr. G.C., 68 anos., Sra. T. C., 66 anos e J.C.,62 anos. Comunidade de Conceição Açu, Bambá, Município de Cuiabá, MT. 2002).

O proprietário das terras era a primeira pessoa a receber a proposta de compra dos produtos excedentes. Caso não tivesse interesse na compra, o agregado era, então, autorizado a oferecer para outras pessoas da região ou vender na cidade de

Cuiabá. Portanto, a comercialização dos produtos excedentes caracterizava-se, primeiramente, dentro da própria propriedade (intraresidencial), em segundo lugar intraregional e em terceiro interegional. Acredita-se que a característica de ordenação da comercialização em primeiro, segundo e terceiro deveu-se, conforme relato dos fatos, pela facilidade das negociações devido à proximidade das áreas. Era muito mais fácil negociar com o proprietário, em termos de transporte da mercadoria, do que para lugares distantes 20 ou 30 Km e mais difícil ainda era levar para Cuiabá, sendo um transporte demorado e cansativo, além do mais, oneroso para quem precisava ter um pouco de dinheiro na mão. Havia vantagem quando precisavam comprar produtos agrícolas na cidade ou outros tipos de mantimentos, os quais não dispunham na região, então aproveitavam a viagem e se procedia ao popular “toma lá e me da cá”, muitas vezes na própria loja que se vendia já se comprava. Os ganhos em espécie eram pequenos, apenas para o gasto ou qualquer eventualidade:

...”Por isso que aprendemos a utilizar e a conservar tudo o que estava ao nosso alcance em nossa propriedade, sem destruir e sem esgotar as reservas porque sabia que da natureza sairia tudo que precisava para sobreviver... Muitas vezes a gente adoecia e o único recurso era a própria planta aqui do local. Aprendia a conhecer as plantas e prepara o chá, ou seja, que fosse por necessidade, onde cada caso era um caso, cada doença se apresentava dum jeito e assim cada planta tinha a sua solução, era remédio bom, curava a gente. Nós buscava as plantas no campo e na mata, na barranca do rio”... Aos poucos a lei do trabalho foram dispensando o agregado... ficava muito caro bota tudo os acordos no papel... e na hora de ir embora tinha que pagar pro agregado muita coisa que a lei exigia... A gente trabalhava muito, a gente plantava nos capões a batata, o cará, a mandioca, a banana, a cana de açúcar, o feijão, arroz e o milho... Em todas as propriedades dessa região era plantado esses produtos... Das matas a gente apanhava semente, fruto, terra preta pra jogar nas hortas e nos quintais e também plantas para tratar das doenças do corpo... sempre tinha um remédio pra dar solução ...De 1949 a 1958 a região continuava como um sertão, com pouca gente nas fazendas, era quase só a família e alguns empregados... A gente também criava muito boi, sempre tinha carne pra comer...” (Sr. B. P. 79 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT, 2002).

Atualmente a unidade de medida das terras nessa região é o hectare. Quando o agregado desempenhava outras atividades além do acordo firmado entre ambos, o

proprietário pagava ao mesmo pelo dia de trabalho, ou seja, em regime de diária o equivalente entre 10 e 50 mirréis (referência válida até 1946, quando acabou o mirréis).

O trabalho de empreita referente ao “roçado” ou “bate pasto” realizado pelo agregado era feito manualmente e a unidade de medida da área trabalhada era o “alqueirão”. Portanto, recebia entre 10 e 50 mirréis conforme a quantidade de “alqueirões” roçados.

Na compra e venda dos produtos agrícolas a unidade de medida era o “alqueire” que funcionava da seguinte maneira: construía-se um caixote de madeira que comportava em média 30Kg de qualquer produto como feijão, arroz, milho etc; esse caixote equivalia a meio alqueire (1/2 alqueire). Assim, dois caixotes, cheio até a borda, com 30Kg cada equivalia a um alqueire (1 alqueire).

O pilão era um importante instrumento usado na época. O pé do pilão era feito da madeira cumbaru (*Dipteryx alata*), ou da lixeira (*Curatella americana*) ou de louro (*Cordia glabrata*). Nesse, eram pilados assiduamente produtos como o arroz e o milho. A pessoa que socava o produto no pilão, era chamada “mão de pilão”. Após a pilação, os produtos eram armazenados em “tuias” (tumbas de madeira) como medida de conservação e para o consumo da família até a próxima colheita. Essas “tuias” ocupavam lugar dentro da casa, geralmente na cozinha ou na sala e quando, fora da casa, em alojamentos do tipo “despensa” ou “paiol”.

O monjolo resistiu até mais ou menos 1949. Esse representava um dos remanescentes da escravidão que existiu na região, que segundo um dos entrevistados referiu que o seu avô era dono de escravos em sua propriedade, esse fato aconteceu por volta de 1928.

A presença da carne, na dieta alimentar da população, era freqüente e permanente. O tipo bovino representava a maior fonte do consumo familiar. Pela falta de energia elétrica e conseqüentemente dos eletrodomésticos do tipo geladeira, a carne era preparada e transformada em carne de sol. “...Primeiramente, a carne bovina era salgada e temperada com alho e pimenta do reino que depois ficava exposta ao sol por várias horas ou mesmo durante o dia todo. Após, ficava pendurada na varanda da casa, pronta para ser consumida”. (Sr. A. M. G. 72 anos. Conceição Açu, Cuiabá. MT. 2002).

Neste momento o entrevistado recorda sobre a abundancia de carne naqueles tempos “... *papai nunca deixou de cortar um pedaço de carne pendurada na varanda para oferecer aos agregados...*”

A carne de porco era outro tipo de proteína muito apreciada na dieta dos moradores locais. O processo de conservação também era necessário para esse tipo de mantimento. Ao fritar-se a carne obtinha-se a banha de porco. Após fritar e salgar todo montante de carne obtido através da matança do animal, a mesma era guardada no meio da banha e acondicionada em latas de alumínio. O estoque durava, em média, de dois a três meses. As latas deviam manter-se fechadas e guardadas em lugares frescos para que o produto não estragasse, pois a carne de porco por ser gordurosa tem tendência à “rançar” se ficar exposta ao calor e ao tempo.

Quanto à religião referiram o catolicismo. Na fala de T.C., 66 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT. 2002)

“... Aqui perto de casa vivia uma mulher, Maria José, que morava sozinha e tinha sua terra, os gado, sua casinha... trabalhava muito, fazia de tudo, tirava leite, tratava dos bichos, buscava o pasto... Ela foi ficando velhinha, perdendo as forças, então todos os dias a gente lavava comida e leite para ela porque não tinha mais forças para cozinhar e trabalhar. Ficou tão doente que teve um derrame... Eu limpei o quartinho que ficava ali no fundo e no outro dia fui com um dos meus irmãos, de carro de boi, buscar a velhinha... ela morou com nós até que morreu... Nos documentos e cartas que ela escreveu para o Patronato de Cuiabá (Escola Patronato localizado no bairro Coxipó em Cuiabá) sobre umas festas que ela participou a gente acha que ela tinha perto dos 100 anos de idade... quando fomos buscar a mudança veio também os “nichos” dos santos que ela tinha... era todos santos católicos...”

As festas comemoradas e os santos homenageados eram muitos. Entre eles, São Benedito, São Sebastião, Santa Luzia e São Carmo.

A festa mais expressiva era a de São Benedito. Acontecia, geralmente, entre julho e setembro. Primeiro fazia-se uma reunião onde todos os moradores da região eram convidados a participar. Nesse mesmo dia tirava-se o rei e a rainha da festa. Praticamente o rei e a rainha, como anfitriões, patrocinavam o máximo possível em termos de comida. O rei quase sempre dava um, dois, três bois ou até mais, conforme a irmandade (membros da religião) que participava. A rainha oferecia o arroz, o feijão, o

bolo, os doces e tudo o quanto podia oferecer. Tirava-se também o festeiro que organizava a festa e providenciava as doações entre os participantes.

A festa de São Benedito durava, em média, de três a cinco dias que se realizava na residência do festeiro. Na ocasião, dançava-se o “siriri”, que é uma espécie de dança caipira muito difundida no Mato Grosso. Além do siriri, tinha o baile onde tocavam as bandas regionais e a dança se estendia pela noite toda. Outro meme do relato histórico da vida de outrora em Conceição-Açu permite interpretar a importância que cada fato, isolado ou associado, representava na vida das pessoas:

...O primeiro automóvel apareceu nessa região em setembro de 1955, o carro era de marca Chevrolet e tinha de motorista o Sr. Dinu que veio de Cuiabá buscá vinte e cinco capado gordo”.. A segunda ponte foi construída em 1964 por papai, P. da C. C., que foi muito ajudado pelo Seu Deoxes Galvão, lá da prefeitura de Cuiabá que já era do reino do Frederico Campos... Essa ponte foi construída no rio Formosa com as madeira da mata me lembro como hoje era o Aricá , o Angico branco e o Carvão branco.... (Sr. G.C., 68 anos., Sra. T. C., 66 anos e J.C.,62 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT. 2002).

3.6. A Origem das Roças e as Práticas Culturais

À organização espacial da região muito se deve às características ambientais e as relações sociais construídas e reconstruídas ao longo da história de ocupação e de trabalho vividas pelas pessoas desta localidade.

A formação dos espaços produtivos e reprodutivos bem como a ocupação do espaço geográfico denominado “roça”, estão montados sobre um cenário que levou décadas para emergir das bases da organização social, política e étnica na região.

Para a formação das roças o primeiro passo se dava através do preparo do solo que acontece com a queimada. Sistemáticamente, essa prática sempre foi tradicional na região. Segundo o depoimento de um entrevistado “...a queimada não pode passar do dia 24 de agosto porque a partir de setembro a primavera sobe muito as roças (vegetação alta) e não deixa queimá a raiz... (Sr. A. M. G. 72 anos. Conceição Açu, Cuiabá.MT.2002).

Após a queimada o trabalho continua com a atividade do *enleirado* ou *enleiramento* que consiste em juntar e empilhar os troncos e galhos queimados que permanecem espalhados sobre a área após a queimada. A lenha empilhada nas roças é utilizada para o consumo doméstico ou, vendida para estabelecimentos comerciais como olarias para a fabricação de tijolos, telhas e cerâmicas, principalmente na cidade de Cuiabá. “...o comprador vinha da cidade buscar a lenha aqui na roça” (Sr. J. da S. S. 67 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá.MT.2002).

O próximo passo é o “roçar”, que consiste na limpeza da terra através da utilização da enxada. Essa técnica consiste no “abaixamento” dos restos da vegetação que permanecem após a queimada. Assim, com o roçado termina o processo de preparação da terra, que antecede o plantio. Significa que a área da roça está pronta, ou seja, o tempo das chuvas está para começar e a terra está pronta para receber a semente.

Geralmente, o plantio do milho acontece em setembro e a colheita se dá em janeiro. As espécies preferenciais para o plantio, nessa região, era o caiama e o cateto paulista. É costume, entre as pessoas da região, referir a maturidade da plantação de milho pela evolução embrionária na qual se apresenta. Isso quer dizer “...dois meses no pendão, ... quatro meses na panela.... seis meses no paiol ou nas tuias...” (Sra. I.S.F. 58 anos. Comunidade de Conceição Açu.Cuiabá, MT.2002), assim não costumam referir o tempo da plantação do milho através de meses e sim pela condição na qual o produto se encontra. Como subproduto o fubá é acomodado na tuia que é um recipiente fabricado de madeira, semelhante a grandes caixotes e que servem para acomodar o estoque de alimento que será consumido ao longo do ano.

“... Nos primeiros anos que nós chegamo aqui o tempo de uma roça chegava a sete ano e a colheita era sempre muito boa. Depois, foi baixando e o tempo era, no máximo, de três ano... depois a gente largava prá capim”. (Sr. G.C. 69 anos. Comunidade de Conceição-Açu. Cuiabá,MT,2002).

Quando chovia muito e ocorria a formação de várzeas era plantado o arroz em dezembro e a colheita acontecia entre abril e maio. O lugar de preferência para o plantio de arroz, para a maioria das pessoas, era a várzea. O arroz plantado em dezembro dava muito bem por causa da umidade que possui essas áreas alagadas e dezembro é o tempo das chuvas. Esta umidade é o fator principal para uma boa colheita porque mantendo a terra úmida favorece a *granagem*. Essa “granagem”, segundo informações dos

moradores locais, é responsável pela formação e pelo cacheamento do grão do arroz. Antigamente, a variedade mais comum na região era o *mirandeiro*, isso pelos anos de 1945 a 1956. Mais tarde foi introduzido o tipo “agulhinha”, também muito bem aceito na região.

Em relação ao plantio do feijão, o preparo das roças seguia o mesmo sistema acima descrito. Entre as variedades, a preferência recaía sobre: o enxofre, manteiga e o branco. O plantio ocorria em março, independente da variedade escolhida. A colheita acontecia entre junho e julho. Após a colheita, o feijão era esparramado sobre uma grande colcha de pano, ali mesmo na roça. O produto permanecia exposto durante uns dois dias sob o sol, sendo remexido freqüentemente para uma secagem uniforme. Durante esses dois dias que ficava esparramado, quando a tarde caía o feijão era amontoado novamente, permanecendo sob esta colcha para não sofrer a ação do sereno. No terceiro dia iniciava-se o processo chamado *bate o feijão*, ali mesmo na roça. Geralmente, quatro pessoas era o necessário para esta atividade. Cada indivíduo se posicionava em um lado, ou em um canto (ângulo) do pano. A forma geométrica desse pano era retangular ou quadrado. Se a quantidade plantada aumentasse de ano para ano, aumentava-se, também, o tamanho da colcha de pano, sempre nas suas extremidades porque era a forma mais prática e mais fácil de costurar a emenda do tecido.

Conforme o feijão ia se desprendendo da vagem, através do ritmo freqüente das “batidas”, era imediatamente peneirado, ali mesmo na roça. Esse procedimento tinha por objetivo tornar o grão mais limpo livrando-o das impurezas como, terra, pedriscos, restos da vagem e ciscos. Depois de várias peneiradas o feijão estava limpo e pronto para ser transportado aos recipientes definitivos das residências, representando a cota anual para o consumo familiar. O excedente representava a cota destinada ao comércio.

Para o consumo familiar o produto devia suprir as necessidades até a próxima safra, no próximo ano. Assim, o produto a ser estocado recebia técnicas especiais que visavam sua manutenção em termos de qualidade.

Primeiramente aplicava-se um produto químico chamado “*jezarol*” em todo o estoque a ser armazenado. Este agia sobre o produto protegendo-o contra o ataque dos possíveis predadores, principalmente do “*caruncho*”.

Após a aplicação do produto o feijão era, então, guardado em *tuias* de madeira ou em *tuias* de zinco, fabricadas ali mesmo na fazenda.

A técnica do armazenamento do feijão nas “tuias” de zinco também tinha um certo ritual que era respeitado pelos moradores da região e que, lhes assegurava uma boa qualidade do produto. A estratégia para a conservação do produto acontecia da seguinte forma: Inicialmente colocava-se 1 *alqueire* (unidade de medida utilizada pelas pessoas da região, citado na página 75) de feijão, sobrepondo-se 1 *alqueire* de areia; outro *alqueire* de feijão, outro *alqueire* de areia... e assim, sucessivamente até encher a “tuaia”.

Assim que a tuaia estivesse cheia até a borda, cobria-se a mesma com uma tampa de zinco, vedando-a com breu. A condição para o sucesso no armazenamento e manutenção da qualidade do produto referia-se à ausência de umidade. O feijão deveria permanecer isento de qualquer grau de umidade, antes ou durante o processo de armazenamento.

Na face antero-inferior (ponto entre a face anterior e a parte inferior) da tuaia de zinco, havia uma abertura que servia para o escoamento do produto a medida que ia sendo utilizado. Portanto, quando ocorria o deslizamento do produto pela abertura inferior, junto descia a areia que era eliminada assim que o produto era lavado para ser consumido.

Além da areia, utilizava-se, com muita frequência, restos da vagem do feijão, triturados pelo batimento e que servia para intercalar o produto a ser estocado nas tuias de zinco em substituição à areia.

A diferença entre a utilização da areia e da “palha” da vagem consistia no trabalho pouco mais laborioso da “palha” na hora de escolher o feijão para cozinhar-lo. Implicava-se num gasto pouco maior do tempo consumido para limpar o feijão antes de ir para a panela.

Às vezes o estoque ultrapassava as cotas médias anuais. Quando estava programado o casamento de um filho homem para esse ano, o produto armazenado aumentava. Era comum, naquela época, que o filho homem ao se casar tivesse como garantia de sobrevivência, as tuias cheias de mantimentos. Representava uma condição de *status* em relação à família da noiva. As tuias cheias asseguravam uma situação

econômica estabilizada para a futura família. Quanto mais variados os produtos nas tuias, maior era o número de tuias e maior o poder financeiro do noivo.

Dentro destes contextos geográfico, social e agrícola a população de Conceição Açu produzia para consumo familiar os seguintes produtos: arroz, feijão, milho, café, açúcar da cana, mandioca, batatinha, batata doce, caldo de cana, polvilho, cangica, broinha (espécie de bolinho de milho assado no forno de barro), algodão, guaraná, tecido, rede e coberta, materiais agrícolas como cabo de enxada, de machado, de facão, de foice, bancos, mesas, cadeiras, estrados de camas, prateleiras, queijo, manteiga, doce de leite, geléias, frutos em calda (sobremesas de frutos da época), rapaduras de leite e remédios com o uso das plantas.

Apenas dois produtos de consumo os moradores da região eram impossibilitados de produzir: o sal e a querosene (líquido combustível, resultante da destilação do petróleo). Estes sempre eram obtidos através da compra ou troca de produtos de suas colheitas.

Em se tratando da dieta alimentar o relato de um entrevistado revela fatos que lembram com saudades do café da manhã servido por sua mãe. Consistia num caldo de cana de açúcar e folhas de capim cidreira (*Cymbopogon citratus*) que era fervido durante uns cinco minutos. Tomava-se quente e acompanhado de mandioca cozida ou frita. Na maioria das manhãs esse era o cardápio oferecido.

Como não se plantava o trigo, o pão de trigo era raríssimo. A farinha de trigo era um produto que devia ser adquirido através da compra na cidade ou a permuta entre os produtos excedentes, o que não deixava de ser uma aquisição onerosa. Assim, os produtos de permuta, comuns pela produtividade na região, tornavam-se baratos quando comercializados com a farinha de trigo, considerada como espécie rara e por isso cara. Tanto a farinha de trigo quanto o pão existiam, porém não eram comuns na alimentação das pessoas dessa região. Comuns eram os alimentos feitos com a farinha de milho como o bolo de fubá, a broa, uma rosquinha de farinha de milho e o mingau de fubá.

Voltar ao passado e descrever algumas características que definiram questões sobre meios de vida ligados ao aspecto social, econômico e ambiental dos anos 50 e que envolveram os cultivos em roças representa, para essas pessoas tradicionais, uma velha

prática de reviver os fatos e os causos que ainda refletem as lembranças saudosistas dos tempos de antigamente.

O presente relato histórico é, antes de mais nada a etnohistória da origem das roças em Conceição Açu onde as pessoas permanecem em seus devidos lugares, considerando o ambiente “natural” tanto um cenário quanto um produto das interações humanas ali existentes.

Entre as famílias que constituem a população de Conceição Açu detectou-se que 20% dessas, em média, moraram, antigamente, no alto da serra da Chapada dos Guimarães. Se comparado aos dias de hoje, praticavam a agricultura de subsistência mais intensamente. Plantavam o arroz, hoje praticamente extinto na região, o feijão, o milho, a mandioca, a melancia, a banana e o mamão. Permaneceram trabalhando nas roças da família, na residência de seus pais, muitos anos após o casamento. Somente mudaram de roça e de residência quando seus pais faleceram.

Este fato pode elucidar duas questões que merecem atenção especial. Inicialmente, conforme Werner (1992), nas sociedades ocidentais existe uma grande variação na composição dos lares. O registro antropológico mostra uma variabilidade ainda maior nas formas que a família pode tomar e na importância que as pessoas dão a seus parentes. Esta variabilidade atinge todos os níveis de relacionamento humano: formas de casamento, moradias, vizinhança, etc. Em populações rurais é comum, após o casamento, os filhos morarem na mesma casa com os pais do marido. Ou, em casa separada, mas ainda na propriedade dos pais. Estas famílias quase sempre são numerosas e os pais sozinhos teriam dificuldades em se dedicar ao trabalho de plantio nas roças sem a ajuda dos filhos tanto na agricultura como nas atividades da casa.

Secundariamente, a questão se refere às recordações do tempo em que habitavam o alto da serra. Naquela época a Serra da Chapada dos Guimarães, a qual delimita a área de estudo, não era considerada como Área de Proteção Ambiental Estadual (Decreto n. 0537 de 27/11/1995). Portanto, os dias de hoje testemunham uma mudança significativa no comportamento e no espírito das pessoas. A população local tem consciência do valor que representa as áreas da região bem como valorizam as diferentes unidades de paisagem como matas de galeria, várzea e os rios, em termos de bem capital para o estado e para as pessoas, bem como demonstra a devida consciência no sentido de conservação dos recursos naturais existentes na área.

Assim, a etnohistória da região mostra que o tempo e os fatos ocorrentes provocaram um rearranjo na organização da população local, acentuando-se vagarosamente a diferença entre sítio e fazenda. O latifúndio se formou à custa de proprietários menores, através da compra de terras – esta sempre fácil numa sociedade em que a dificuldade financeira para obtenção dos títulos desarmou o pequeno proprietário, na fase em que a expansão econômica passou a exigir os requisitos legais para configurar os direitos de propriedade. Sendo assim, é possível compreender o processo da mobilidade espacial, associando terras disponíveis e, com isso, redemarcando novas fronteiras e a configuração espacial de alguns latifúndios na região.

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico os trabalhadores rurais se apegaram a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Em verdade, esse mecanismo de sobrevivência, pelo apego às formas mínimas de ajustamento conservou a essência de sua cultura e a permanência dessa cultura é que lhes proporciona a sobrevivência bio-social.

Neste momento e para esta realidade, acreditamos que o sentido sociológico não deve, porém, ser buscado no latifúndio, largamente aberto às influências do mundo capitalista devido à sua própria situação de estrutura-líder; e sim na população de saber local que ainda resiste à evolução do tecido social, que caracteriza as unidades fundamentais do povoamento, da cultura e da sociabilidade rural de Conceição Açu.

3.7. As fluências culturais

A partir do entendimento de que os saberes empíricos e as práticas tradicionais são parte indissociável dos valores culturais de diferentes formações sociais, então, constituem recursos produtivos para a conservação da natureza e as capacidades próprias para a autogestão dos recursos desta comunidade. Desta maneira, a racionalidade cultural promove a determinação de suas necessidades básicas e orientam seu desenvolvimento dentro de estilos étnicos e formas diversas de significação cultural.

Assim, o saber ambiental excede as “ciências ambientais”, constituídas como um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos às disciplinas tradicionais e se estende além do campo de articulação das ciências (Leff,2001), para abrir-se ao terreno dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes locais.

Neste sentido, o pensamento da complexidade e das práticas ambientais projetado pela população local informa uma multiplicidade de experiências, saberes culturais e ambientais que adquirem sua concreção no singular de sua cultura e configuram a especificidade do local, estruturando, a partir de sua diversidade, a racionalidade e o saber ambiental próprio de sua etnia e do seu *locus*. As formas de manejo dos recursos naturais, suas formações simbólicas, suas práticas culturais e suas técnicas tradicionais representam, enfim, o saber ambiental não de uma, mas de várias gerações que vivem exclusivamente *da e para* a natureza.

Em Conceição Açu a organização do espaço *roça* é expressa pelos conhecimentos, habilidades e estratégias vinculadas à cultura e o saber ambiental que a população expressa através de sua história e de suas atividades cotidianas construídas ao longo desses anos de convivência com a natureza. A exemplo, a diversidade das manifestações expressas pela população ao referir-se aos animais, ao homem, às águas, às plantas, ao solo, ao alimento, à vegetação, etc. Assim, a organização do espaço assume a característica social, onde cada um organiza de modo singular tanto os recursos naturais como seus espaços reprodutivos. Esta associação se dá, basicamente pela confluência entre a representação do mundo natural e a consciência do valor patrimonial do ambiente e de tudo que nele está inserido, como forma de dependência para a sobrevivência de todos os seres vivos que nela habitam.

Além de possuírem um detalhado conhecimento dos ambientes que os rodeiam, utilizam para as mais variadas atividades de recreação, lazer e até mesmo tarefas coletivas com características de “mutirão”. Várias oportunidades nos proporcionaram a participação em atividades diversas. Como exemplo, as providências por eles tomadas para garantir o suprimento protéico de origem animal. Desempenham a atividade de abate de porcos com o objetivo de estocagem da carne para o auto-consumo. A ajuda para o desempenho da matança dos animais vem das relações de parentesco e amizade entre vizinhos mais próximos e parentes. Esta atividade, geralmente, acontece no dia de sábado a tarde porque as pessoas estão descompromissadas de suas atividades diárias com a roça e outras lidas executadas no seu cotidiano. Portanto, estas práticas são calcadas basicamente no sentimento de parentesco e no espírito de solidariedade. Como explicar esses laços de parentesco que as pessoas mantêm com seus vizinhos?...”as pessoas acreditam que têm estes laços,

mas não podem traça-los". Este fator, de contribuição para a subsistência, pode explicar as formas de organização familiar e relações de "parentesco", ou seja, famílias compostas de não-parentes que caracterizam as diferentes formas de convivência social (Werner,1992).

Além do exemplo acima citado outros poderiam ser referenciados como, por exemplo, a formação de cercas nas propriedades, o concerto de pontilhões que foram carreados pela força das águas no tempo das chuvas, trabalhos braçais nas roças para carpir, plantar ou mesmo colher.

Esse tipo de acordo entre pessoas que vivem em constante cooperação é reforçado por Cândido (1987)

"... no mutirão não há obrigação para com as pessoas, e sim para com Deus, por amor de quem serve o próximo; por isso , a ninguém é dado recusar auxílio pedido, é o "tempo da caridade – justamente por essa disposição universal de auxiliar na lavoura a quem solicitasse – um ato de cooperação e dos deveres". pg.68

Assim, as relações de solidariedade entre os moradores locais são traçadas pela participação em trabalhos de mútua ajuda, solucionando problemas de mão-de-obra e, desta forma, suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. Não se considera como um ato de piedade ou de socorro; é antes um gesto de amizade, de cooperação, de beneficiamento coletivo sobre o problema em questão.

Em se tratando do conceito de espaço, a configuração espacial dos elementos que compõe a residência estão representados pelas matas de galeria, os rios e as roças, principalmente. No conjunto, determinam uma espécie de *status* patrimonial, materializado na noção de território, de terras, de posse e de poder. A constatação se dá no sentido de uso destes espaços tanto para o trabalho, como é o caso da coleta de produtos nas matas e atividades com a roça, quanto de recreação e lazer como a pescaria, a caça e os banhos de rio. A maior parte da ocupação destes espaços geográficos se restringe exclusivamente ao uso familiar. Costumam pescar, nadar e caçar somente dentro de sua propriedade.

A estruturação física da comunidade é representada pelas vinte e uma residências rurais que acompanham o trajeto da estrada vicinal local, possuindo 15,5Km

de extensão. A escola municipal que existia na região foi absorvida junto com outras escolas de regiões próximas para formarem a Escola Pólo. Segundo Decreto Estadual de 1985 no então governo de Julio Campos foi extinto as Escolas Rurais Estaduais. Em 1986 o atual Prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira, criou as Escolas Pólo unificando as Escolas Municipais de Abolição (Conceição Açu), Pantanalzinho, Curva da Linha, Bom Jardim e Águas Quentes, centralizando em 1997 a atual Escola Rural de Ensino Básico Maria de Arruda Muller. Atualmente a escola municipal recebe alunos de várias comunidades na região, porém encontra-se distante da comunidade de Conceição Açu em torno de doze quilômetros. Os alunos são transportados para a escola através do ônibus da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

Quanto à forma de iluminação noventa por cento das residências de Conceição Açu possuem luz elétrica. Alguns informantes referiram que por costume nunca deixaram de usar a lamparina a querosene e a vela de parafina, até porque representa também uma forma de economia no orçamento familiar. Apenas vinte e cinco por cento das residências possuem gerador de energia elétrica porque além de ser um equipamento relativamente caro para algumas famílias o custo para gerar a energia elétrica e a manutenção são dispendiosos para o consumo da maioria da população.

No que se refere à utilização da água potável a maioria das residências da comunidade possuem poço artesiano. Atualmente a Associação dos Pequenos Produtores do Pantanalzinho promove a abertura do poço artesiano ao associado mediante o pagamento de uma taxa especial que representa em torno de cinquenta por cento do valor normal. Mesmo nas residências com poço artesiano a presença da cisterna é comum. Assim, a cisterna consiste na forma mais comum de abastecimento de água potável na região. Na ocasião presenciamos a abertura de uma cisterna na residência do Sr. D. O. da Cruz. A procura da água no subsolo se dá com a utilização de um galho de goiabeira (*Psidium guajava*) que ao rastrear a área acaba se envergando em direção à pessoa que o segura e assim, sinalizando a presença da água no subsolo (**Figura 4**). Reservatórios naturais como o rio e o córrego também são utilizados para fins domésticos, como lavar vasilhas, lavar roupas, aguar as plantas, principalmente no inverno quando a água se torna escassa pela falta de chuva e a umidade relativa do ar é baixa. Além disso, são úteis também para a recreação e o lazer como o banho de rio e a pesca.



FIGURA 4. Localização da água para abertura de cisterna. Conceição Açú.Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003.

A força da religiosidade é expressa pelas atividades desenvolvidas na comunidade. Caracterizado como um fator de sociabilidade, as pessoas são recrutadas em residências anteriormente determinadas pela própria população e com frequência periódica mensal participam das rezas e assumem encargos de interesse prático, como agendar e divulgar entre a população o local e a data da próxima reunião.

Quanto aos dias santificados, a população segue a tradição quando se referem a “Sexta-feira Maior” que para a religião católica significa a Sexta-feira Santa que antecede à Páscoa. Guardam com muita fé e devoção este dia santo e acreditam que o trabalho pode causar prejuízo material e espiritual, devido ao desrespeito pela norma religiosa. Outras festas de característica religiosa como a Missa de Natal, de Ano Novo, de Batismo, de Crisma, bem como a Festa de São Benedito, a Festa do Divino Espírito Santo, marcam de forma expressiva a cultura regional . Um meme do relato histórico da vida de outrora permite diagnosticar o quanto é forte a relação das atitudes pessoais com o respeito às entidades religiosas.

“... Uma vez a Festa do Divino Espírito Santo era pra acontecer na casa do seu Chico, as comida tava pronta, tava tudo arrumado mais acontece que os tocador, aqueles... tocador primeiro que ele arrumou não puderam mais vim então o seu Chico desmarcou a festa. Pra modo disso ele foi castigado, não ele , mais o filho dele que caiu dentro do tacho cheio de gordura quente.. tentaram socorre mais morreu no caminho porque tudo era longe... então ele foi castigado porque não fez o prometido...ele já tinha marcado a festa do santo...” (Sra. R.M da S. 99 anos. Comunidade de Conceição Açú. Município de Cuiabá, MT. 2002).

Festa do Senhor Divino Espírito Santo, na comunidade local acontece, geralmente no primeiro domingo de julho e, também, é liderada por festejos com ‘banda”, danças, rezas e comidas típicas da culinária mato-grossense(**Figura 5**).



FIGURA 5. Festa do Sr.Divino Espírito Santo. Comunidade de Conceição Açú, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003.

Em se tratando das relações de lazer na região, outra festa bastante popular é a de São João que acontece no mês de julho sendo comemorado pelos organizadores eleitos pela comunidade local e as famílias da região local e também próximas como a do Pantanalzinho, Vale do Aricá, Bom Jardim e Bom Jesus.

Com menor frequência acontece eventos do tipo “improvisado” por agrupamento não estruturado, caracterizado por rezas caseiras do tipo novena, orações, pedidos ou, também, agradecimentos, geralmente para cumprimento de promessa individual ou familiar. Nesse caso as pessoas que participam são os membros da família, os membros pertencentes à propriedade e os vizinhos mais próximos. Também, nestas festas é comum o trabalho de mutirão entre as pessoas da comunidade. Algumas pessoas realizam a tarefa de organizar as festas, angariar alimentos ou dinheiro. Estas festas são totalmente destituídas de fins lucrativos para a comunidade local, porém são altamente produtivas para revigorar os laços de amizade e parentesco entre os membros da comunidade. Os organizadores se responsabilizam pela comida, bebida, lazer, recreação e também pelo transporte das pessoas que compõe o mutirão ou mesmo aqueles que participam das festividades apenas como apreciadores dos eventos promovidos pela comunidade de Conceição Açu.

3.8. Os Efeitos da Modernização na Sociedade Rural

Detectou-se na região a presença de forte tendência para a migração no sentido campo – cidade, fato que não é particular à região, pois esse quadro é semelhante no Brasil como um todo. Parece evidente que o itinerário dessa migração se dá, quase que exclusivamente, para a cidade de Cuiabá, talvez pela proximidade com a região e, principalmente pelas pessoas mais jovens que saem em busca de outras opções de trabalho que envolve o caráter da modernização. Esse itinerário dos migrantes detectados na região de Conceição Açu vem acontecendo também em outras regiões do município de Cuiabá.

Pode-se perceber que a questão fundamental que gera esse movimento de saída dos indivíduos do ponto de origem está associada ao declínio das condições de vida material e social. Influenciados pela mídia as pessoas mais jovens fazem planos para se estruturarem socialmente no mercado de trabalho e participar como cidadão

beneficiando-se de assistência educacional e médica na cidade. Por isso, na maioria das vezes, o preço é alto, implicando numa série de mudança para o indivíduo. Mas o processo aponta para uma irreversibilidade, pois dificilmente retornam às origens após terem experimentado “vantagens” da vida urbana, mesmo que esta lhes imponha altos sacrifícios.

Outro itinerário de migração também detectado na região foi verificado em relação ao processo de compra e venda de terras. A venda se dá, principalmente, por falta de recursos financeiros entre as pessoas que carecem de condições básicas para atender suas necessidades. Dessa forma a tendência aponta para a formação de latifúndios, através de novas aquisições de terra. Este fato também vem colaborar para estimular a migração sentido cidade-campo ou de outras regiões ou até mesmo de outros estados para a região que, atraídos pela oferta de emprego buscam melhores opções de trabalho nas atividades com a pecuária local.

O processo de migração ilustra uma situação de mobilidade na região de Conceição Açu onde, tradicionalmente, a mobilidade dos indivíduos se dava progressivamente do interior para as cidades, mas com o processo de modernização certas famílias, que até então, viviam de atividades como a agricultura de subsistência, complementada pelo extrativismo, caça e pesca perderam suas forças, abrindo a possibilidade para proletarização e, conseqüentemente para a progressão da mobilização social nessa região.

Alguns questionamentos nos levam a refletir sobre a possibilidade de uma “nova” organização social e cultural na região, em conseqüência dos aspectos econômicos que emergem na região. Como exemplo, questiona-se o destino do conhecimento tradicional que ainda é visível na fala, nas práticas do dia a dia de certas pessoas da população local, e que são acometidas por pressões constantes, devido aos freqüentes contatos com o processo de modernização. Embora reconhecendo que essas modificações estão condicionados a fatores exógenos, o processo de transformação na presente comunidade não deixa de sofrer um certo envolvimento com o processo de transformação tecnológica, com o avanço do processo de mercadorização e pelos fluxos migratórios, sendo possível alguma influencia e alguma mudança dentro da organização social da comunidade. Para Laraia (2003) em cada momento as sociedades humanas são palco de embate entre as tendências conservadoras e inovadoras. As primeiras

pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos.

A parte mais característica, para o observador, é a massa de pequenos proprietários quase sempre nivelados pelos mesmos recursos econômicos, pela semelhança das atividades e pelos caracteres comuns ao estilo de vida.

Em parte, a situação atual pode ser considerada de mudança conforme o relato dos informantes. Certos indivíduos descritos ao longo da história da região revelam a passagem da economia de subsistência para o âmbito da economia capitalista, manifestando mudanças sociais e culturais. Nessa conjuntura de “progresso” capitalista e social observou-se duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração, conforme Candido (1987)“...são chamados fatores de permanência, ou persistência, os que contribuem para a continuidade dos modos tradicionais de vida, e de transformação, os que representam a incorporação aos padrões modernos”.

Os de persistência perduram, no presente, o equipamento cultural (ou parte dele) e das formas sociais, estabelecendo, na medida do possível, continuidade entre as sucessivas etapas dum processo de transformação social. Os segundos, incorporados ou gerados no grupo local, visam o reajuste funcional oriundos das variações de equilíbrio e fatores de alteração que se avultam até motivarem um rearranjo (ou reorganização) de ordem estrutural. Portanto, a dinâmica do equilíbrio social tem como base essas duas categorias que configura a pirâmide social presente na região de Conceição Açu. A exemplo de famílias permanentes nessa região podemos citar os Silva, Correa da Costa, Rodrigues, Da Silva, Pacheco, Souza e Coelho. Entre estas, algumas famílias são centenárias na região.

Mediante tal circunstância foi possível uma análise dos elementos que permitem considerar a situação atual da população pesquisada como sendo de “alteração” nas formas de organização, nos meios de subsistência e nas concepções do mundo atual – influenciadas pelo meio social circundante, sob a força da urbanização. Nessas condições as reações podem variar desde a possível alteração dos padrões locais, como também a possibilidade de desaparecimento paulatino dos conhecimentos locais na região.

A economia pecuarista coexiste com a economia de subsistência e coletas em mata galeria. As últimas representam o velho cerne da cultura tradicional local. O saber local sobreviveu em algumas áreas. Por quanto tempo vão resistir à expansão capitalista, em função da subsistência e extrativismo que caracteriza a autonomia ecológica de sobrevivência? Mesmo que as conseqüências sejam a incorporação progressiva dessas áreas à esfera da economia moderna, repercutindo na organização da vida social com rupturas de equilíbrio nos planos ecológico, econômico, cultural e social é possível que as rupturas provoquem transformações de diversas ordens de grandeza. Porém, é preciso destacar a posição geográfica dessa área que pertence a uma região de APA (Decreto Estadual de 27/11/1995) que protege as nascentes que constituem a bacia do rio Aricá Açu, tributário do rio Cuiabá; portanto de grande importância ecológica para a região **(Figura 6)**.



FIGURA 6. Área de Estudo. Conceição Açú pertencente a APA n. 0537 de 27/11/1995. Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003.

3.9. O Ajuste Ecológico

As alterações no conhecimento e aproveitamento dos recursos naturais provocaram, com o passar dos anos, uma modificação nas relações da população, ou de parte desta, com o meio. Esta situação provocou uma interferência no equilíbrio ecológico, modificando a dinâmica das relações existentes neste meio. Como exemplo, as pessoas locais referem nos seus depoimentos que outrora tudo era natural, tudo vinha da natureza na hora certa e na medida certa. Na verdade eles querem expressar uma espécie de conexão com meio ambiente através dos viéses de economia, da ecologia, da cultura e do social. Hoje, é clara a fragmentação do ajustamento contínuo de outrora, conseqüentemente o estabelecimento de novas relações com o mundo externo.

No depoimento de vários informantes, principalmente os mais antigos na região, as atividades de caça, coleta, pesca e trabalho agrícola não eram consideradas como práticas separadas, mas sim complementares, que aconteciam cada qual no seu momento, mas todas dentro do meio que eles conviviam. As matas, as águas, os campos e as roças compunham uma paisagem numa continuidade geográfica onde cultura e natureza coexistiam em perfeita harmonia. Hoje ouvimos expressões como esta: “... *Hoje, as coisas mudaram muito, lá para cima (próximo a BR-364) não se vê mais as matas, só se vê campo e os bichos não tem mais aonde ficá, então vem aqui prá nossas matas em busca de comida e prá morá também ...*”

A caça, longe de ser permanente e freqüente, é considerada uma atividade recreativa de finais de semana e representa um elemento ponderável na construção da dieta da família. A caça é, sobretudo, defesa das roças e divertimento nas horas vagas.

Atualmente é visível a redução do prazer desportivo da caça devido a própria redução das matas na região. Em certas propriedades, antigamente caçavam com cachorros e espingardas. Hoje, é expressamente proibido esse procedimento na caça dos animais. Há de se considerar, também, que a subsistência pouco depende do meio circundante.

A ocupação espacial da região, na época, devido à baixa densidade demográfica, proporcionou o equilíbrio ecológico e social da população que se estabeleceu em condições primitivas do meio, com grandes áreas de terra virgem, abundância de coleta, caça e pesca, sem sombras de concorrência para a biodiversidade local. Quando um determinado recurso tornava-se escasso, a situação se corrigia pela mobilidade, que tende, com o tempo, restituir o equilíbrio. Portanto, a mobilidade recria o meio, garantindo novamente o equilíbrio. As condições de desequilíbrio aparecem quando não há compensação nas alterações que ocorrem no meio circundante. A exemplo, a caça, a pesca e as roças. Esta última é bem representada na região porque se engrena no ritmo da mobilização onde a rotatividade da terra em “pousio” proporciona a formação de capoeira e, conseqüentemente, a fertilização da terra. Muitas roças tornam-se limitadas pelo tamanho da propriedade onde as oportunidades de reequilíbrio do meio ficam reduzidas devido ao tempo que precisa para se recompor. Também convém salientar que o tempo médio de utilização e o local escolhido para as áreas das roças pela população local são fatores que expressam o conhecimento ecológico que possuem

da região. Esses procedimentos, em outras palavras, significam o conhecimento que essas pessoas tradicionais possuem em relação ao ambiente, com o objetivo de conservar e perpetuar suas terras e suas plantas.

Já é visível na região a incorporação de novas áreas de terra através da compra, delineando o perfil econômico capitalista da pecuária moderna. Já podemos, com efeito, observar atualmente a formação de novos sistemas de dependência ecológica. As pessoas que se encaixam (os de transformação) nessa estrutura organizacional visam novas esferas de relações, conforme o ritmo econômico que se implanta progressivamente na área. Pode-se dizer que ocorre uma reorganização do ambiente que transforma as relações com o meio e abre caminho para novos ajustes. Este fato tende a alterar o material cultural e conseqüentemente os valores e crenças, até então condicionados às normas tradicionais. Nestas circunstâncias é provável a alteração estrutural da sociedade com o aparecimento de novas posições sociais.

Talvez, a origem da classe “transformação” tenha se estruturado a partir de fatos sociais que chegam até a comunidade de duas maneiras: propostos ou impostos. Ambos são originados e ofertados pela própria sociedade que, através da economia de mercado se organiza e se estrutura conforme o ritmo da modernidade dos centros urbanos. Deste modo, a transformação acontece pela incorporação de aspectos sociais diversos, onde o processo de incorporação depende do ritmo a que serão incorporados.

Em outras palavras poderíamos elucidar com exemplos do tipo que, antigamente a maioria das propriedades eram administradas por proprietários, fossem pequenos, médios ou grandes. Muitos foram obrigados a se desfazer de suas propriedades, de maneira integral ou em parcelas de terras, para atender às diversas formas de necessidades ou de sobrevivência. Com isso, ocorreu a alteração do status social e conseqüentemente, a alteração da própria estrutura da sociedade local. O grande proprietário que perdeu sua propriedade e passa a viver como assalariado representa um declínio social, no seu próprio juízo. Já para o sitiante local que se manteve em sua propriedade isso apresenta e representa um melhor índice integrativo à nova ordem dos fatos, embora não se pode descartar a tendência para a marginalização devido à modernização econômica e tecnológica que rege o mercado capitalista na qual a região reage positivamente para esse aspecto.

Quando da incorporação progressiva das influências da economia capitalista por parte de algumas pessoas da população rural de Conceição Açu essa condicionou um novo ritmo de trabalho, ambos promoveram uma reorganização ambiental que modifica as relações com o meio, alterando o equipamento material e o sistema de valores e crenças, até então caracterizados como de saber local. Entre outros, esse é motivo suficiente para que se proceda, urgentemente, ao resgate desses conhecimentos, caso contrário elas serão fadadas ao esquecimento ou ao desconhecimento.

Atualmente, presencia-se uma diversificação de atividades como forma de sobrevivência. Na Fazenda Realeza encontra-se em pleno funcionamento o Laticínio Realeza (**Figura 7**) de propriedade do Sr. N. P 62 anos. O laticínio coleta, em média, 1060 litros de leite ao dia, coletado das noventa e sete vacas de sua propriedade. Outros seis produtores de Conceição Açu estão entregando em média 800 litros de leite diariamente para o Laticínio. O mesmo arrecada o estoque diário passando nas propriedades. Processa em torno de 2000 litros de leite diariamente. As seis propriedades de Conceição Açu que entregam o leite para o laticínio representam 25% do total das propriedades da região, isto é dizer que os mesmos deixaram de plantar em suas roças e objetivam, no momento, aumentar a criação de vacas de leite e conseqüentemente incrementar, também, a quantidade de leite a ser entregue no Laticínio. A alimentação do gado que é a base de ração, complementada com a cana de açúcar e o milho, este último plantado em menor quantidade que a cana-de-açúcar.

Do ponto de vista econômico o funcionamento do Laticínio na região representa uma oferta de trabalho e uma forma de encontrar a solução para, ainda, se manter na região. Do ponto de vista histórico e cultural, representa uma perda no exercício da prática do saber local e na divulgação dos conhecimentos com plantações de roças que demonstram o conhecimento que as pessoas possuem, adquiridos ao longo da história da própria região.

Outra forma de sobrevivência detectada na região é a revenda de produtos alimentícios vindos de Cuiabá. Podemos citar uma família que não se detém em plantios de roças, mas que investe na produção de leite e derivados como queijos e doces de frutas em geral. Praticamente quase todo o estoque de queijos e doces vai diretamente para um restaurante em Cuiabá. O excedente da fabricação é vendido aos vizinhos. Segundo o depoimento dos informantes os produtos revendidos são bem mais caros que

na Vila do Olho D'Água (distante uns vinte e cinco quilômetros) e em Cuiabá. O preço da passagem de ônibus de Conceição Açu à Cuiabá custa em torno de R\$7,00 (sete reais) então, precisam comprar mais de um produto na cidade para compensar o preço da passagem. Quando a necessidade é pouca, por exemplo, um quilo de açúcar ou uma lata de óleo, são obrigados a pagar mais caro na residência que revende os produtos de consumo. Nesta situação, o preço da passagem do ônibus aliado ao tempo gasto representa um custo-benefício muito alto e que eles não podem bancar.

Diante da realidade vivida pela comunidade de Conceição Açu vê-se que a relação econômica com o mercado capitalista tem demarcado novas fronteiras na incorporação de estruturas políticas e econômicas para algumas pessoas da região. Pode-se dizer que as formas de intercâmbio econômico mais expressivas na região serão a pecuária e os produtos derivados da pecuária como o leite, o queijo, o doce de leite, a coalhada, etc.



FIGURA 7. Laticínio Realeza. Conceição Açú. Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2002.

3.10. A Estrutura Familiar e a Comunidade

A comunidade de Conceição Açu, no Município de Cuiabá é composta por vinte e uma propriedades rurais. O número de famílias, em cada propriedade, varia de 1 à 3, sendo a maioria constituída por apenas uma família. Cada família possui, em média, de 2 a 4 pessoas. Foram entrevistadas vinte e quatro famílias, representando um total de 86 pessoas (**Tabela 2**). Das vinte e uma propriedades, onze são sítios ou pequenas propriedades sendo a mão de obra restrita à família. As dez propriedades restantes concentravam de 1 à 3 famílias, em média. Sendo a realidade muito complexa, aparentemente, pode-se entender que as onze famílias de saber local constituem os fatores de persistência. As demais, vinculadas ao ritmo propriedades maiores, representariam os fatores de transformação. Não se sabe se realmente existe, na sua integridade, o predomínio de um tipo sobre o outro. Seguindo as afirmações de Candido (1987) os fatores de persistência contribuem para a continuidade dos modos tradicionais de vida; e os de transformação representam a incorporação aos padrões modernos.

Na região em estudo não ocorre uma substituição imediata dos padrões, mas existe uma dinâmica sócio-econômica que move o equipamento cultural, direcionando e redefinindo os padrões tradicionais de outrora. O que se observa nos contatos culturais decorrentes é uma combinação de valores antigos e novos. Trata-se de uma cultura em processo de mudança envolvida pelos personagens, persistência e transformação, que coexistem no tempo e no espaço.

Além da mobilidade intra e inter espacial na região de Conceição Açu presenciou-se também uma mobilidade dos grupos que se formam dentro das propriedades. Foram detectados dois fatores responsáveis pelas formações desses grupos: primeiramente, a distribuição espacial da residência e, secundariamente o cargo desempenhado por cada indivíduo. Na maioria das vezes apenas o homem é vinculado aos trabalhos da fazenda, mas carrega toda família ao posicionar-se na esfera social familiar.

A proximidade entre as pessoas tende a diminuir as tendências individualizadoras e, portanto, manter a coesão dos agrupamentos. É comum nas grandes propriedades a concentração de um número razoável de famílias. Duas fazendas são formadas por três famílias, equivalente a 13 pessoas em cada uma.

Esta concentração dentro das propriedades proporciona a formação de “blocos familiares” levando à formação de subgrupos, por exemplo, o “bloco familiar” do proprietário, e o “bloco familiar” dos empregados. Estas propriedades funcionam como verdadeiros “nichos familiares”. O bloco familiar é um prolongamento da família nuclear (pai, mãe, irmãos) mergulhados na estrutura social da propriedade, e, assim, determinando as relações básicas entre esse conglomerado de trabalhadores.

Secundariamente o “bloco familiar” faz relações com “blocos familiares” de propriedades vizinhas dentro da mesma região, a exemplo, Sitio Barro Branco com a Fazenda Piancó. Os contatos tendem a se alastrar espacialmente e as relações acontecem entre “blocos familiares” de diferentes regiões, a exemplo as fazendas ou sítios da região de Conceição Açu se comunicam com as fazendas ou sítios do Vale do Aricá, sendo o rio Aricá Açu o divisor de águas entre as duas regiões. Em Conceição Açu certas áreas originaram-se com a fixação da família nuclear que através da sua multiplicação ou da justaposição de parentes se expandiu. Algumas famílias migraram para outras regiões da área, fato este que facilitou o processo de comunicação entre as diferentes regiões.

As famílias nucleares são caracterizadas pelos pais (a mãe e o pai) e os seus dependentes (os filhos) que moram na mesma casa, trabalham na mesma roça e coletam na mesma mata de galeria, pescam e nadam no mesmo rio. O filho (mais comum que a filha) casado que mora na propriedade dos pais compartilha dos mesmos ambientes junto com a família. Trabalham em conjunto para usufruírem igualmente dos benefícios da coleta e das plantações nas roças. Na unidade doméstica usufruem das mesmas benfeitorias domésticas como a cozinha, o forno, as tuias, a horta e o quintal.

No correr do presente estudo verificou-se, também um tipo de mobilidade dentro da referida região entendida como etnosazonal. As pessoas se movem temporariamente dentro da região em função de um interesse, sem remuneração, onde buscam uma atividade de interesse pessoal, a qual é realizada em uma época definida, que é tida como sazonal . Como exemplo, a formação do ajuntamento das pessoas de diferentes áreas da região que possuem interesse em participarem do “mutirão” para o processo de coleta do óleo de copaíba nas matas de galeria, que acontece até o final do mês de agosto de cada ano, antes do início das chuvas. Portanto, são relações

interegionais equiparáveis às de “bloco familiar” que reforçam o enfraquecimento dos limites geográficos em função das relações de sociabilidade.

Vemos que o número de subgrupos, dentro de uma propriedade, determinará o número de relações possíveis dentro dessa esfera social. Por exemplo, a primeira esfera concentra a família nuclear, a segunda a família dos peões. Nos sítios, quando composta de duas esferas, a primeira encontra-se representada pela família nuclear, a segunda pela família do filho ou filha. Quando composta de três, além das duas citadas, a terceira é representada pela família do outro filho ou de um parente. Dificilmente será representada por peões porque suas atividades contam apenas como a mão de obra da família. Assim, a configuração espacial do sítio será constituída de um menor número de “blocos familiares”, isto porque a área da propriedade é pequena e o número de pessoas é menor.

Cada família que constitui a presente comunidade de Conceição Açu exerce única e exclusivamente o direito de propriedade privada dentro dos seus limites de convivência econômica, sendo de forma independente quando é dono da propriedade ou dependente de seus proprietários quando é funcionário da unidade. Portanto, todas as atividades executadas e/ou usufruídas do ambiente dizem respeito apenas à área da propriedade em questão.

Sendo o termo comunidade, designado como regional, não se pode deixar de mencionar que comunidade é também o local por excelência da prática da solidariedade e o local a que se pertence (Franco,1992), ou seja, faz referência ao grupo de pessoas que o compõe juntamente com a definição de espaço social na qual encontra-se inserida. Em Conceição Açu o espaço social encontra-se representado pelas construções das moradias em alvenaria e de madeira, das roças, das matas e dos rios, córregos e riachos ao longo de uma única estrada vicinal que representa o elo de ligação entre os membros da comunidade local.

3.11. Os agricultores, a unidade reprodutiva e a relação com o sistema

Sendo a vida rural o modo de conviver diretamente com a natureza, os agricultores rurais constroem um modo de vida particular que lhes dá uma identidade. Contudo, o ator social rural não se realiza exclusivamente através dessa e nessa dimensão.

O complemento de sua realização encontra-se além da agricultura familiar, situando-se no âmbito das relações com a natureza, com os parentes e com pessoas dentro e fora da comunidade local.

É na sua relação com o sistema e considerando os seus recursos internos à unidade produtiva que as famílias organizam sua produção, onde o elemento que organiza tecnicamente a produção é a mão-de-obra encontrada na família, enquanto força produtiva de trabalho.

É a partir da força do trabalho que as famílias rurais de Conceição Açu estruturam funcionalmente a organização e a dinâmica do caráter produtivo da agricultura familiar levando-se em consideração as especificidades regionais.

3.12. A força do trabalho

A força do trabalho da agricultura local tem, na sua maioria, a unidade de produção baseada na mão-de-obra familiar. Esta mão-de-obra inclui o pai, a mãe e os filhos, basicamente. Em poucas propriedades da região a figura do agregado se faz presente em associação ao trabalho familiar.

No universo entrevistado não se encontram trabalhadores rurais que atuam na agricultura exclusivamente com mão-de-obra contratada, isto significa que a maioria das propriedades trabalha exclusivamente com a mão-de-obra familiar, conforme **Tabela 3.**

TABELA 3. População rural e a força de trabalho. Comunidade de Conceição Açú. Cuiabá. MT.2002.

<u>Natureza da força de trabalho</u>	<u>Freqüência</u>	<u>Porcentagem</u>
Familiar	13	55,0
Familiar e mutirão	13	55,0
Familiar e agregado	02	8,5
Familiar e contratada	03	12,5
Força de trabalho contratada temporariamente		
Até 2 trabalhadores ao ano	01	4,2
Até 4 trabalhadores ao ano	02	8,3
Mais que 5 trabalhadores ao ano	--	--
Total	03	12,5
Força de trabalho contratada permanentemente		
Até 2 trabalhadores ao ano	07	29,2
Até 4 trabalhadores ao ano	04	16,8
Mais que 5 trabalhadores ao ano	--	--
Total	11	46,0
Distribuição da renda obtida pelos membros da família		
Renda familiar	11	46,0
Remunera casados	01	4,5
Divide com filhos	--	--

As pessoas que trabalham na agricultura de subsistência e que são proprietários da terra participam das atividades agrícolas, dirigindo e executando diretamente tarefas ou atuando com a força de trabalho familiar representada por 55%. Todas as famílias que contam basicamente com a mão-de-obra familiar recebem algum tipo de ajuda dos “mutirões”.

A força de trabalho não familiar, mas de caráter contratado permanente, é de 46,0%, neste caso as pessoas contratadas permanentemente representam toda força de trabalho da unidade produtiva porque os proprietários permanecem na propriedade apenas no final de semana, portanto, não participam das atividades de trabalho, apenas determinam as tarefas.

Para os representantes da força de trabalho exclusivamente familiar a renda é única, a renda é familiar. Das 21 propriedades rurais da região 11 destas dissolvem a renda entre os membros da família através de investimentos que variam desde um rádio de pilhas até a compra de bois.

A busca de recursos financeiros externos à unidade de produção familiar, praticamente não existe na região. A renda para a sobrevivência está vinculada a um grupo de pessoas que vivem sob um mesmo teto e organizam a produção familiarmente.

O esforço das pessoas para conseguir sustentar-se está refletido na jornada de trabalho, que para 60% está diminuindo, para 35% continua igual e para 5% dos entrevistados referem que aumentou.

Para a primeira classe o argumento parece até bastante convincente, pois não possuem mais a ajuda dos filhos, significando que a realidade se estende aos trabalhos domésticos também, pois perderam força pela falta de ajuda dos filhos nas tarefas da casa. São eles próprios que após chegarem da roça vão preparar o almoço e a janta, além de outras atividades, como limpar a casa e lavar roupa.

Conforme a **Tabela 4** demonstra, na presente comunidade rural o percentual referente às crianças consideradas na faixa etária de 0 – 14 anos de idade é de 23%. O percentual de jovens considerados na faixa etária de 14 – 25 anos de idade, é de 15%. Portanto, é real a presente afirmação dos entrevistados quando referem o enfraquecimento da mão-de-obra familiar nos trabalhos da agricultura na região de Conceição Açu. Assim, em se tratando de subsistência, enquanto produção familiar, a incorporação das crianças e dos jovens no processo produtivo pouco acontece nessa comunidade rural.

Para a terceira classe que referem ter aumentado a jornada de trabalho justifica-se pelo fato dos filhos casados continuarem a morar junto com os pais. Com isto aumentou as despesas do consumo familiar e para manter o equilíbrio, é preciso aumentar o estoque dos produtos de consumo alimentar, principalmente e,

conseqüentemente aumentar, também, a força da mão-de-obra familiar através do aumento da jornada de trabalho nas roças.

Interrogados sobre quantas horas dispensam ao trabalho, a maioria respondeu que vão à roça de uma a duas vezes ao dia para a realização das atividades. Depende muito da distancia das roças, quando localizam-se mais longe da casa vamos uma vez ao dia, quando próximas vamos mais de uma vez, depende muito do tipo de trabalho a ser realizado e também se a época é das águas ou da seca. Em média, trabalham de duas a três horas em cada período, num total de quatro a seis horas de trabalho, em média, por dia.

...” antigamente quando a gente era novo e tinha os filhos pra ajuda a lida começava no claria do dia e ia até de noitinha... hoje não temo mais aquela força, o sol castiga, então tem que escolhe a hora, bem cedo que o sol ainda não é tão quente e na meia tarde...aí fica bom de trabalha...” (A. A. da S.,68 anos de idade. Conceição Açu, MT)

Se por um lado as condições econômicas não privilegiam o pequeno agricultor, onde a penosidade é maior para aqueles que não tendo condições de adquirir modernos instrumentos de trabalho que possibilitam economizar tempo, ou melhorar a rentabilidade , obrigam-se a despende mais energia física, a trabalhar mais e mais intensamente (Brandenburg, 1999) onde tudo está difícil, os recursos são inexistentes, a mão-de-obra é rara, os preços de venda sempre menores que os de compra, etc. Por outro lado, a maioria das pessoas que trabalham com agricultura de subsistência referiram uma questão muito particular, ou seja, a autonomia que a natureza de sua atividade oferece. Na visão dessas pessoas preferem a autonomia de seu trabalho à subordinação de outras atividades. Autonomia, segundo os informantes de Conceição Açu, significa manobrar o uso do tempo e das atividades da roça, decidir por si próprio como fazer e a melhor forma de fazer essa ou aquela atividade. “... o caboclo não vive de baixo de ordem dos outros... se faz igual como fazia quando meninote, a gente faz como os pais ensinaram...” (B. P. 78 anos. Conceição Açu, MT.A autonomia a qual as pessoas locais se referem quer dizer que eles possuem um controle sobre o próprio trabalho, sobre a produção, sobre a organização do trabalho e sobre todas as decisões tomadas dentro de sua propriedade, conforme refere Wanderley (1989) onde o grau de autonomia parece estar determinado pelo seu projeto de vida e demonstrado pelo caráter de gestão.

TABELA 4. A força da mão de obra familiar. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002.

Famílias	Total	Homem (i)	Mulher (i)	Criança de 0-14 anos	Jovem de 14-25 anos	Total de crianças e jovens
1	05	54	50	01(m)	02(m)	03
2	04	48	42	02(f)	00	02
3	05	49,78	38	02(m)	00	02
4	02	82	80	00	00	00
5	02	91	85	00	00	00
6	03	55	49	01(f)	00	01
7	04	67	62	00	02	02
8	05	65	56	02(m)	01(m)	03
9	03	70	55	00	01(f)	01
10	02	89	85	00	00	00
11	04	51	50	01(m)	01(f)	02
12	01	00	69	00	00	00
13	04	52	43	02(m)	00	02
14	01	95	00	00	00	00
15	03	58	49	01(f)	00	01
16	05	99	55,57,89	00	01(f)	01
17	02	90,79	00	00	00	00
18	04	93, 88	55, 64	00	00	00
19	05	45	42	03(f)	00	03
20	04	48	45	01(m)	01(m)	02
21	04	52	49	02(f)	00	02
22	04	88	86, 102	00	01(f)	01
23	05	53	52	01(m)	01(f)	02
24	05	66	52	01(f)	02(m)	03
Média	3,5	1,1	1,1	0,8	0,5	1,5

(m) = masculino (f) = feminino (i) = idade

A **Tabela 4** que é derivada da **Tabela 2** mostra que o número médio de pessoas por família é de 3,5 considerando-se todos os elementos da família. A possibilidade dos filhos menores de quatorze anos de idade engrossarem a força da mão-de-obra familiar é de 0,8 o qual parece um número pouco expressivo para qualquer expectativa que diz respeito ao trabalho rural. A expectativa de reforço da mão de obra familiar dos filhos maiores de quatorze anos é de 0,5. A expectativa para esta faixa etária é quase insignificante para se pensar em grandes produções agrícolas na região. A significância da mão de obra na agricultura de subsistência, específico para esta região, se dá através do trabalho de homens e mulheres adultos que alcançam valores maiores (1,1) que os jovens e crianças. Em Conceição-Açu o poder das atividades agrícolas de subsistência ainda permanece com as pessoas de saber local. Esses últimos dados são preocupantes porque ameaçam declaradamente a conservação dos recursos naturais e todo um conhecimento cultural até então preservados pelas pessoas que ainda fazem uso dos conhecimentos locais na região.

Acredita-se que enquanto essas pessoas deterem a sua autonomia de trabalho e a posse de suas propriedades, os recursos naturais ainda permanecerão moldados conforme a forma que lhe deram ao longo desses anos de convivência e sabedoria, manejando e remodelando os espaços geográficos baseados na cultura e no saber local.

CAPÍTULO 2

ESTUDO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU (ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ AÇU, MT, BRASIL)

1.0. INTRODUÇÃO

O conhecimento das plantas por uma comunidade faz parte da sua cultura e é transmitido de geração em geração, por isso encontra-se relacionado com sua história de vida. Existe, portanto, um grande tesouro do saber local por investigar e documentar antes que se perca para sempre.

A Etnobotânica desponta como o campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora (Caballero, 1979). Segundo Barrera (1979), os estudos etnobotânicos vão além do que pode pretender a investigação botânica, uma vez que suas metas se concentram em torno de um ponto fundamental que é a significação ou o valor cultural das plantas em uma determinada comunidade humana.

Um enfoque conservacionista desta ciência define que a preservação da riqueza do conhecimento do homem sobre o potencial do reino vegetal quase virgem; conhecimento acumulado durante milênios, que hoje em dia possuem principalmente, as sociedades primitivas, se conhece com o nome de conservação etnobotânica (Schults, 1989). Já em um sentido prático a Etnobotânica estuda o aproveitamento dos recursos naturais por parte das populações locais tanto nativas (indígenas) como aquelas que residem em uma determinada região por longo tempo. Assim, através da interação entre o ser humano e as plantas que os circundam as relações podem ter diferentes características, dado o modo de como uma planta é utilizada, ou seja, com diversas finalidades: como medicinais, como alimento, para obtenção de fibras têxteis para o abrigo, ferramentas, utensílios, etc (Lagos- Witte, 1998).

Portanto, é visível o papel que os povos de saber local desempenham na exploração dos ambientes naturais fornecendo informações sobre as diferentes formas de manejo executadas no seu cotidiano e usufruindo da exploração enquanto forma de sustentação destes povos. Assim, diante da marcha da urbanização e das possíveis influências, da aculturação, é preciso resgatar o conhecimento que a população detém sobre o uso de recursos naturais, pois como afirma Diegues (2000) os habitantes das

áreas rurais tem visões diferentes sobre as regiões designadas como ecossistemas virgens pelos citadinos, e é nessas concepções que baseiam o uso de suas terras e as práticas de manejo dos seus recursos. Nesse sentido, alguns autores propõem estimar o valor de uso das plantas com a finalidade de apontar as espécies e famílias de preferência da população humana no universo vegetal (Phillips & Gentry, 1993 , Phillips , 1996).

O conhecimento local sobre o uso das plantas é vasto e é, em muitos casos, o único recurso disponível que a população rural de países em desenvolvimento tem ao seu alcance. Entretanto, as plantas usadas como remédio têm uma posição predominante e significativa nos resultados das investigações etnobotânicas de uma região ou grupo étnico determinado.

O presente trabalho teve como objetivo catalogar, sistematizar e analisar, de forma integrada, o conhecimento que os moradores rurais da comunidade de Conceição-Açu (MT, Brasil) possuem a respeito da flora local, bem como a utilização desses recursos vegetais e a dinâmica que move a interação ser humano-planta.

Os objetivos que permearam a condução da presente proposta envolvem especificamente:

- ✓ Realizar o levantamento etnobotânico das plantas e seus diferentes usos pela comunidade local;
- ✓ Identificar as diferentes categorias de uso das plantas e sua classificação;
- ✓ Acompanhar as principais atividades produtivas, exploração, uso, conservação e manutenção dos recursos vegetais pela comunidade;
- ✓ Levantar os usos do conhecimento sobre as plantas como argumento em benefício do aumento da base de sustentação social na região;
- ✓ Divulgar as estratégias de conservação dos recursos vegetais como garantia de utilização de espécies.

2.0. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Caracterização da Área de Estudo

O estudo foi realizado na comunidade rural de Conceição-Açu situada na Baixada Cuiabana, no Município de Cuiabá, MT, a 45 km ao sul de Cuiabá, na alta

bacia do rio Aricá Açu, afluente do rio Cuiabá (região de APA conforme Decreto Estadual de 27/11/1995). A área de estudo encontra-se delimitada pelas coordenadas geográficas 15° 30' e 15° 40' S e 55° 35' e 55° 50' W e localiza-se na Microregião de Cuiabá, pertencente à Mesoregião – Centro Sul Mato-grossense (Radambrasil,1982) **(Fig.1)**.

Segundo a classificação climática de Köppen domina na área um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é predominantemente o Aw, caracterizado por ser um clima quente e úmido com duas estações definidas, uma estação chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) que coincide com o inverno. As precipitações médias anuais registram em torno de 2000 mm e as temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23°C a 25°C. Há um declínio pouco sensível nos meses de julho e agosto. A média das máximas fica entre 30°C e 32°C sem grandes oscilações durante o ano, embora as mínimas decresçam no inverno e a noite. A formação vegetal predominante é o cerrado, com a presença de floresta decídua na encosta dos morros, com paredões e afloramentos calcáreos representados pela Serra de Chapada dos Guimarães e mata de galeria ao longo dos rios (PCBAP, 1997).

A área de estudo é banhada pelos mananciais hídricos da margem esquerda que formam a microbacia do rio Aricá Açu, um rio de 3ª ordem, conforme classificação de Strabler&Strabler (1989) Seus afluentes, caracterizados como de menor porte, representados pelos rios e córregos denominados, Aguaçú, Claro, Glória, Conceição, Tamanduá, Piancó, Barrero, entre outros. O rio Aricá Açu possui uma extensão de aproximadamente 112 Km e a porção alta da bacia que representa a área de estudo possui 31 Km de comprimento e uma área de aproximadamente 413Km² (Fonte: Laboratório de Cartografia da UFMT, 2003).

Quanto à caracterização dos solos a região apresenta solos minerais não hidromórficos, com horizonte B, do vermelho ao amarelo, de textura média à argilosa, de pouco profundo à profundo, de bem a imperfeitamente drenado e o relevo de ondulado, forte ondulado e montanhoso e a unidade típica de paisagem é de savana com mata de galeria (PCBAP, 1997).

As principais atividades econômicas são a agricultura de subsistência, a fabricação de farinha de mandioca, a pesca e a caça, todas para o consumo familiar.

A região apresenta um certo isolamento em relação à área urbana, o que não impede a penetração das concepções do mundo atual influenciadas pelo meio social circundante, sob a força da urbanização.

2.2. Metodologia: Métodos e Técnicas de Abordagem

O presente estudo desenvolveu-se em uma zona rural habitada pelos moradores da comunidade de Conceição-Açu pertencente ao município de Cuiabá, no Mato Grosso. Devido à proposta de se trabalhar com a apreensão do conhecimento que a população detêm sobre o ambiente rural aliado ao valor ambiental do ecossistema mata de galeria, roça, horta e quintal, é necessário que as estratégias sejam fundamentadas por método, com o papel de subsidiar a busca dos dados empíricos na área de estudo. Optou-se pelo método estudo de caso cuja fundamentação teórica explora diferentes áreas do conhecimento para buscar a resposta dado o nível da problemática em questão. Greenwood (1973) caracteriza o estudo de caso através de uma análise intensiva da comunidade selecionada, tanto em amplitude como em profundidade, usando-se de todas as técnicas disponíveis para se atingir os objetivos propostos.

Também Vayda (1983) corrobora no estudo de caso quando assinala que através da “contextualização progressiva” os fenômenos correspondentes ao processo de interação entre o ser humano e o ambiente devem ser vistos dentro de um contexto cada vez mais amplo e mais denso com finalidades específicas de alcançar o entendimento holístico do que está sendo analisado.

A partir dos fatos e feitos que revelam conhecimentos e atitudes com respeito ao saber popular, o emprego do procedimento descritivo dentro das ciências sociais e naturais fundamenta o percurso metodológico na busca da compreensão e reconstrução dos fenômenos ambientais em questão. Geertz (1989) assinala a importância de se valorizar o senso comum como sistema cultural. Portanto, atribuir simetria na consideração de diferentes modos de pensar e saber constitui um pré-requisito fundamental no processo descritivo da etnobotânica, ao captar o universo de significados entre o homem e o ambiente, utilizando-se das categorias – tempo, espaço e lugar.

Ao enfatizarmos outros princípios que conduzem o processo metodológico, desembocamos na observação participante como forma de compreender os fenômenos

que ocorrem no cotidiano das pessoas. Sendo considerada a técnica mais aberta para lidar com as falas dos informantes, nesta Viertler (2002) destaca sua importância enfatizando o papel do observador e do observado “(...) o pesquisador se entrega à rotina e à participação nas atividades de interesse dos pesquisados; captando o modo pela qual a população local manifesta suas habilidades e conhecimentos. Os nós de incompreensão percebidos pelo pesquisador poderão se resolver por um complexo processo de “aprender fazendo”, permitindo-lhe compreender com mais profundidade sentidos até então não detectados de referenciais culturais dos seus observados”.

Para tal, buscar o entendimento da realidade da população local não constitui uma tarefa fácil, porém, através da observação direta teremos maiores chances de apreender com segurança a variedade de dados observados, das idéias e concepções relacionadas aos dados emitidos pelos informantes, como expressão cultural e social de força e de trabalho. Se a observação participante corresponde à técnica mais aberta de lidar com as falas dos informantes, a técnica mediadora constitui-se das entrevistas, em que ocorre uma relação de comunicação mais equilibrada dos sistemas cognitivos – o que é observado e o que observa, referindo-se, respectivamente, as visões êmica (do pesquisado) e a ética (do pesquisador). O ético será sempre uma interpretação do êmico da cultura e não a própria cultura (Campos, 2002).

2.3. A Execução da Pesquisa de Campo

O trabalho de campo foi precedido de um levantamento a nível teórico sobre o problema estudado fundamentando-se nas questões levantadas dentro dos limites do marco teórico e dos pressupostos delineadores da pesquisa. As etapas que direcionaram a coleta de dados envolveram os seguintes procedimentos metodológicos:

1 - levantamento e acesso ao acervo bibliográfico, para fins da obtenção dos dados sócio-ambientais e ecológicos relacionados aos fenômenos ocorrentes na região e na comunidade. Esta etapa teve início em agosto de 2001 e acompanhou os passos que envolveram a execução da pesquisa.

2- aplicação do pré-teste promoveu a seleção das técnicas de pesquisa mais adequadas aos objetivos propostos, sendo: mapeamento da área de estudo, levantamento etno-florístico (percorrimto da área), questionário sócio-econômico, registro fotográfico, história de vida, censo, diário de campo e entrevistas, testadas para melhor

adequação aos propósitos da pesquisa. A realização do pré-teste aconteceu de 02 a 15 de setembro de 2001.

3- pesquisa de campo – inicialmente algumas dificuldades apresentaram-se como limitantes devido aos objetivos propostos pela pesquisa, ou seja, de apreender os processos perceptivos gerados pela população local. Isto porque o único trabalho científico existente na área trata da Utilização dos Recursos Vegetais no Vale do Aricá (Pasa, 1999). Com isso, o fator tempo sofreu um acréscimo considerável alterando o cronograma de execução devido ao preparo dispensado ao informante no que antecede ao uso do gravador para o registro das entrevistas, especificamente para a população dessa área rural. Portanto, a pesquisa de campo iniciou-se em 11 de outubro de 2001 e foi até dezembro de 2002, com frequência de visitas semanais, inicialmente, e quinzenais nos últimos meses da pesquisa.

Quanto às técnicas aplicadas para execução da pesquisa de campo utilizou-se desde o questionário, que corresponde à técnica mais fechada de lidar com a fala dos informantes, até o outro extremo, a observação participante. Entre os extremos, utilizou-se a técnica da entrevista e a história oral. A técnica da entrevista, mais flexível do que o questionário pelo tipo de linguagem empregada, pode ser mais ou menos aberta às peculiaridades culturais do informante (Viertler, 2002).

A técnica da entrevista utilizou-se das modalidades semi-estruturada e não estruturada (Minayo, 1994) onde diferem em grau (mais ou menos dirigida) e a ordem dos assuntos não segue uma seqüência rígida e sim, determinada pelas preocupações e ênfases que os informantes dão ao assunto, além de não comprometer a observação unilateral dos fenômenos em questão. Viertler (2002) “(...) na técnica da entrevista, enquanto as modalidades semi-estruturada e estruturada dão maior controle da situação ao pesquisador, as não estruturadas dão um maior controle para o informante.

Para Corrêa (1978) as fontes históricas podem ser analisadas segundo vários aspectos e a partir de cada um, classificadas segundo suas características. Assim, o autor ressalta que a história oral é a transmissão, de fatos de geração em geração que, por suas características, não são transmitidos intencionalmente para a própria preservação e sim, objetivam apenas o seu conhecimento imediato.

Através da história de vida (Meihy, 1996), objetivou-se captar o processo de memória e de reflexão crítica da população local acerca de suas vivências tidas em

condições sociais específicas. Também foi possível, através dessa técnica, a constatação de valores, ideais de vida, expectativas, dificuldades e conquistas face aos vários processos sociais vivenciados pelos informantes ao longo de sua existência e convivência no local.

2.4. As diferentes Técnicas utilizadas na Pesquisa de Campo

Questionário: o tipo aplicado constituiu-se da combinação de perguntas abertas e fechadas para obtenção de características sócio-econômicas dos informantes.

Entrevista: a aplicação de entrevistas semi-estruturada e não estruturada tem por objetivo apreender a importância ambiental, cultural e social dos fenômenos locais, através das informações a respeito de conhecimentos sobre o ambiente e o cotidiano emitido pelo informante.

Diário de campo: registro de informações pertinentes à pesquisa, durante o desenvolvimento do trabalho de campo.

Croquis: é o mapeamento da área de estudo, alocando os pontos de coleta representados pela residência, mata de galeria, manancial hídrico, espaços de produção e distribuição das espécies vegetais nas unidades de paisagem.

Levantamento etno- biológico: foi realizado expedições até a mata de galeria e unidades de paisagem configuradas por multicultivares caracterizadas como roças objetivando captar o conhecimento que a população detém dos referidos ecossistemas. Foram levantados os dados referentes à identificação da flora e da fauna local. Esta etapa obedeceu a ordem cronológica de execução das atividades de campo que, após a ordenação dos conhecimentos anteriormente adquiridos, buscou-se detalhá-los com maior clareza e especificidade, no que diz respeito à:

Plantas: utilidades; origem; sinônimos; sua aplicabilidade; modo de preparo; dosagem; suas partes usadas; mecanismos de manejo do habitat; relações ecológicas entre plantas e animais; estratégias utilizadas para o processo de conservação dos recursos vegetais. A coleta dos recursos vegetais, o registro fotográfico, as gravações em fita cassete e as anotações eram realizadas durante as expedições pela mata de galeria, roças, quintais e hortas.

As exsiccatas do material botânico foram identificadas pelos especialistas do Depto. de Botânica e Ecologia do Instituto de Botânica e do Herbário Central da UFMT onde encontram-se catalogadas e depositadas.

2.5. Estratégias de Análise: Tratamento Qualitativo

O envolvimento de determinantes sócio-culturais, biológicos, ambientais e ecológicos constitui o fio condutor da análise dispensada ao conhecimento e o saber que a comunidade rural detém sobre o espaço que vive e co-existe no ambiente. A Ecologia ao enfatizar sua base nas ciências biológicas constitui-se uma ciência “exata” e “aplicada”. “Exata” por utilizar-se do instrumental da matemática, da física, da química, etc. “Aplicada” pelo fato do comportamento humano ter a ver com a estrutura e função dos ecossistemas (Odum,1988). Entendendo que essa sociedade rural possui uma convivência organizada, é certo dizer, que o elemento que rege essa convivência é chamado cultura porque promove a sobrevivência social por um tempo mais ou menos prolongado no ambiente. Assim, o comportamento de um ser humano não pode ser explicado por ele mesmo, enquanto unidade de referência isolada, mas sim, que é necessário compreender as ações e comportamentos sociais dessa comunidade rural em termos de referenciais culturais específicos ao seu contexto social.

Portanto, captar do informante o pensar o tempo e o espaço, enquanto ambiente de convívio, significa o afloramento perceptivo dos aspectos de suas manifestações culturais sobre as coisas e os fatos que existem nesse ambiente. Essas classificações constituem um recorte de intrincadas cadeias de informações que serão reveladas a partir do comportamento e da vida prática do informante. Isto quer dizer que na realidade social, um tipo de *saber* no mundo tradicional, sempre aparece interligado a um *fazer*, a uma vivência, a uma modalidade de *cultura prática*, em outras palavras, a uma interferência real no ambiente do grupo investigado (Viertler, 2002).

Assim, abordando os viéses da etnobiologia (Posey, 1987) onde estão incluídos os fundamentos práticos do conhecimento ecológico tradicional e o conhecimento ecológico científico e adentrando na etnobotânica presencia-se que a população local classifica as plantas conforme o sentido que lhes atribuem, porque foram construídas a partir das práticas sociais, tais como o trabalho de coleta das plantas em mata de galeria, o cultivo da terra para as roças de subsistência, preparação de

comidas e remédios ou a cura de doenças. As doenças e sintomas referidos pela população local foram agrupados e classificados em 17 categorias de doenças, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças 10ª revisão, elaborada pela Organização Mundial de Saúde (2000).

Não é nada fácil tentar reconstruir cientificamente um sistema de pensamentos e percepções quando esses portadores de culturas “outras” fundamentam seu processo de elaboração racional em dispositivos de percepção sensorial e categorias de *temporalidade – espacialidade* diferentes daqueles do pesquisador, motivo pelo qual o presente método parece ser a estratégia de análise mais adequada para descrever as percepções, representações e os símbolos de uma cultura. Trata-se de decifrar os fenômenos que modelam a relação entre a ação, o pensamento e o que é falado, expressos pelos modos de agir sobre o ambiente e as transformações nele contidas. Harvey (1989) ressalta a importância de reconhecer as múltiplas qualidades objetivas que o tempo e o espaço podem expressar, assim como o papel das práticas humanas na sua construção “(...) *as concepções de tempo e de espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social*” “(...) *Cada modo distinto de produção ou formação vai incorporar um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço*”.

Do ponto de vista cognitivo, o interesse recai sobre a importância das representações ou idéias coletivas que predominam na comunidade local a respeito das diferentes unidades de paisagem nas quais essas pessoas vivem no cotidiano, cercados pelas atividades de trabalho e de lazer. Assim, os espaços físicos por onde o homem rural transita e conhece muito bem, não pode ser considerado apenas um espaço físico, mas também social e que, atrelado ao fator cultural, detêm qualidades simbólicas para todos os membros dessa sociedade. Então, captar o universo de significados de uma outra cultura exige, portanto, um esforço incessante de compreensão dos fenômenos a partir dos referenciais e categorias nativas. Segundo Geertz (1989) é fazer com que um significado expresso no sistema *de lá* seja expresso no nosso sistema *daqui*.

2.6. Análise Quantitativa

Para a coleta de dados a presente pesquisa seguiu estratégias diferenciadas no campo da etnobiologia devido à natureza dos objetivos propostos. Entendendo que as

interações ser humano-planta podem ser compreendidas ao longo de um contínuo de inter-relações, optou-se também pela utilização de conceitos e métodos de ecologia que foi útil à análise das relações entre o homem e os recursos naturais; também pelos viéses da antropologia e da etnobotânica, essa última dirigida a documentar os processos de uso e manejo aplicados às plantas locais, quais as partes usadas e a frequência de uso pela população local.

Métodos quantitativos são ferramentas importantes para uma visão aplicada porque dão ênfase à coleta de dados possibilitando, dessa maneira, a comparação de estudos que são independentes (Morán,1994), proporcionando assim, uma garantia de consistência entre os estudos permitindo análises temporais comparativas. Atualmente uma maior atenção é dada às técnicas quantitativas em estudos etnobiológicos refletindo uma ampla seqüência de informações coletadas sobre a maneira com que as pessoas interagem com seu ambiente, ou seja, é uma coleção de informações obtidas de maneira sistemática, definidas e catalogadas em domínios específicos.

Ao utilizar os recursos vegetais o ser humano estabelece uma relação com o ambiente, identificando-o, experimentando-o e elaborando um conceito próprio de seus elementos, definindo, assim, as relações etnoecológicas locais entre ele e o ambiente, através do valor de uso das plantas. A relativa importância de cada uso para as plantas que conhece e que maneja são expressas por informações que apontam o grau de consenso entre os informantes para determinada espécie vegetal, refletindo as preferências das espécies mencionadas para os diversos usos particulares. Informações consensuais de valor de uso refletem a importância de cada uso ou espécie por informante, visto que, em um maior número de situações, é razoável assumir que o aumento de evidência sobre um dado uso ou planta refletirá, provavelmente, na menção destes. A distribuição do “*valor de uso*” é, geralmente, contínua e discreta (Phillips,1996).

Os dados de “*valor de uso*” calculados através de resultados por uso ou por plantas são expressos em termos proporcionais comparados com o número de entrevistas.

Para análise dos dados da pesquisa as diferentes técnicas quantitativas seguiram as metodologias de autores como Martin (1995); Phillips & Gentry (1993 a); Phillips (1996) para os aspectos:

Valor de uso de cada espécie (VUsp) designado para representar a importância cultural das espécies.

Assim, as principais fórmulas usadas a partir dos dados de valor de uso de cada espécie (VUsp) obtidos das manifestações êmicas dos referidos informantes, para estimar sobre:

- a. O *valor de uso* de cada espécie (*sp*) por cada informante (*i*), dado como:

$$VU_{spi} = \frac{\sum U_{spi}}{N_{spi}}$$

onde, U_{spi} é o número de usos mencionados por informante *i* por espécie *sp* em cada evento, e n_{spi} é o número de eventos com o informante *i* por espécie *sp*.

- b. O *valor de uso global de cada espécie (VUsp)*, dado como:

$$VU_{sp} = \frac{\sum VU_{spi}}{ns}$$

onde, *ns* é o número de informantes entrevistados por cada espécie.

- c. O *valor de uso de cada família (VUF)*, dado como:

$$VUF = \frac{\sum VU_{sp}}{nf}$$

onde, *nf* é o número de espécies na família. Então, o *VUF* representa o valor de uso médio de cada espécie por família.

3.0. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Os Quintais

Os sistemas de quintais agrofloretais são conhecidos também como hortos caseiros onde ocorre o uso da terra em propriedade particular, na qual várias espécies de árvores são cultivadas juntamente com culturas perenes e anuais e, ocasionalmente, criação de pequenos animais ao redor da casa (Wiersum, 1982)

Ao produzir alimentos para a subsistência da família o quintal exerce considerável papel econômico na vida dessas pessoas. Em geral, os quintais de Conceição-Açu localizam-se na parte detrás da residência, sendo de tamanho suficiente para atender a demanda familiar; são constituídos por grande número de espécies perenes e uma variedade de espécies que permite a produção ao longo de ano. Além disso, os quintais possuem uma cobertura vegetal diversificada sobre o solo.

A produção vegetal na região pode ser dividida em espécies das quais citamos alguns exemplos a seguir: (1) frutíferas: laranja, limão, manga, café, acerola, caju, goiaba, mamão, maracujá, abacate, algodãozinho, gergilim e mamona; (2) hortaliças: alface, rúcula, almeirão, couve, cenoura, abóbora, tomate, beterraba, pimentão; (3) medicinais: erva de bicho, velame, carobinha, jaborandi, genipapo, urucum, jurubeba, tamarindo, fedegoso, boldo e capim cidreira.

Outra função importante desempenhada pelas espécies perenes é o sombreamento que promovem no espaço ocupado pelo quintal. Além do sombreamento proporcionam uma melhor infiltração da água na terra que promove a formação de matéria orgânica que mantém a variedade das espécies ali existentes. Aliado à baixa densidade por espécie e à alta diversidade de culturas nos quintais os diferentes ciclos biológicos das espécies oferecem a possibilidade de um baixo índice de riscos quanto a pragas e doenças que possam representar ameaça às espécies.

Em Conceição-Açu e também em outras comunidades ribeirinhas o quintal localiza-se na divisa com a roça e/ou mata de galeria, o que proporciona o transplante das espécies, principalmente das matas para o quintal que podem assim receber tratamento especial durante seu desenvolvimento e uso.

O tratamento dispensado ao quintal é diferenciado em função da sua multiplicidade de uso pelos membros da família, parentes e amigos. Além de representar o espaço das plantas úteis, o quintal serve, também, para representar o espaço de trabalho, de festas, de convívio familiar, de encontros de amigos e vizinhos, sendo, portanto, um espaço que representa a cultura popular mato-grossense.

Dessa forma, para os moradores de Conceição-Açu, é no quintal que se localiza a cozinha, o forno de assar, o varal de secar carne, a lavanderia, o pilão e o jirau. É no quintal que se prepara e se realizam as festas; as rezas, as danças como o “cururu” e o “siriri” e também onde se localiza o mastro do santo.

Outro fator que merece destaque é o fornecimento e a manutenção dos produtos cultivados nos quintais por várias gerações, levando-se em consideração o tempo, as perturbações e as pressões socioeconômicas por que passaram os moradores locais.

Em Conceição-Açu todas as casas possuem um quintal que serve, entre outras funções, como fonte de alimento e de remédio. É através da produção

hortifrutífera nos quintais que a população (1) mantém a baixa dependência de produtos adquiridos externamente, (2) ocasiona impactos mínimos sobre o ambiente, (3) conserva os recursos vegetais e a riqueza cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais, (4) utiliza os insumos naturais promovendo a reciclagem de elementos naturais, favorecendo, dessa forma, um ambiente sustentável, atendendo as necessidades para a subsistência; (5) fortalece o espírito de cooperação entre as pessoas da comunidade local através da utilização do espaço para atividades sociais como festas, rezas e lazer.

Quanto aos insumos naturais utilizados pela população local podemos citar os dejetos animais, restos vegetais como folhas e raízes, cinza e terra transportada da margem dos rios.

Uma fórmula muito simples e bastante difundida entre a população é aqui descrita com o objetivo de transmitir como as pessoas locais produzem o adubo “natural”, assim chamado na região. O processo consiste em varrer as folhas caídas no quintal, amontoando-as e jogando-as dentro de uma lata de alumínio. Após, coloca-se fogo nas folhas dentro da lata e deixa-se queimar por alguns minutos, sem ocorrer a transformação total das folhas em cinzas. Misturam-se, então, os pedaços de folhas com as cinzas, ainda dentro da lata. Despeja-se o conteúdo da lata no chão do quintal e joga-se terra por cima. Deixam esta mistura repousar no chão do quintal até o início das chuvas. Durante o período da seca, que é a época de produção do adubo, as folhas que não se transformaram em cinzas apodrecem e o conteúdo transforma-se em adubo “natural”. Assim que se iniciam as primeiras chuvas na região o adubo natural é jogado dentro do buraco localizado na base da planta. Depois, o buraco é fechado com a mão, compactando-se moderadamente a terra e o adubo. “...*Quando vem a chuva ela molha esse adubo e ele desce pra dentro da terra, vai até na raiz da planta. Isso dá um “viço” na planta que só vendo...*” (Sra. D. A.A.da S. 69 anos. Conceição-Açu.Cuiabá,MT.2002).

Quanto à composição florística presente nos quintais agroflorestais Nair (1993) destaca que apesar da seleção das espécies ser determinada por fatores socioeconômicos, culturais e ambientais ocorre uma similaridade entre os quintais distribuídos na região tropical, especialmente com relação aos componentes herbáceos. E, que essa similaridade deve-se ao fato da produção de alimentos ser a função

predominante da maioria das espécies herbáceas encontradas nos quintais. Cita também que a arquitetura de um sub-dossel seleciona as espécies tolerantes à sombra, ou seja, espécies que apresentam características ecológicas de adaptação a esses ambientes. Portanto, a composição das espécies vegetais presentes nos quintais influenciará o padrão de produção e o ritmo de manutenção desse ecossistema.

A composição das espécies presentes nos quintais de Conceição-Açu expressa a cultura popular local permitindo a diversidade vegetal traduzida numa combinação entre espécies arbóreas, herbáceas e culturas agrícolas. Podemos citar algumas espécies que são transportadas das matas e cerrados para os quintais e que ao fazer parte do cotidiano desses moradores representam a força de sua cultura. Temos, então, no caso, babaçu, cuja castanha fornece uma “farinha” muito fina e deliciosa que é usada para fazer mingau; as suas folhas são usadas para fazer cobertura de casas, galinheiros, chiqueiros ou mesmo a construção de empalçado para eventos como festas e bailes no quintal. Também o genipapo e a manga são consumidos ao natural como frutas saborosas. Na verdade os quintais representam a diversidade de espécies introduzidas que caracterizam as diferentes formas de uso das plantas ali conservadas, seja como alimento, remédio, condimento, ornamental. Como protetora foi citado, por várias pessoas, a Espada de São Jorge que protege a família, os bichos e o ambiente.

A estrutura espacial dos componentes vegetais presentes nos quintais de Conceição-Açu apresenta, em média, três estratos: herbáceo, sub-dossel e o dossel. Verticalmente os três estratos podem ser representados da seguinte forma: o estrato mais alto representado por árvores altas como manga, copaíba e mamão; o estrato intermediário representado por árvores de altura média e arbustos incluindo a laranja, limão, abacate; e o estrato inferior ocupado por culturas agrícolas como pepino, tomate, ervas medicinais, condimentos e plantas ornamentais (**Figura 2**)



FIGURA 2. Quintal de uma residencia na Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá Estado do Mato Grosso. 2003.

A mão de obra utilizada nos quintais das casas de Conceição-Açu é predominantemente familiar. A unidade de produção, manutenção e conservação se restringem basicamente ao chefe da família, a esposa e os filhos. Em algumas residências a figura do pai é ausente por razões de falecimento, velhice ou mudança para a cidade e, nesse caso a responsabilidade à mulher se estende além dos quintais indo às roças, às matas e à pesca. Para Laraia (2003) a espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamento existentes entre as pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente. Assim, muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra e, dessa forma o ser humano é, nada mais nada menos que o resultado do meio cultural em que foi socializado. A riqueza vegetal encontrada nos quintais das casas foi de 83 espécies representadas por 43 famílias botânicas (**Tabela 1**) onde a maioria foi registrada em praticamente em todos os quintais. As etnocategorias refletem a demanda das necessidades básicas de cada família, ou seja, alimentação, medicinal e outros usos de sua importância como ornamental e protetor e, assim refletindo a influencia cultural dos moradores locais na seleção de espécies introduzidas no quintal.

TABELA 1. Espécies existentes nos quintais de Conceição Açú, Cuiabá, MT.2002.
Legenda: Al=alimento; Re=remédio; Or=ornamental; Pro=protetor

Nome Científico	Nome Vulgar	Família	Uso	
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Lauraceae	Al	
<i>Ananas comosus</i> (L) Merrill	Abacaxi	Bromeliaceae	Al	83
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	Cucurbitaceae	Re; Al	
<i>Malpighia glabra</i> L..	Acerola	Malpighiaceae	Al	
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Asteraceae	Al	
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Malvaceae	Re	
<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão	Asteraceae	Al	
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Moraceae	Al	
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Atermije, losna	Asteraceae	Re	
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Rutaceae	Re; Pro	
<i>Vernonia ferruginea</i> Less	Assa-peixe	Asteraceae	Re	
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	Polypodiaceae	Or	
<i>Alloe vera</i> L.	Babosa	Liliaceae	Re	
<i>Musa paradisiaca</i> Kuntze	Banana	Musaceae	Al	
<i>Ipomoea batatas</i> Lam.	Batata doce	Convolvulaceae	Al	
<i>Begonia</i> sp.	Begônia	Begoniaceae	Or	
<i>Coleus barbatus</i> Benth	Boldo	Lamiaceae	Re	
<i>Brachiaria</i> sp.	Braquiária	Poaceae	Or	
<i>Cactus</i> sp.	Cacto	Cactaceae	Or	
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Rubiaceae	Al	
<i>Vernonia polianthes</i> L.	Caferana	Asteraceae	Re	
<i>Spondias dulcis</i> F.	Cajá-manga	Anacardiaceae	Re; Al	
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Anacardiaceae	Al	
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Asteraceae	Re	
<i>Sacharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Poaceae	Al	O
<i>Bambusa vulgaris</i> L.	Cana-taquara, taboca	Poaceae	Al	número
<i>Cymbopogum citratus</i> L..	Capim cidreira	Poaceae	Re; Or	de
<i>Jacaranda semiserrata</i> C.	Carobinha do campo	Bignoniaceae	Re	espécies
<i>Baccharis trimera</i> Less.	Carqueja	Asteraceae	Re	amostrad
<i>Allium choenoprasum</i> L.	Cebolinha	Liliaceae	Al	as nos
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	Brassicaceae	Al	quintais
<i>Chicorium endivia</i> L.	Coentro	Asteraceae	Al	de
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco da Bahia	Arecaceae	Al; Or	de
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Colônia	Zingiberaceae	Re	Conceiçã
				o-Açu
Continuação				variou
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Comigo-nimguém- pode	Araceae	Or, Pro	entre 21
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Boraginaceae	Re	e 58
<i>Brassica oleracea</i> D.C.	Couve	Brassicaceae	Al	espécies
<i>Lippia alba</i> (Mill.) Blume	Erva-cidreira	Verbenaceae	Re	sendo
<i>Polygonum acre</i> H.B.K.	Erva-de-bicho	Polygonaceae	Re	constata
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.	Espada de São Jorge	Liliaceae	Or, Pro	
<i>Spathodea campanulata</i> L.	Espatódia	Bignoniaceae	Or	
<i>Spinacea oleracea</i> L.	Espinafre	Chenopodiaceae	Al	
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Myrtaceae	Re, Or	
<i>Senna occidentalis</i> L.	Fedegoso	Caesalpiniaceae	Re	

do que a maioria das residências possui a maioria das espécies referidas na **Tabela 1**. Ainda, quanto à utilização das espécies para os diversos usos feitos pelos moradores locais a Tabela V ressalta a importância do uso Alimentar e Remédio que alcançaram um número de 40 e 37 usos, respectivamente. Esse resultado demonstra a importância da riqueza de espécies encontrada nos quintais como forma de atender as necessidades de auto-consumo familiar e, dessa forma, expressando a força da influência cultural quanto ao uso e a manutenção das diversas plantas que fazem parte da estrutura paisagística nos quintais locais. A categoria de uso alimentar apresentou um índice de 48% para o total das espécies existentes nos quintais das moradias, o qual demonstra a importância da riqueza vegetal nos quintais como forma de atender à complementação alimentar das famílias locais. O quintal é, portanto, uma importante fonte de energia alimentar em Conceição Açu, seguida da importância medicinal e ornamental.

Através dos dados obtidos nos quintais de Conceição-Açu detectou-se um total de 43 famílias botânicas; Asteraceae foi a que apresentou o maior número de espécies, principalmente como remédio e alimento. Seguida de Lamiaceae, Poaceae, Rutaceae, Cucurbitácea, Myrtaceae, entre outras como demonstra a (**Figura 3**). Os dados revelam que uma família botânica foi representada por 6 espécies vegetais; três famílias foram representadas por 4 espécies cada; duas famílias por 3 espécies cada, e 15 famílias (33,33%) apresentaram 2 espécies cada e 23 famílias (51,11%) tiveram apenas uma espécie representante.

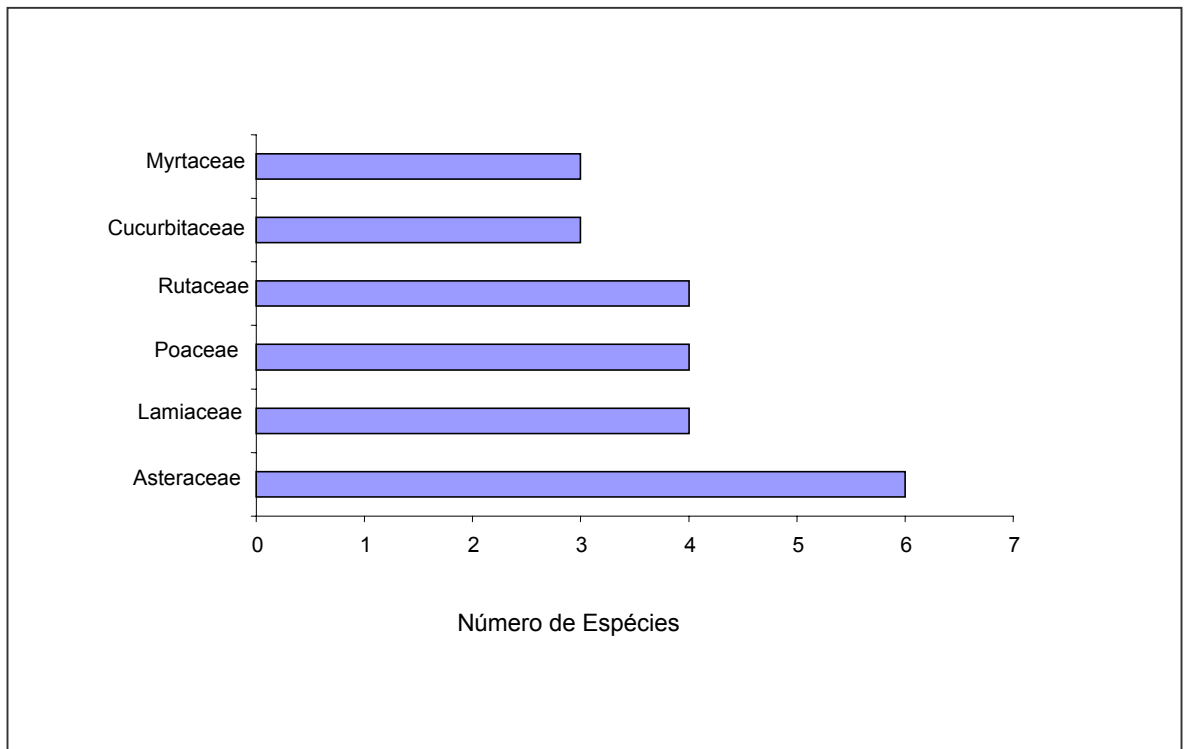


FIGURA 3. Principais famílias botânicas e respectivo número de espécies nos quintais de Conceição-Acu, Cuiabá, Mato Grosso, 2003.

As espécies frutíferas (48%) se destacam na categoria alimentar estando presentes em todos os quintais. As mais freqüentes são a manga, o caju, a goiaba, a laranja e o limão, entre outros. Essas frutas fornecem boa parte das necessidades calóricas à dieta dos moradores locais. Dados semelhantes foram registrados em estudos nas comunidades de Miguel Velho, Engenho Velho, Varginha e Poço, em Santo Antonio do Leverger (MT) (Guarim, 2000), comunidade de Baús (MT) (Souza, 1998), Varginha, Barreirinho e Morro Grande (Amorozo, 2000).

Para a categoria de uso ornamental obteve-se 25% do total das espécies usadas. Mais da metade das utilizadas como alimento são também consideradas ornamentais, como é o caso da mangueira, jaboticabeira, cajueiro e citros destacando-se como importante elemento estrutural desse sistema. As famílias Rutaceae, Myrtaceae, Cactaceae e Polypodiaceae foram as mais freqüentes nessa categoria.

As plantas usadas como remédio alcançaram 44,5% do total das espécies existentes nos quintais da região. **Tabela 2.** As famílias botânicas mais freqüentes foram Asteraceae, Lamiaceae, Liliaceae, Solanaceae e Verbenaceae. As mais freqüentes nos quintais foram o boldo, a carqueja, a atermije, o mastruz, o poejo, o quebra-pedra, o

confrei, a camomila, o capim cidreira, entre outros. Resultados semelhantes foram encontrados por Guarim-Neto (1984,1996) e Berg (1980). Algumas destas espécies, na sua maioria herbáceas, possivelmente foram introduzidas por imigrantes, devido sua facilidade de transporte de uma região para outra.

Além de contribuir para expressar a importância dos quintais no cotidiano das pessoas da região, o levantamento das plantas medicinais serve para contribuir com a lista das espécies que segundo Amorozo e Gely (1988) servem pra subsidiar pesquisas farmacológicas onde muitas plantas usadas pela população cabocla já tiveram comprovação farmacológica em estudos de laboratório como o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), o pião-roxo (*Jatropha gossypifolia*).

TABELA 2. Plantas dos quintais usadas como remédio na Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, Mato Grosso. 2003.

Nome Científico	Nome Popular	Parte Usada	Preparo	Indicação Terapêutica
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	Semente	Chá	Vermífugo

<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Flor	Chá	Inflamação do útero e ovários
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Atemije	Folha	Chá	Febre, dor de cabeça
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folha	Chá	Abortivo, malina
<i>Vernonia ferruginea</i> Less	Assa-peixe	Folha	Chá	Diurético, dor na bexiga, tosse, gripe
<i>Alloe vera</i> L.	Babosa	Folha	Sumo	Úlcera, gastrite
<i>Coleus barbatus</i> Benth	Boldo	Folha	Chá	Indigestão, tontura
<i>Vernonia polianthes</i> L.	Caferana	Folha	Chá	Lavar feridas
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Folha	Chá	Dor de barriga, vômito
<i>Cymbopogon citratus</i> L.	Capim cidreira	Folha	Chá	Calmante, gripe, febre
<i>Jacaranda semiserrata</i> C.	Carobinha	Folha	Chá	Rins, gastrite, derrame
<i>Baccharis trimera</i> Less.	Carqueja	Folha	Chá	Indigestão, tontura
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Colônia	Flor	Banhode assento	Cólicas de baixo ventre, pressão alta
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Folha	Chá	Úlcera, gastrite
<i>Lippia alba</i> (Mill.) Blume	Erva cidreira	Folha	Chá	Gripe, calmante, pressão alta
<i>Polygonum acre</i> H.B.K	Erva de bicho	Folha	Compressa	Hemorróida, varizes
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Folha	Chá	Tosse, gripe
<i>Senna occidentalis</i> L.	Fedegoso	Raiz	Macerada	Diarréia, diabete
<i>Zingiber officinalis</i> Rosc.	Gengibre	Bulbo	Chá	Gripe, dor de garganta
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Folha	Chá	Febre, gripe
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã	Folha	Chá	Vermífugo
<i>Stachytarpheta augustifolia</i> Lopez-Palacios	Gervão	Folha	Chá	Indigestão
<i>Solanum aff. lycocarpum</i> St. Hil.	Jurubeba	Folha	Chá	Problemas do fígado
<i>Citrus limonum</i> Osbeck.	Limão	Sumo	Suco	Pressão alta, gripe
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujá	Folha	Chá	Calmante
<i>Achyrocline satureoides</i> DC	Macela	Folha	Chá	Indigestão, azia
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Folha	Chá	Vermífugo, machucadura

Continuação da Tabela 2

<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Folha	Chá	Febre, gripe, catarro no peito
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Folha	Chá	Inflamação dos rins
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Casca	Chá	Inflamação da garganta
<i>Sambucus nigra</i> L..	Sabugueiro	Folha	Chá	Febre, tosse

<i>Smilax</i> sp.	Salsaparrilha	Raiz	Chá	Reumatismo
<i>Colocasia</i> sp.	Taioba	Folha	Chá	Depurativo do sangue
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	Folha	Chá	Diurético
<i>Bactris glaucescens</i> Drude	Tucum	Fruto	Chá	Vermífugo
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Folha	Emplastro	Machucaduras, quebrasuras

Do total de 83 espécies vegetais existentes nos quintais das residências de Conceição Açu 37 espécies (44,5%) foram indicadas como remédio no uso terapêutico que abrange as diferentes categorias referentes às afecções do organismo. Para estas espécies vegetais foram atribuídas funções terapêuticas para 29 afecções orgânicas entre os diferentes sistemas do corpo humano, com base na Classificação Internacional das doenças, entre estas: vermes, inflamação do útero, inflamação do ovário, febre, dor de cabeça, diurético, úlcera, gastrite, tontura, derrame, pressão alta, vômito, diarreia, tosse, gripe, hemorróida, azia, varizes, machucadura, quebraçura, etc. **Tabela 3.**

A parte da planta usada como remédio que obteve o maior percentual foi a folha com 69%, seguido da flor (5,5%), raiz (5,5%), sumo, casca do caule, fruto, e bulbo com 2,8% cada uma.

Entre as formas de preparos utilizados pela população local o mais expressivo é o chá com 81%; outras formas também foram relatadas como compressas, banhos, macerado, emplastro e ao natural.

TABELA 3. Número de plantas usadas como remédio e o número de afecções orgânicas referidas. Conceição Açu, Cuiabá, Mato Grosso.

CATEGORIAS	No. de plantas	Sp de	No. de citados	usos
Doenças do sistema nervoso	2		2	

Doenças do aparelho digestivo	9	7
Doenças do aparelho respiratório	2	2
Doenças do aparelho circulatório	4	4
Doenças do aparelho genitourinário	6	7
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	3	3
Doenças infecciosas e parasitárias	6	2
Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	1	1
Transtornos mentais e comportamentais	1	2
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos	1	1

Entre as plantas usadas como remédio verificou-se que a maior frequência destina-se ao tratamento de problemas referente ao aparelho digestivo (25%) como auxiliares de digestão, prisão de ventre, diarreia, estômago e fígado. Seguido pelas afecções ocasionadas por infecção e parasitas (16,6%), sistemas circulatório e urinário (11,1% cada), sistema tegumentar (8,3%) e sistemas nervoso, genital e respiratório com 5,5% cada. Para outras afecções como as do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo, afecções do sangue e órgão hematopoiéticos, debilidade física e mental representam, cada uma delas, 2,7% das utilizações obtidas. Essas referências aos tratamentos de saúde local são confirmadas pelos diagnósticos emitidos pela Coordenadoria de Saúde Rural, segundo dados do Relatório Anual. A mesma presta assistência à saúde através de serviços ambulatoriais da Fundação da Saúde de Cuiabá – Coordenadoria de Saúde Rural da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

Também foi encontrado nos quintais das casas algumas plantas com função “protetora“, “mal olhado” e “olho grande” de proteção pessoal, entre elas a Guiné, a Arruda, a Espada-de-São Jorge e Comigo-ninguém-pode. Para Amorozo & Gely (1988) a utilização das plantas para proteção pessoal e de uso tópico para fins curativos e mágicos refere a um legado indígena associado à influência européia. Os banhos protetores podem estar relacionados a uma parte do corpo, como também no corpo inteiro, ou banhos para “curar” a pessoa de algum mal que lhe acomete. Assim, no Brasil atual sobrevivem sistemas de crenças diversas, provenientes de culturas que integram a formação social brasileira, como africana e indígena. O simbolismo é expresso no conhecimento que a população detém sobre o uso popular de plantas com função protetora como são denominadas de “jurema” que segundo Mota (2002),

“jurema é portanto mais que uma planta: é representação, divindade, mulher e vinho. Assim sendo, todo um conjunto de crenças se lhe encontra associado. As plantas denominadas jurema ocupam, com efeito, um papel destacado na flora nordestina pela referencia mágico-religiosa...” [... A jurema penetrou na cultura popular estando associada à figura de índios, caboclos e mestres, elementos presentes no imaginário popular...] . pg.15.

No cenário mato-grossense Santana (2002) refere a guiné (*Petiveria alliacea*) na cidade de Dom Aquino, MT, e Jorge (2000) em Santo Antonio do Leverger, MT sendo esta planta indicada para espantar maus espíritos, inveja e mau-olhado. Também a espada de São Jorge, arruda, alho, café e farinha de mandioca para fazer banho do “corpo todo” e defumação da casa. Igualmente Duarte (2001) refere guiné, mencionada entre os informante de Nova Xavantina, MT que receitaram: *“amassa a folha da guiné e põe no local, serve para expulsar substancias do corpo”*.

3.2. As roças

3.2.1. Produção e diversidade vegetal

As roças representam as áreas de produção agrícola cuja formação ocorre nas áreas abertas no interior da vegetação natural, principalmente com a derrubada da mata ripária ou nas bordas do campo cerrado fazendo limite com as matas (**Figura 4**).

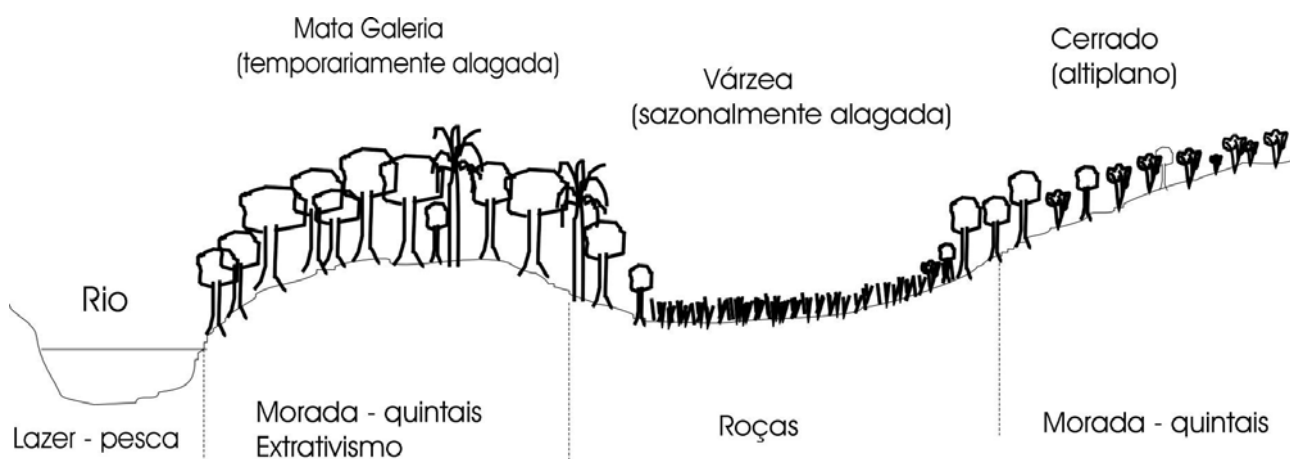


FIGURA 4. Unidades de paisagens na Comunidade de Conceição-Açu, MT.2003.

As áreas de manejo agrícola são representadas pelas unidades familiares e que na sua maioria, estão organizadas em termos de uma produção diversificada, ao contrário da lógica produtivista que maximiza a racionalidade econômica, mediante sistemas especializados. As atividades agrícolas praticadas pelos moradores rurais são, principalmente, as culturas de cana-de-açúcar, mandioca, banana, mamão, melancia, milho e feijão.

A agricultura de subsistência nessa região é considerada atividade fundamental sendo diversificada na maioria das unidades de produção familiar. Entre os entrevistados, o número mínimo de explorações agrícolas é de 3 (mandioca, mamão e banana) e o máximo 7 (feijão, milho, mandioca, banana, mamão, melancia e cana de açúcar), **Tabela 4**. Apenas 15% dos entrevistados se dispõem ainda a plantar o milho e o feijão e, 10% plantam o arroz, mas não em todos os anos.

Entre os produtos cultivados a mandioca constitui o cultivo principal e caracteriza-se como uma exploração tipicamente regional, sem fins de comercialização. Dados semelhantes foram reportados em Santo Antonio do Leverger (MT) quanto ao cultivo da mandioca (Amoroza, 2000). Em Conceição Açu a mesma é cultivada por 100% dos entrevistados, seguido de outros cultivos como mamão, melancia, laranja, etc (**Tabela 4**). A expressividade do cultivo da mandioca sobre os demais ocorre, talvez, por ser um cultivo de baixo risco e que necessita da utilização de poucos insumos para a

sua produção. Acredita-se que tal cultivo não se restrinja apenas ao conhecimento e a prática dos caboclos, pois como ressalta Begossi (2001).

*“...os caiçaras possuem um profundo conhecimento do ambiente em que vivem: conhecimentos específicos sobre recursos naturais que incluem formas de cultivo da terra, especialmente em relação à mandioca ... o cultivo básico das roças dos caboclos e caiçaras é a mandioca, principalmente diversas variedades da espécie *Manihot esculenta*.”. pg 211.*

O plantio da mandioca pode se dar ao longo do ano, mas é durante a estação seca, de abril a outubro/novembro o período de preparação das roças. As roças ocorrem em áreas abertas no interior da vegetação natural, principalmente com a derrubada das matas ou nas bordas do campo cerrado fazendo limite com as matas. A maioria dos plantios de mandioca se dá por propagação vegetativa de modo que as roças velhas servem como depósito para as roças novas. A espécie mais plantada são as variedades de *Manihot esculenta* através de uma distribuição aleatória na terra. Para Brandenburg (1999) estes processos favorecem a hibridização intra-específica, aumentando a diversidade e permitindo que a seleção natural atue com novas combinações e, ainda, destacam a importância da reprodução sexual e da hibridização com variedades selvagens na contribuição da variação na quantidade de glucosídeos cianogênicos (HCN) em espécies e variedades de mandioca.

O processamento doméstico da mandioca para a produção de farinha é de pequena escala e artesanal, apenas para o consumo familiar sendo o método tradicional o que ainda vigora entre a população local para proceder à extração do ácido cianídrico para o qual é utilizado panos brancos, na qual a massa da mandioca ralada é prensada para promover o escorrimento do “caldo” da mandioca. Este pano se equipara ao *tipiti*, material artesanal de influência indígena. A torrefação da mandioca se dá nas dependências da cozinha, a qual, na maioria das vezes, está localizada fora da casa, mas dentro do quintal, que recebe o sombreamento natural das frutíferas ali cultivadas. A cozinha projetada com simplicidade é bastante arejada e se constitui de material doméstico farto e de grande tamanho, principalmente os de alumínio e barro. Os utensílios de alumínio são extremamente limpos e areados diariamente dando-lhes semelhança a um espelho, os mesmos descansam sobre um farto “jirau” próximo da

cozinha. Alguns jiraus são construídos a uma altura do solo maior que o normal para evitar que as aves que convivem no quintal pousem sobre os materiais culinários.

A área de plantio diversificado nas roças de Conceição-Açu varia de 0,4ha até 2ha por unidade familiar. As atividades referentes à roça não apresentam grandes distinções na divisão sexual do trabalho, sendo que 10% do total das propriedades na região são administradas somente por mulheres. Os cuidados dispensados à manutenção das lavouras envolvem a limpeza constante da área de plantio, o qual é executado com frequência diária que varia de uma a duas vezes.

Para manter o estoque genético das espécies plantadas nas roças, as sementes são obtidas, geralmente, na propriedade. Igualmente as mudas de mandioca e outras espécies são oriundas da propriedade. A troca, entre parentes e vizinhos, constitui uma prática bastante comum na região, não sendo comum a compra de sementes ou mudas de plantas.

TABELA 4. Número de famílias que cultivam as principais culturas nas roças da região. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT, 2002.

Número de propriedades	Principais cultivos agrícolas nas roças
21 (100%)	Mandioca
16 (76,2%)	Mamão
15 (71,4%)	Banana
15 (71,4%)	Laranja
15 (71,4%)	Limão
12 (57,1%)	Cana-de-açúcar
11 (52,3%)	Melancia
09 (42,8%)	Batata doce
03 (14,2%)	Milho
03 (14,2%)	Abacaxi
03 (14,2%)	Feijão
02 (9,5%)	Arroz

Diante da realidade econômica na qual vive a população de Conceição-Açu as pessoas de saber local acreditam que de acordo com sua realidade, simples e sem tecnologia (65%) esta ainda é a melhor opção econômica para o momento. Não possuem equipamentos modernos para os trabalhos na agricultura de subsistência, não possuem condições técnicas aprimoradas, encontram-se limitados pela escala de produção imposta pelo tamanho da propriedade e pela falta de infra-estrutura e mão-de-obra, sendo assim, são obrigados a manter diversificada a produção, que conta com a força da mão-de-obra familiar como uma atividade *locus* de produção e sobrevivência da família. Ainda assim, a diversificação, no entender desses ribeirinhos, pode não ser economicamente vantajoso, mas é a atividade socialmente desejável e possível para eles nesse momento, mas que lhes garante não só o meio de sobrevivência, mas também a segurança social e simbólica. Nesse sentido Brandenburg (1999) cita que a explicação da diversidade vegetal parece não estar relacionada a uma causa específica, uma menor probabilidade de ataque de pragas e doenças, mas associada a fatores diversos, resultantes de um processo de ajustamento da unidade produtiva, que é operada pela família.

Para Neves (1981) o termo “não ser economicamente vantajoso” é uma posição muitas vezes relacionada com uma certa racionalidade econômica frente ao endividamento com equipamentos agrícolas, em que o empréstimo é um ato extremo, realizado apenas quando não se consegue poupar recursos.

Quanto aos equipamentos de produção a maioria dos entrevistados referiu o uso manual em primeiro lugar (67%), seguido da tração animal, principalmente com uso do arado (55%). Em terceiro lugar o equipamento mecanizado com utilização de 33% entre os entrevistados. Para a classe mecanizada o instrumento mais citado foi o trator o qual pertence à propriedade e, 5% referiram o uso do tratador pertencente à Associação dos Pequenos Produtores do Pantanalzinho. Portanto, o sistema *manual e tração animal* predominam entre a população local porque, igualmente, é a agricultura de subsistência que predomina na região. Portanto, são pessoas que valorizam os recursos artesanais, energéticos e a mão-de-obra familiar.

As práticas agrícolas e o uso de insumos sinalizam o que predomina dentro da população. É comum entre os moradores de Conceição-Açu o uso dos recursos

naturais como insumos. O esterco dos animais domésticos como adubo é usado entre os moradores locais num índice de 78%. Restos de alimentos são usados por 55% da população; e 70% fazem rotação de cultura e plantio consorciado (55%).

Em termos de conservação dos recursos naturais a prática do *pousio* constitui uma estratégia que visa a ressignificação da fertilidade da terra em se tratando das condições da mesma para novos plantios.

Atualmente, o tempo médio de plantio numa área de roça dura de três a quatro anos, (antigamente era de 7 a 10 anos) após a mesma é “largada” para descansar e encapoeirar e assim vão utilizando as áreas encapoeiradas para a abertura de novas roças (**Figura 5**).



FIGURA 5. Área de Pousio. Conceição Açú. Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003.
Foto: Maria Corette Pasa.

Em média possuem de duas a três roças em uso e de três a quatro roças em *pousio*, o que significa que o período de *pousio*, em média, é equivalente entre oito e doze anos para cada roça considerando-se o tempo médio de 4 anos (antigamente em torno de 15 anos) para cada uma. Begossi (2001) enfatiza,

“...igualmente para os caiçara (Mata Atlântica) os períodos de pousio variam; as áreas eram normalmente deixadas em pousio por mais de 15 anos, mas este período diminuiu, em função da escassez de terras disponíveis para a agricultura de pequena escala. A maioria das áreas habitadas pelos caiçaras encontra-se em unidades de conservação estadual ou federal, e os métodos tradicionais de plantio entram em conflito com políticas governamentais para o meio ambiente. Acredita-se que na Ponta do Almada, 7 famílias (de um total de 14) decidiram abandonar as atividades agrícolas...”. pg.211-212.

Gómez-Pompa & Kaus, (2000) referem que é relativamente recente a mudança de foco das pesquisas sobre agricultura baseada no rodízio e outros sistemas tropicais de produção. Atualmente a ênfase recai sobre o entendimento de uma prática antiga onde ressalta o manejo da terra em repouso após o abandono da área para o cultivo anual.

A prática agrícola e o trabalho cotidiano que envolve a formação de roças em áreas próximas às matas de galeria constituem uma prática comum entre a população rural de Conceição-Açu que por situarem-se próxima dos rios, suas terras tornam-se alagadas temporariamente pela ação das chuvas que proporcionam o transbordamento de seus leitos para fora da calha do rio. Este é o espaço preferido para o plantio de arroz, principalmente. Além disso, o local preferido da flora e da fauna pela sua fertilidade e riqueza de alimentos trazidos pela água dos rios.

“... tem anos que a chuva é pouca e a subida do rio não forma a varge como devia formá ; é pouca pra plantá o arroz... aí a gente não planta porque corre o risco de não cacheá direito e tem a colheita fraca. Esse ano nós vamos plantá, parece que a chuva vai ajudá. (B.P. 78 anos. Conceição-Açu. Cuiabá, MT. 2002).

Geralmente, a configuração espacial das roças apresenta uma distribuição em plantios consorciados, isto é, a roça da mandioca com o plantio da banana e da cana-de-açúcar e do mamão. (**Figura 6**). A espécie mais comum de plantio consorciado é a melancia (*Citrullus vulgaris*). Referem que este tipo de consórcio é permitido porque as plantas se *acertam*, além do que proporcionam um melhor aproveitamento do espaço em função de sua arquitetura foliar, porque a melancia sendo rasteira não compromete o

espaço das bananeiras ou dos mamoeiros e ainda, promove o sombreamento do primeiro estrato vertical e assim favorecendo a umidade da terra.

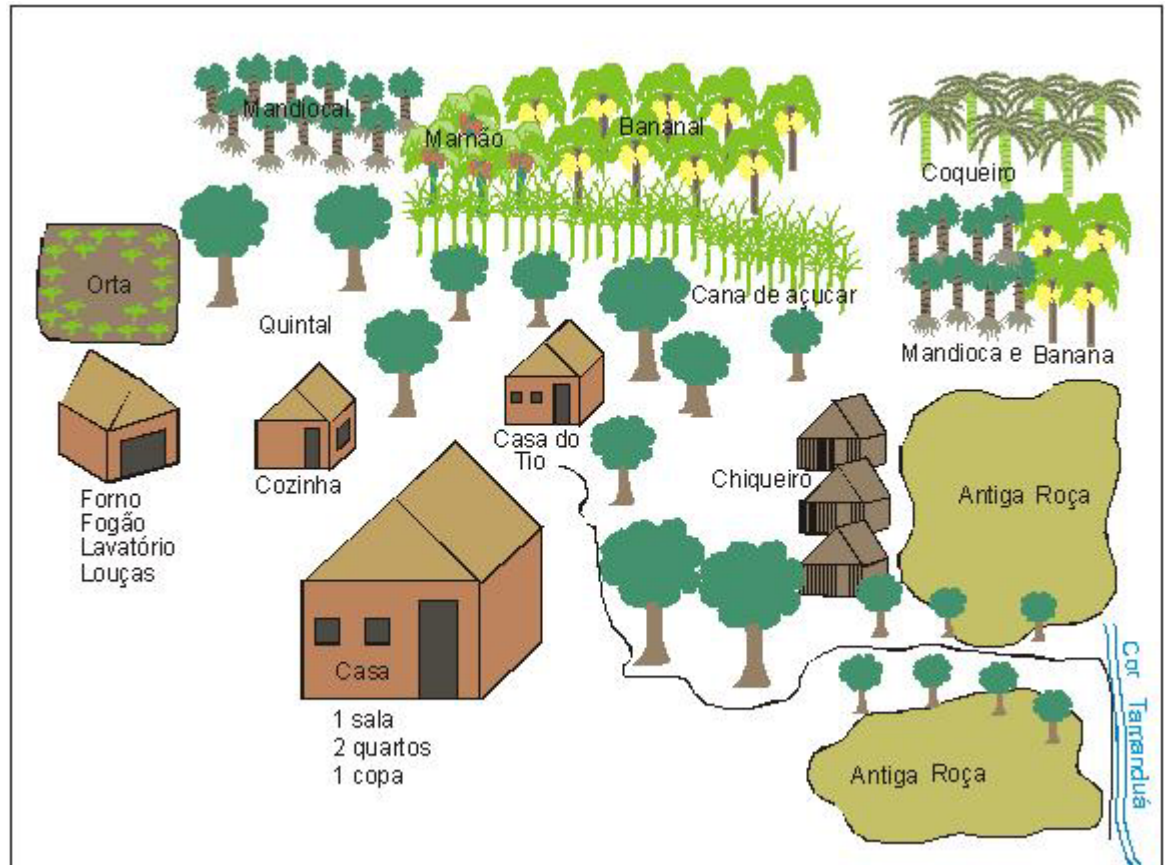


FIGURA 6. Configuração espacial da área de uma propriedade. Conceição-Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso 2003.

Em se tratando de proporcionar e manter a umidade da terra na época da seca, uma estratégia utilizada nas roças de banana da propriedade de Sra. S da S. (76 anos, Comunidade de Conceição-Açu. Cuiabá, MT. 2002) consiste em deitar sobre o solo e entre cada pé de bananeira, folhas da mesma. À tardinha as folhas deitadas são molhadas com água transportada do rio Tamanduá. À noite com a queda da temperatura a tendência da evaporação da água é menor que durante o dia, com isto ocorre formação do orvalho que mantém úmidas as folhas de bananeira e parte da terra ao redor da planta por toda noite e por algumas horas do dia. Este manejo é executado apenas no inverno para que a falta de água não comprometa a produção de banana.

Com base nas observações de campo, de modo geral os moradores locais praticam uma agricultura com elementos definidores de uma agricultura de subsistência, isto é, se mantêm como agricultores tradicionais. São considerados tradicionais ao oferecerem resistência à prática de uma agricultura envolvida pelos avanços da tecnologia voltados para o mundo da globalização. As práticas de manejo e conservação do solo compreendem um conjunto de atividades que repõe e mantém, de modo natural, a fertilidade do solo. A atividade de plantio direto constituiu-se a número um, entre as práticas agrícolas fundamentais para evitar a erosão do solo, que por meio do lixiviamento da camada superior, provoca o desgaste e o empobrecimento do mesmo.

Constatou-se, ainda, que a diversificação nas pequenas unidades de produção destinada ao consumo familiar explora as culturas tradicionais típicas de autoconsumo (mandioca, banana, mamão, milho) através das práticas tradicionais evidenciadas na região.

3.3. A Mata de Galeria

3.3.1. A interface subsistência - ecologia

A presença da mata de galeria, particularmente no cerrado mato-grossense, reveste-se de grande importância na vida da população regional. De um lado, pela oferta de alimentos para a subsistência das famílias; de outro, por ser um dos vetores que leva determinados moradores locais à conservação dos recursos nela existentes e, através dela se identificam socialmente, enquanto membro da comunidade.

Nesse sentido a multiplicidade de práticas confirma a importância dessa unidade de paisagem no cotidiano dos moradores locais: entre elas encontramos, a atividade de coleta de produtos na mata como uma atividade complementar na vida da população; outra é a agricultura de subsistência como uma atividade central, na qual depende o seu rendimento para a subsistência familiar e também a caça e a pesca como atividades de subsistência e lazer. Rodrigues (2000) conceitua esse ecossistema:

“ floresta ou mata de galeria deveria ser usado para a designação genérica ou popular das formações florestais ribeirinhas em regiões onde a vegetação de interflúvio não é de floresta contínua e geralmente ao longo de rios de pequenos portes. Essa complexidade de fatores atuando na condição ribeirinha, com frequências e intensidades variáveis no espaço e no tempo, define uma heterogeneidade do ambiente, que se constitui como um mosaico de condições ecológicas distintas, cada qual com suas particularidades fisionômicas, florísticas e/ou estruturais, conferindo ao ambiente uma riqueza e uma complexidade de recursos naturais” (p.94)

A mata galeria é considerada pela população local, um componente essencial e fundamental à unidade paisagística que caracteriza a região. Nela encontram-se presentes os representantes da flora e da fauna local que são considerados símbolos vivos pelas pessoas de Conceição-Açu. Neste contexto Rezende (1998) enfatiza a importância desta unidade de paisagem:

“as matas de galeria apresentam um ambiente bastante heterogêneo, com elevado número de espécies, o que reflete um índice de diversidade superior ao encontrado em outras formações florestais e, essa variabilidade de espécies é acompanhada de intensa relação da vegetação com insetos, pássaros e mamíferos responsáveis pelo transporte de pólen e sementes”. pg.5.

Na região estudada, as matas de galeria se estendem por toda a extensão no alto da microbacia do rio Aricá Açu e são drenadas pelos rios que nascem na serra da Chapada dos Guimarães e correm em direção ao rio Aricá-Açu. Tanto as matas de galeria quanto os rios presentes em cada propriedade lhes confere o valor patrimonial dos recursos naturais neles existentes, os quais são expressos pelas seguintes afirmações:

“... das matas nós tira de tudo, a madeira, a comida, os remédios, tem comida pra nós e pros bichos também... no tempo da seca é mais difícil os bichos saem prá buscá comida... no tempo das chuva tem mais fartura... na mata sempre tem água pros bichos ...” (Sra. D. A. A. da S, 69 anos. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT. 2002). (Figura 7).

“... Se acabá com a mata, acaba a sombra, acaba a água, a comida, acaba a fartura de tudo que se busca lá (na Mata)... o causo é que a gente e os bichos depende de tudo que tem na mata... é uma riqueza muito grande que a gente tem na vida, a gente tem que dá muito valor pra ela (pra Mata) tem que zelá”. (Sr. D. S.R. da S. 64 anos, comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT).



FIGURA 7. Mata de Galeria. Conceição-Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso. 2003. Foto: Maria Corette Pasa.

As pessoas que vivem em Conceição-Açu se dedicam quase que exclusivamente à pesca, à caça e à coleta de frutos e produtos oriundos das matas de sua propriedade. Tal questão é dotada da afirmação de que a coleta de frutos, sementes, madeiras, remédios e alimentos nas matas de galeria da região evocam a relação de trabalho entre o homem e a natureza, não como sendo o único, mas que varia segundo a influência dos fatores ecológicos, histórico, social e político e, assim diversificando as formas de relações do ser humano com o próprio ambiente.

São as matas de galeria e seus respectivos cursos hídricos *locus* importantíssimos para a vida dos moradores que, ao utilizarem os recursos naturais do

meio ambiente, através do extrativismo vegetal, e utilizando-se das diferentes formas de manejo tradicional, mantêm o ecossistema equilibrado, mesmo intervindo cotidianamente.

Próximo das matas, a população ribeirinha faz suas roças com o plantio de produtos agrícolas sem fins comerciais, apenas para a subsistência da família e/ou o procedimento de troca de produtos excedentes com seus vizinhos e parentes.

Os rearranjos sociais vinculados diretamente à sazonalidade e que influenciam na organização do trabalho que essa população exerce, dependem exclusivamente do ciclo hidrológico na região, que ocorre durante o ano. Assim, certas atividades são desenvolvidas somente no tempo das águas, outras somente no tempo da seca; ou ainda, no período da vazante. As atividades variam desde a extração de produtos florestais como madeiras, remédios e alimentos, roçado, plantio, pesca, colheitas do arroz, do milho e da mandioca, criação de gado e criação de porcos e galinhas. Cada qual tem seu tempo certo para plantar e para colher.

“... a gente planta a melancia no primeiro domingo de agosto, porque só assim ela carrega bem... a gente planta a semente na terra e deixa ela (A semente) descansando... quando dá a primeira chuva essa semente agarra umidade e fica cultivando... depois ela segura a umidade da raiz e vai estufando e quando chega a chuva ela já broto e está com saúde pra carregar bastante..” (Sra. D.A.A. da S. 69 anos, Conceição-Açu, Cuiabá,MT.2002).

Outros produtos, ao contrário, precisam de muita água para surtir uma boa colheita, como exemplo o arroz. Outro caso que relataram é a influência da lua minguante na germinação de certos produtos agrícolas *‘... eles abicham e não vingam...’* (Sr. M. R. S, 72 anos. Conceição-Açu, Cuiabá,MT.2002).

Durante o ano, o período que os moradores de Conceição-Açu menos freqüentam as matas, é na fase de enchente/cheia. Isso ocorre devido a fatores como: dificuldade de acesso às mesmas pelo transbordamento dos rios e respectivos alagamentos, impossibilitando a pesca, e também pela subida do nível das águas e a forte correnteza do rio. As pessoas ocupam-se de outras atividades em áreas não

alagadas ou com afazeres na casa e galpões da propriedade que, geralmente abrigam produtos para o consumo familiar, limpar, consertar ferramentas de trabalho.

No inverno as temperaturas são mais amenas. A umidade relativa do ar baixa drasticamente e, a vegetação adquire um aspecto seco e desencorpado, sendo muito freqüente as queimadas que poluem ainda mais o ambiente. Nessa época é freqüente as pessoas queixarem-se de problemas respiratórios e alérgicos, pois é evidente que a poluição do ar e a baixa da umidade são fatores desencadeantes de processos que acometem o sistema respiratório. Na região as pessoas preparam um xarope específico para os casos de problemas respiratórios.

3.3.2 .O xarope caseiro de jequitibá

Inicialmente acompanhamos a informante até a mata de galeria com o objetivo de observar e registrar os diferentes passos que envolveram a escolha e a coleta da matéria prima (as plantas).

A mesma caminha dentro da mata observando atentamente as árvores de jequitibá (*Cariniana rubra* Gardner.Ex.Miers) levando em consideração os seguintes critérios: altura da árvore, o diâmetro do tronco (a olho nú), a integralidade da casca do tronco, a presença de outras árvores da mesma espécie no seu entorno e a presença de córrego ou de rio perto da árvore (**Figura 8**). Adota o mesmo sistema para as árvores popularmente chamadas de cambará amarelo ou cambará do mato (*Vochysia haenkeana* Mart.).

Após detectar, com muito cuidado os itens acima descritos, retira as lascas do tronco do jequitibá e do cambará amarelo com o auxílio de um facão. Essas cascas do tronco são acomodadas, após a coleta, num recipiente de plástico.

No campo, coleta a raiz de assa-peixe (*Vernonia ferruginea* Less.) e o broto de Belém (*Coccoloba mollis* Casar.) e por último, casca da mangueira (*Mangifera indica* L.) que está no pátio de sua residência. Na sombra das árvores do quintal existe um fogão feito de barro na qual a informante prepara o xarope. Além do xarope, cozinha doces de frutas, geléias, rapaduras, doce de leite, chás, torresmos, banha, etc. São alimentos e remédios que permanecem por muito tempo sob a ação do fogo de lenha e por isso são cozidos em tachos de cobre ou panelas de barro ou de ferro.

O ambiente de trabalho torna-se, também, um ambiente social e de lazer. Primeiro, por que e o local onde se processa o xarope é o local de trabalho; segundo porque as pessoas da família, os amigos e visitas sentam-se para conversar e em terceiro, porque as árvores fornecem uma sombra gostosa que enriquece o ambiente, então os “causos” são contados ao redor do fogo. São pessoas alegres e hospitaleiras.

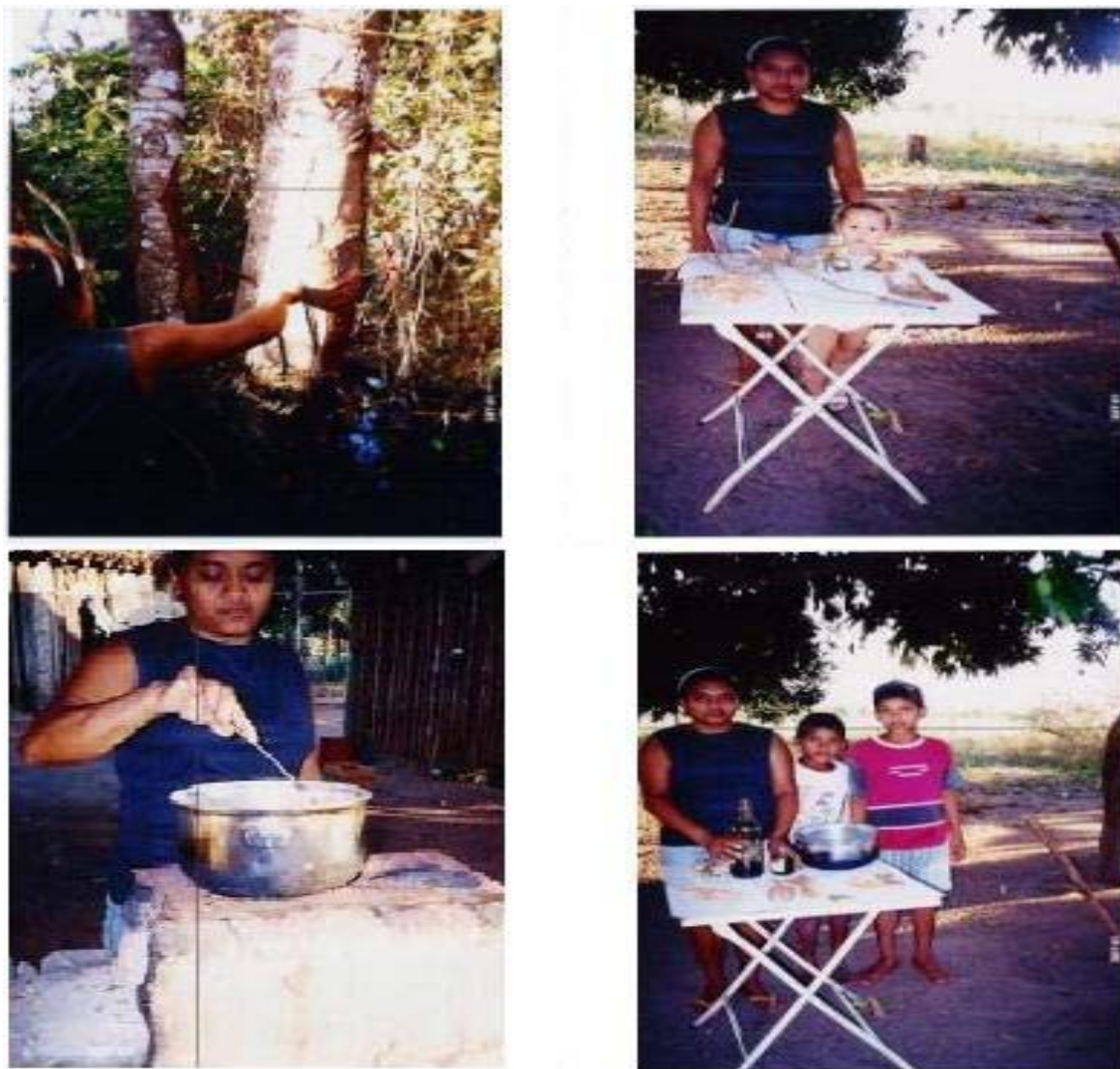


FIGURA 8. Coleta de plantas na Mata de Galeria e a fabricação do Xarope de Jequitibá. Conceição-Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso. 2003..Foto: Maria Corette Pasa.

Nesta ocorrência, da coleta de produtos na mata de galeria, presenciamos o processo de extração do óleo de copaíba, o qual é retirado um óleo do cerne da árvore (*Copaifera langsdorffii* Desf.) que é muito utilizado com finalidades medicinais. Para Almeida & Albuquerque (2002) esta espécie obteve um dos mais altos índices quanto ao valor de importância relativa (IR) das plantas conhecidas como medicinais na Feira de Caruaru, Agreste de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Em Conceição-Açu, primeiramente a atividade de coleta acontece com a ajuda dos moradores da região que se reúnem para proceder à extração, secundariamente existe uma preocupação ecológica por parte dos moradores quanto à extração do óleo e o número de árvores envolvidas no processo. É através do conhecimento da natureza, adquirido no cotidiano, que as pessoas locais identificam as árvores da copaíba para o processo de extração. Para isso é necessário levar em conta alguns critérios relacionados à espécie, à comunidade vegetal como um todo, que segundo eles, são determinantes para a manutenção e conservação das espécies bem como para o sucesso da coleta. Portanto, eles observam itens considerados fundamentais como a idade da árvore, a altura, o diâmetro do tronco, localização da área a que pertence as espécies selecionadas e a localização espacial da espécie na comunidade vegetal.

Após, identificadas e marcadas as árvores escolhidas, os moradores locais cumprem o ritual de que não se deve mais voltar ao local até o dia marcado para o processo de extração.

O processo de extração do produto nas matas galerias da região inicia-se cedo. Chegam ao local, demarcado anteriormente, em torno de cinco horas da manhã. Inicialmente, não olham para cima, não falam alto, não gritam, não riem ou qualquer outro tipo de manifestação efusiva “... *não pode pertubá o ambiente... ela (A árvore) esconde o líquido da gente*” (Sr.P.P.66 anos. Comunidade de Conceição- Açu. Cuiabá, MT.2002). É assim, no entendimento desses moradores locais, porque essas atitudes estariam, perturbando a energia que conserva a natureza em equilíbrio, estariam desrespeitando a “força maior” das matas e assim promovendo a desconcentração espiritual e mental dos extratores e também provocaria a diluição do óleo e a diminuição da quantidade do mesmo.

Outro fator de fundamental importância é a presença do vento. Não pode estar ventando muito porque o vento promove o “espalhamento” do óleo da árvore para os galhos e as folhas e com isso provoca a redução na quantidade do produto a ser coletado. Por isso, a quantidade do óleo deve ser suficiente para ser dividido entre todas as pessoas que estão participando do mutirão.

O processo de extração do óleo de copaíba obedece a um ritual exercido há anos pelos moradores de Conceição-Açu. Inicialmente procedem à organização do material utilizado pelos extratores. O material compõe-se do trado, mangueira de pequeno calibre (manguerita), balde, vidros e cortiça.

Inicialmente conversam em voz baixa para definirem sobre a área e a altura da perfuração no tronco da árvore. Dá-se o início, então, à perfuração do tronco através do manivelar de um trado que o perfura até atingir o cerne. Assim que o perfurador alcança o veio onde está alojado o óleo de copaíba, o coletor introduz uma das extremidades da manguerita de plástico pelo canal do orifício aberto pela ação do trado. Esta manguerita servirá de veículo para transportar o óleo depositado no interior do cerne para fora da árvore. Nesse momento, outro coletor segura o balde que aloja a outra extremidade da manguerita. Após, o óleo começa, então, a escorrer. **(Figura 9).**

O tempo dispensado à etapa da coleta de óleo pode variar de árvore para árvore, conforme a quantidade de óleo existente, em média pode demorar de duas até cinco ou seis horas. Nesse momento o coletor que segura a manguerita permanece ao pé da árvore junto com outros coletores até que o óleo se esgote. O grupo se divide. Os extratores se dirigem para a outra árvore de copaíba que também será perfurado e coletado o seu óleo. Assim, se repete o mesmo procedimento de perfuração e de coleta. Podemos dizer que o processo da coleta se constitui da etapa mais longa de todo o processo de extração do óleo de copaíba.

Quando o óleo já não mais flui pela manguerita significa que essa etapa chegou ao seu final. Assim, a mesma é retirada do orifício da árvore, recolhida e acondicionada dentro de um saco plástico. Na próxima etapa acontece o fechamento do orifício condutor do óleo. O mesmo se dá através da introdução de uma cortiça no orifício provocando o tamponamento do mesmo e assim, impedindo que continue a escorrer o óleo. Logo inicia o período das águas (chuva) e com ela uma nova seiva irá transitar e se acumular no cerne dessa árvore.



FIGURA 9. Processo de extração do óleo de copaíba. Conceição Açu, Cuiabá. Estado do Mato Grosso. 2003. Foto: Maria Corette Pasa.

A próxima etapa constitui-se do acondicionamento do produto. O óleo que fora coletado e que se encontra depositado nos baldes é, então, despejado em potes de vidros limpos e transparentes e estão prontos para serem transportados e usados pela população local.

O óleo é extraído, geralmente, de uma ou duas árvores apenas, a não ser que se precise fazer mais mutirões devido à necessidade de mais produto para a demanda local ou se o produto coletado é insuficiente para atender as necessidades das famílias. A aplicação da técnica para a coleta do óleo de copaíba pressupõe, por parte do coletor, uma boa percepção e um bom conhecimento da regeneração do recurso, pois qualquer aumento da pressão de coleta pode danificar ou levar a morte dos indivíduos produtores. Assim, novas coletas do óleo de copaíba só acontecerão após cicatrização completa da incisão e, ainda assim, as novas perfurações não se superposicionarão às antigas.

A extração do óleo de copaíba em Conceição-Açu é sazonal, segundo os moradores locais o processo de extração ocorre preferencialmente no mês de agosto de cada ano. Assim acontece, porque esse período representa o final da época seca, significando que o óleo encontra-se, nesse período que antecede as chuvas, mais concentrado em termos substancial medicamentoso. Seu estado físico é de aspecto viscoso, de coloração amarelada e um aroma agradável.

As indicações do uso do óleo de copaíba referidas pelos usuários de Conceição Açu são múltiplas. Usam como anti-inflamatório, para gripes, tosses, resfriados, dores no corpo, para tratar de feridas abertas, queimaduras, alergias, etc. O uso do óleo de copaíba se estende para muito além dessa região, conforme relata Duarte (2001) que em Nova Xavantina (MT) o mesmo é utilizado para infecção da urina e, que antigamente retiravam muito óleo dessa planta e que atualmente está escassa devido ao crescimento da cidade e o desmatamento para lavoura e pastagens, aliados à falta de experiência de algumas pessoas que levaram alguns indivíduos dessa espécie à morte, após a retirada do óleo.

Comparando-se a cultura das crenças e dos sentimentos, na região de Conceição-Açu, as pessoas que mantêm seu modo de vida de forma tradicional são detentoras e conhecedoras da flora medicinal, cuja utilização tende a restringir-se às receitas correntes da medicina caseira. Porém, as instâncias terapêuticas vão além desta

última, também representadas por profissionais que prestam assistência médica a população local.

Em outro nível estão os benzedores e benzedoras da região, apenas dois, são pessoas hábeis na terapia de remédios vegetais, misturado a um certo pendor religioso e que também fazem uso do óleo de copaíba. Fazem rezas para todos os tipos de invocações, tais como; doenças, dores, incapacitações, tanto na ordem espiritual, mental ou física, na invocação de boas coletas ou de chuvas para melhores plantios ou de estiagens para as colheitas. Recorrem, também, à combinação de diferentes formas de tratamento para resolver problemas de saúde. Ocorre, portanto, a interpenetração dos planos mágico e racional. (a exemplo, o ritual antes, durante e depois da extração do óleo de copaíba).

Outras espécies como *Calophyllum brasiliensis* Camb. e *Hymenea stignocarpa* Mart., *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Veloso, *Bixa orellana* L., *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March., *Croton salutaris* Muell. Arg., *Cariniana rubra* Gardner. Ex. Miers., *Copaifera langsdorffii* Desf., *Inga* sp, são bastante conhecidas e utilizadas pela população local, presentes nas matas de galeria da região. São árvores de terra firme e de certos lugares úmidos e arenosos. Sua madeira é usada para confecção de móveis, prateleiras, bancos, cercas e moirões. Alguns frutos são comestíveis e usados como remédio na medicina caseira. Um estudo que aborda o uso dos recursos vegetais da caatinga, no agreste de Pernambuco revela que entre os usuários das plantas locais o jatobá encontra-se entre os mais altos índices quanto ao nível de fidelidade (NF) na região de Alagoinha, estado de Pernambuco, significando a importância da espécie como medicinal para a comunidade local (Albuquerque & Andrade, 2002).

3.3.3. A biodiversidade das plantas e sua utilização

Na região de Conceição-Açu o trabalho nas matas de galeria encerra dimensões múltiplas, reunindo elementos que fazem parte da percepção que as pessoas detêm sobre as plantas através do seu cotidiano, associado aos elementos atrelados ao mundo mágico, ritual, espiritual, e enfim, ao simbólico. A natureza é um lugar de permanente observação e reprodução de saberes.

Conhecem práticas e representações de diferentes grupos, pois ao longo do tempo envolvidos pelo seu cotidiano conseguiram elaborar um profundo conhecimento sobre esse ecossistema, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução de seu sistema social e cultural.

Assim, a mata de galeria é o espaço de acesso imediato para as pessoas locais e que fazem uso e controle dos recursos naturais nela existente em conformidade com sua disponibilidade de tempo e suas necessidades de subsistência. Para Godelier (1984) o território reivindicado por dada sociedade constitui o conjunto de recursos que ela deseja e sente capaz de explorar sob condições tecnológicas dadas. Mas todas as atividades produtivas contêm e combinam formas materiais e simbólicas com as quais os grupos humanos agem sobre o território.

A mata de galeria é percebida como uma unidade fundamental na paisagem da região desenhada por seus contornos hídricos e florísticos que lhe atribuem um valor substancial ao cenário rural de Conceição-Açu. As espécies vegetais que compõem a flora são descritas pela função que exercem, pela disponibilidade de acesso, pela cor, pela forma, pelo aroma, pelo sabor, pelos frutos e pelas folhas.

Apresentam uma capacidade de classificar as plantas e os animais, enfim, os objetos reais, segundo categorias referindo, assim, uma racionalidade de equivalências demonstradas através das expressões que traduzem o processo de comunicação. Esse sistema classificatório faz parte do patrimônio cultural da população local. As relações dessa população com as matas de galeria e os elementos pertencentes a esse ecossistema manifesta-se no vocabulário e nas expressões referidas para traduzir o seu cotidiano e adaptação a este ambiente. Usam uma classificação cultural baseada no empírico e que quando comparada à sistematização botânica pode ser expressa conforme apresentação da **Tabela 5**.

A bagagem classificatória encontrada pelas pessoas que vivem próximo das matas de galeria em Conceição-Açu permite descrever as plantas do ser humano, as plantas de animais de caça, as plantas de peixes segundo suas características percebidas pelo conhecimento, visual, tátil e olfativo adquiridos no seu cotidiano. Alguns memes de pessoas entrevistadas que referem o conhecimento empírico de objetos da natureza.

“... Os frutos do jatobá é bom pra peixe... O que escorre do tronco do jatobá parece sangue puro... Quando colhe no vidro é igual a sangue de gente... não tem deferença...por isso a seiva dele(do Jatobá) é bom pra curá anemia nas pessoas... o sangue do jatobá e das pessoas se parecem por demais...” (Sra. A. M. P. 82 anos. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT. 2002.

“... toda planta tem seu uso pra pessoa, no causo e até pros bichos, tem a folha, tem a raiz, tem o tronco. A gente conhece cada uma olhando bem pras folha, amassa as folhas e já sente o cheiro, se a casca tem cheiro ardido... a gente até exprementa na língua para sabe o tipo de cada planta, assim não erra... o óleo da copaiba é bom pra pessoa e pras machucaduras nos bichos, serve pra tudo...” (Sr. M.A.M, 78 anos. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT.2002.

TABELA 5. Sistema de classificação empírica das plantas. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, Mato Grosso.

Característica/Estrutura		Propriedades
Folha	Tipo	“... é redonda... comprida... ... estreita ... larga ...”
Pigmentação	Cor	“... tem folhas verdes, bem verdes, amareladas...tem folhas vermelhas...”
	Manchas	“... a folha é rajada... ... é toda manchada... ...tem mancha clara... ...tem mancha escura”
Espessura	Grossa	“...quando cresce fica grossa e bem fofo...”
	Fina	“...é sempre fina...mesmo quando cresce é assim fina...”
Textura	Lisa	“...é lisa... bem macia...”
	Rugada	“...é cheia de ruga...é enrrugada”
Espinho	Espinho	“...é áspera por causa do espinho”
Pêlo	Pêlo	“...tem um pêlo fino em cima...”

Em Conceição-Açu as plantas são reconhecidas através dos nomes vulgares que definem as diferentes espécies ou mesmo as variedades de uma mesma espécie. Assim, as pessoas identificam a planta em função da utilização das partes da mesma para um determinado fim. Além disso, investem o seu conhecimento em função da quantidade de indivíduos da espécie como forma de conservar os vegetais enquanto recurso de uso para sua subsistência. A exemplo transcreve-se a referência de alguns entrevistados:

“... o óleo da sangra d’água serve para remédio, ele cura as ferida... fecha as feridas depressa... mais não pode usa logo cedo da machucadura, tem de espera uns dias e aí já pode bebe ou passa dele na ferida...essa árvore tem bastante na beira do rio ” (Sra. D. G. D. 53 anos. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT. 2002) **(Figura 10)**.

“... a casca do catipé é boa pra fazer o sabão preto... sabão muito bom pra lava... lava até as ferida, as machucadura... limpa tudo...” (D. A. A. da S., 59 anos. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT.2002)

“... eu espicho o arame... eu que faço os mourão, eu cuido aquele que tem mais na mata, pode se o carvão pó terra macho, pode se o carvão vermeio, pode se o vinhático ou até o barbatimão... não pode abusa... tem que se controlado...por isso eu gosto de fazer... e também é porque é muito caro pra manda fazer...” (D. A. A. da S., 59 anos. Comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, MT. 2002).



FIGURA 10. Processo de extração da seiva da sangra d' água. Conceição-Açu, Cuiabá Estado do Mato Grosso. 2003. Foto: Maria Corette Pasa.

O valor dispensado a cada planta varia de acordo com a multiplicidade de sua utilização. Existem plantas que são utilizadas diferentes partes, como a raiz, o tronco e as folhas. Outras apenas as raízes. Outras, apenas as folhas. Acredita-se que quanto mais partes forem usadas maior será a sua utilização, conseqüentemente, maior será o seu valor de uso.

Assim, a categoria de uso de uma espécie vegetal pode ser cumulativa, ou seja, pode pertencer a varias categorias, por exemplo, pode ter caráter alimentar, medicinal e ornamental. O seu valor de uso será, então, diretamente proporcional ao número de usos. Referiram, no caso, quatro categorias básicas de uso: Alimento,

Remédio, Ornamental e Outros. Esta última categoria envolve outros usos menos comuns quanto à utilização das plantas **Tabela 6**.

Alimento: A. a presente categoria se caracteriza pela condição de ser um recurso alimentar para os homens e para os animais. Pode se apresentar nas suas diferentes formas de uso, enquanto categoria complementar, isto é, quando o fruto é consumido ao natural ou quando processado e transformado em doces, geléias, bolos. Conforme Sano & Almeida (1998) o hábito alimentar da população de Centro-Oeste brasileiro, em especial o Mato Grosso, conserva em parte a cultura alimentar do homem primitivo, uma vez que as frutas do Cerrado continuam na sua dieta.

Remédio: R. a categoria que caracteriza a planta como remédio lhe dispensa um valor de uso relacionado aos subprodutos obtidos para serem usados nos diferentes tratamentos de cura conforme entendimento da medicina popular local. A importância das plantas como remédio abordam a fitoterapia sob o ponto de vista, também econômico, pois a medicina oficial foi perdendo espaço, para eles, e tornou-se praticamente inacessível. Assim, o uso das plantas como remédio foi conquistando confiança da população no processo saúde/doença ao estruturar mecanismos próprios condizentes com a realidade na qual vive e convive a presente população.

Ornamental: Or. nessa categoria o valor agregado diz respeito ao efeito de estética e beleza que as plantas despertam aos olhos de quem as utiliza.

Outros: Ot . engloba outras categorias como: Madeira, Artesanato e Lenha

Madeira: construção de cercas, mourões, esteios, cabo de enxada, cabo de facão e utensílios de trabalho em geral.

Artesanato: fabricação de móveis como bancos, cadeiras, prateleiras, mesas, cochos, etc.

Lenha : utilizadas com a finalidade de produzir fogo, usadas para combust

TABELA 6. Plantas da área ripária usadas pela comunidade de Conceição Açú, MT. Legenda = Categorias de uso: A = Alimentar; R = Remédio; Or = Ornamental; Ot = Outros: madeira, artesanato, lenha. Valor de uso das espécies = Vusp; Ref = número de coleta (MCP= M.C.Pasa); Hábito = HB – Herbácea; SA – Subarbastivo; AB – Arbustivo; AV – Arbóreo; PAL – Palmeira; EPI - Epífita; TR= Trepadeira. Origem= N - Nativa; C - Cultivada; E – Espontânea

Nome Popular	Nome Científico	Família	Cat. De Uso	Vusp	VUF	Hábito	Origem
Algodãozinho	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trec.	Moraceae	R	1.00	1.00	AB	N
Amescla	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Burseraceae	R	1.00	1.00	AV	N
Angélica,tiborna	<i>Himatanthus obovatus</i> M. Arg.	Apocynaceae	R	1.00	1.16	AB	N
Angico	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	Mimosaceae	Ot	1.50	1.43	AV	N
Angico branco	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Spreng.	Mimosaceae	Ot	2.00	1.43	AV	N
Angico jacaré	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	Mimosaceae	Ot	1.50	1.43	AV	N
Aricá	<i>Physocalimma scaberrimum</i> Pohl.	Lythraceae	Ot	1.33	1.66	AV	N
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Fr.All.) Engl.	Anacardiaceae	Ot	2.00	1.50	AV	N
Assa Peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Asteraceae	R	1.66	1.33	HB	N
Ata do mato	<i>Annona dioica</i> St. Hil.	Annonaceae	A	1.00	1.00	AV	N
Babaçu	<i>Orbignya oleifera</i> Burret.	Arecaceae	A,Ot	2.50	1.83	PAL	N
Bacuri	<i>Rheedia brasiliensis</i> Camb.	Clusiaceae	R,Ot	1.50	1.33	AV	N
Banana	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae	A	1.50	1.50	AB	C
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Mimosaceae	R	1.50	1.43	AV	N
Bocaiúva	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd.	Arecaceae	A,Ot	1.00	1.83	PAL	N
Cabaça coite	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	R	1.00	1.42	AV	N
Cabriteiro	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reiss.	Rhamnaceae	Ot	1.00	1.00	AB	N
Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	A	1.33	1.06	AB	C
Cambará do mato	<i>Vochysia haenkeana</i> Mart.	Vochysiaceae	Ot	1.33	1.23	AV	N
Cana-de-macaco	<i>Philodendron</i> sp.	Araceae	R	1.00	1.00	HB	C
Cancerosa	<i>Synadenium grantii</i> Desmoul ex. Boiss	Euphorbiaceae	R	1.00	1.50	AB	N

Nome Popular	Nome Científico	Família	Cat. De Uso	Vusp	VUF	Hábito	Origem
Canjiquinha	<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Malpighiaceae	Ot	1.00	1.00	AV	N
Cansação	<i>Jatropha urens</i> L.	Euphorbiaceae	R	1.00	1.50	SA	N
Carobinha branca	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Bignoniaceae	R	1.00	1.42	AB	N
Carvão branco	<i>Callisthene fasciculata</i> (Spr.) Mart.	Vochysiaceae	Ot	1.33	1.23	AV	N
Carvão vermelho	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Caesalpiniaceae	Ot	2.00	1.93	AV	N
Catipé	<i>Licania</i> sp.	Chrysobalanaceae	Ot	1.00	1.00	AV	N
Catuaba	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) S.	Bignoniaceae	R	1.00	1.42	SA	N
Chico magro	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae	R	1.00	1.00	AV	N
Cipó caboclo	<i>Doliocarpus</i> sp.	Dilleniaceae	R	1.00	1.22	TR	N
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Caesalpiniaceae	R	2.50	1.93	AV	N
Coração de negro	<i>Crisophyllum</i> sp.	Sapotaceae	Ot	1.00	1.00	AV	N
Coroa de frade	<i>Mouriri elliptica</i> Mart.	Memecylaceae	R	1.00	1.00	AV	N
Cumbarú	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Fabaceae	Ot	1.75	1.68	AV	N
Dorme-dorme	<i>Mimosa adenocarpa</i> Benth.	Mimosaceae	R	1.50	1.43	AV	N
Douradinha	<i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg.	Rubiaceae	R	1.00	1.06	SA	N
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trèc.	Moraceae	R	1.00	1.00	AV	E
Erva de bicho	<i>Polygonum acre</i> H.B.K.	Polygonaceae	R	1.00	1.00	HB	N
Espicha couro	<i>Xylopia aromática</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Ot	1.00	1.00	AV	C
Fruta do conde	<i>Annona reticulata</i> L	Annonaceae	A.R	1.00	1.00	AV	C
Gervão	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Lopez-Palacios	Verbenaceae	R	1.00	1.00	HB	E
Gravatá	<i>Bromelia balansae</i> Mez.	Bromeliaceae	R	1.00	1.00	HB	N
Guanandi	<i>Callophyllum brasiliensis</i> Camb.	Clusiaceae	R	1.00	1.33	AV	N
Guaraná	<i>Paullinia cupana</i> HBK	Sapindaceae	A.R.	1.50	1.29	TR	C
Guatambu	<i>Aspidosperma polyneuron</i> M. Arg.	Apocynaceae	Ot	2.50	1.16	AV	N
Hortelã do brejo	<i>Hyptis goyazensis</i> St.Hil.ex.Benth	Lamiaceae	R	1.66	1.66	HB	C

Nome Popular	Nome Científico	Família	Cat. De Uso	Vusp	VUF	Hábito	Origem
Ingá	<i>Inga</i> sp.	Mimosaceae	R	1.50	1.43	AV	N
Ipê amarelo	<i>Tabebuia ochracea</i> Standl.	Bignoniaceae	R	2.00	1.42	AV	N
Ipê roxo	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Bignoniaceae	R	2.00	1.42	AV	N
Jaborandi da mata	<i>Ottonia corcovadensis</i> Miq.	Piperaceae	R	1.00	1.00	AB	N
Jatobá	<i>Hymenaea stignocarpa</i> Mart.	Caesalpiniaceae	R	2.33	1.93	AV	N
Jequitibá	<i>Cariniana rubra</i> Gardner. Ex. Miers	Lecythidaceae	R	2.00	2.00	AV	N
Jurubeba	<i>Solanum aff. lycocarpum</i> St. Hil.	Solanaceae	R	1.00	1.00	AB	N
Limão	<i>Citrus limonum</i> Osbeck.	Rutaceae	R	1.00	1.00	AB	C
Língua de vaca	<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gl	Asteraceae	R	1.00	1.33	HB	C
Lixeira	<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae	R	1.66	1.22	AV	N
Lixinha	<i>Davilla nitida</i> (Vahl.) Kubitz	Dilleniaceae	R	1.00	1.22	AB	N
Louro branco	<i>Cordia glabrata</i> Mart.	Boraginaceae	A	1.00	1.00	AV	N
Mamica-de-porca	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Rutaceae	Ot	1.00	1.00	AV	N
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez.	Apocynaceae	R	1.50	1.16	AV	N
Mangava brava	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	Lythraceae	R	2.00	1.66	AV	N
Maracujá do mato	<i>Passiflora</i> sp.	Passifloraceae	R	1.00	1.00	TR	C
Maria pobre	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Sapindaceae	R	1.33	1.29	AV	N
Marmelada bola	<i>Alibertia edulis</i> (L.R.) A. Rich ex DC	Rubiaceae	R	1.00	1.06	AB	N
Marmelada espinho	<i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore	Rubiaceae	A	1.00	1.06	AB	N
Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Monimiaceae	R	1.50	1.50	AV	N
Olho-de-pomba	<i>Coussarea hydrangeaefolia</i> Benth.& Hook.	Rubiaceae	R	1.00	1.06	AV	N
Paratudo	<i>Tabebuia aurea</i> (M.) B. et H.	Bignoniaceae	R	2.00	1.42	AB	N
Pau d'anta	<i>Cybistax antisyphyllitica</i> Mart.	Bignoniaceae	R	1.00	1.42	AV	N
Pau doce	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	Vochysiaceae	R	1.00	1.23	AV	N
Pau santo	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	Clusiaceae	Ot	1.50	1.33	AV	N

Nome Popular	Nome Científico	Família	Cat. De Uso	Vusp	VUF	Hábito	Origem
Pau terra	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	R	1.50	1.23	AV	N
Pauterra macho	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Ot	1.00	1.23	AV	N
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Caryocaraceae	A	1.75	1.75	AV	N
Periquiteiro	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Ulmaceae	Ot	1.00	1.00	AV	E
Peroba	<i>Aspidosperma australe</i> M. Arg.	Apocynaceae	R	1.00	1.50	AV	N
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i> (St. Hil.) Radlk.	Sapindaceae	A	1.33	1.29	AV	N
Quina genciana	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohl.) Yak.	Fabaceae	R	2.00	1.68	AV	N
Rabo-de-caxinguelê	<i>Polypodium decumanum</i> Willd.	Polypodiaceae	R	1.00	1.00	EPI	N
Salsa paredão	<i>Caladium</i> sp.	Araceae	R	1.00	1.00	HB	N
Samambaia-mato	<i>Polypodium</i> sp.	Polypodiaceae	Or	1.00	1.00	EPI	N
Sangra d'água	<i>Croton salutaris</i> Muell. Arg.	Euphorbiaceae	R	2.50	1.50	AV	N
Serigüela	<i>Spondias lutea</i> L.	Anacardiaceae	A	1.00	1.50	AV	C
Sucupira branca	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Fabaceae	R	1.50	1.68	AV	N
Sucupira preta	<i>Bowdichia virgiloides</i> H. B. K.	Fabaceae	R	1.50	1.68	AV	N
Taioba	<i>Colocasia esculenta</i> L.	Araceae	R	1.00	1.00	HB	C
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Caesalpiniaceae	R	2.00	1.93	AV	C
Tarumã	<i>Vitex cymosa</i> Bert.	Verbenaceae	R	1.00	1.00	AV	N
Tarumarana	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichl.	Combretaceae	R	1.00	1.00	AV	N
Timbó	<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	Sapindaceae	R	1.00	1.29	AV	N
Tripa de galinha	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Caesalpiniaceae	R	1.00	1.93	TR	N
Tucum	<i>Bactris glaucescens</i> Drude	Arecaceae	A	2.00	1.83	PAL	N
Unha de boi	<i>Bauhinia</i> sp.	Caesalpiniaceae	R	1.75	1.93	AB	N
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	A	1.66	1.66	AB	C
Uva brava	<i>Cissus erosa</i> Rich.	Vitaceae	R	1.00	1.00	TR	N

Nome Popular	Nome Científico	Família	Cat. De Uso	Vusp	VUF	Hábito	Origem
Vinhático	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Mimosaceae	Ot	1.00	1.43	AV	N
Ximbuva	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.)M.	Mimosaceae	Ot	1.00	1.43	AV	N
Rosário	<i>Não identificada</i>						
Cura tombo	<i>Não identificada</i>						
Porretim	<i>Não identificada</i>						
Acumã	<i>Não identificada</i>						
Pio martim	<i>Não identificada-</i>						
Guapuira	<i>Não identificada-</i>						

Na dinâmica de classificação das plantas por valoração utilitária entre os moradores de Conceição-Açu o número de famílias botânicas citadas foi de 43 sendo as que mais se destacaram por categoria e número de espécies (**Tabela 6**), valor de uso das espécies vegetais e importância cultural foram:

A categoria Alimento: a contribuição foi de 10 famílias botânicas (23%) sendo as que se destacaram: Arecaceae (3 espécies), Anonaceae, Rubiaceae e Sapindaceae (2 espécies cada) e o restante das famílias representadas com 1 espécie cada.

A categoria Remédio destacou-se entre as espécies indicadas pelos informantes e proporcionou a inclusão das seguintes famílias (74%) e o correspondente número de espécie: Bignoniaceae (7 espécies), Caesalpiniaceae (4 espécies), Araceae, Asteraceae, Dilleniaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae, Mimosaceae, Rubiaceae, Sapindaceae (3 espécies cada) , Apocynaceae, Clusiaceae, Moraceae, Sterculiaceae e Verbenaceae (2 espécies cada) e 15 famílias com uma espécie cada.

A categoria ornamental (**Or**) destacou-se pelas famílias botânicas: Bignoniaceae, Bromeliaceae e Polypodiaceae (1 espécie cada).

A categoria Outros (**Ot**) contribuiu com 16 famílias botânicas (37%) sendo as que mais se destacaram: Mimosaceae (5 espécies), Vochysiaceae (3 espécies) Clusiaceae (2 espécies) e 13 famílias com uma espécie cada.

Quanto ao hábito das plantas predomina o arbóreo e de origem nativa e para o total das espécies vegetais referidas pela população local observa-se que entre as diferentes categorias de uso mencionado a categoria Remédio (medicinal) é a que mais se destaca. Observa-se, também, que a atividade de coleta de produto florestal não se constitui como atividade primordial e sim como atividade complementar baseado, principalmente, no conhecimento do ecossistema e o uso que a população faz das ervas medicinais. E dando ênfase ao conhecimento que a população detêm do ecossistema nas diferentes formas de trabalho registramos a importância que atribuem à conservação dos recursos naturais quando manifestam os cuidados no manuseio e utilização das plantas.

A maioria das plantas coletadas nas matas de galeria é utilizada como remédio e manifesta sua importância na fitoterapia local sob o ponto de vista econômico. No

entendimento dos moradores locais o uso das plantas foi conquistando a confiança das pessoas ao longo dos anos no processo saúde/doença ao estruturar mecanismos próprios condizentes com a realidade na qual vivem e convivem com o saber popular (**Tabela 7**).

Dados semelhantes foram registrados por Guarim Neto et al (2002) na região leste mato-grossense.

TABELA 7. Plantas usadas como remédio em Conceição-Açu. Cuiabá, MT. 2002.

Nome Científico	Família	Nome Popular	Parte usada	Preparo	Indicação Terapêutica
<i>Annona reticulata</i> L.	Annonaceae	Fruta do conde	Folha	Chá	Reumatismo
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez.	Apocynaceae	Mangaba, magava doce	Casca do caule	Chá	Tônico, energético, inflamação
<i>Himatanthus obovatus</i> M. Arg.		Tiborna	Folha	Chá	Depurativo do sangue, acne, prurido
<i>Caladium</i> sp	Araceae	Salsa paredão	Raiz	Xarope	Depurativo do sangue, reumatismo
<i>Colocasia esculenta</i> L.		Taioba	Folha	Chá	Depurativo do sangue hemorróida
<i>Mikania officinalis</i> Mart.	Asteraceae	Guaco	Folha	Chá	Bronquite, problemas do coração
<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gl		Língua de vaca	Folha	Emplastro	Furúnculos, depurativo do sangue
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.		Assa Peixe	Folha	Chá	Gripe, febre, diurético
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) S.	Bignoniaceae	Catuaba	Raiz	Chá	Tônico, energético
<i>Crescentia cujete</i> L.		Cabaça coite	Polpa fruto	Xarope	Tuberculose, bronquite
<i>Cybistax antisyphylitica</i> Mart.		Pau d'anta, pé de anta	Folha	Banho	Dor nas cadeiras
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.		Carobinha branca	Casca do caule	Garrafada	Doenças venéreas depurativo do sangue
<i>Tabebuia aurea</i> (M.) B. et H.		Paratudo	Casca do caule	Xarope	Anemia, fraqueza, verme
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo		Ipê roxo	Casca do caule	Chá	Inflamação e início de câncer

Continuação

<i>Tabebuia ochracea</i> Standl.		Ipê amarelo	Casca do caule	Chá	Câncer
<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	Urucum	Folha	Chá	Falta de ar, pressão alta
<i>Bromelia balansae</i> Mez.	Bromeliaceae	Gravatá, gravateiro	Fruto	Xarope	Doenças do pulmão
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Burseraceae	Amescla	Casca do caule	Chá	Tosse, gripe, diarreia
<i>Buchenavia tomentosa</i> E.	Combretaceae	Tarumarana	Casca do caule	Banho	Feridas e machucaduras continuação
<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae	Lixeira	Folha	Chá	Problemas de bexiga e dor de barriga
<i>Davilla nitida</i> (Vahl.) Kubitz		Lixinha	Folha	Banho	Hérnias e rendaduras
<i>Doliocarpus</i> sp		Cipó caboclo	Cipó	Seiva	Irritação na pele
<i>Croton salutaris</i> Muell. Arg.	Euphorbiaceae	Sangra d'água	Caule	Seiva	Antiinflamatório, cicatrizante de feridas e machucaduras
<i>Jatropha urens</i> L.		Cansação	Raiz	Chá(bochecho)	Dor de dente, reumatismo
<i>Synadenium grantii</i> Desmoul ex. Boiss		Cancerosa	Folha	Chá	Inflamação, fraqueza geral
<i>Callophyllum brasiliensis</i> Camb.	Clusiaceae	Guanandi	Casca do caule	Chá e banho local	Antiinflamatório, hemorróida e varizes
<i>Rheedia brasiliensis</i> Camb.		Bacuri	Côco	Seiva	Dor dói (dor nos olhos)
<i>Hyptis goyazensis</i> St. Hil ex. Benth	Lamiaceae	Hortelã do brejo	Folha	Chá	Gripe, febre
<i>Cariniana rubra</i> Gardner. Ex. Miers	Lecythidaceae	Jequitibá	Casca do caule	Chá, gargarejo	Gastrite, hemorróida e antiinflamatório da garganta e ovários(corrimento)
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohl.) Yak.	Fabaceae	Quina genciana	Raiz	Chá	Problemas de ovário e útero
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Caesalpiniaceae	Tripa de galinha	Folha	Chá	Reumatismo
<i>Bowdichia virgiloides</i> H. B. K.	Fabaceae	Sucupira preta	Fava	Chá	Reumatismo, antiinflamatório e pano branco

Continuação

<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Caesalpiniaceae	Copaíba	Caule	Seiva	Antinflamatório, depurativo do sangue e cicatrizante
<i>Bauhinia nítida</i> Mart.	Caesalpiniaceae	Unha-de-boi, pata de vaca	Folha	Chá	Diabetes
<i>Hymenaea stagnocarpa</i>	Caesalpiniaceae	Jatobá	Casca do caule	Xarope	Antinflamatório, anemia, fortificante
<i>Ingá</i> sp.	Mimosaceae	Ingá	Folha	Macerada	Sinusite, gripe e congestão nasal
<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Fabaceae	Sucupira branca	Fava	Xarope	Tosse, inflamação da garganta, anemia
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville.	Mimosaceae	Barbatimão	Casca do caule	Chá e banho	Úlcera, feridas, inflamações, dor de garganta
<i>Mimosa adenocarpa</i> Benth.	Mimosaceae	Dorme-dorme	Folha	Embaixo do travesseiro da criança	Calmanete, deixa criança amorosa
<i>Tamarindus indica</i> L.	Caesalpiniaceae	Tamarindo	Folha	Chá para lavar a cabeça	Malina
<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	Lythraceae	Mangava brava	Casca do caule	Chá	Úlcera e gastrite
<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	Acerola	Fruto	In natura, vitamina	Gripe
<i>Mouriri elliptica</i> Mart.	Memecylaceae	Coroa de frade	Folha	Chá	Ácido úrico, depurativo do sangue
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Monnimiaceae	Negramina	Folha	Chá e banhos	Malina (sangue pelo nariz) e fraqueza
<i>Cecropia pachystachya</i> Trèc.	Moraceae	Embaúba	Broto	Chá	Bronquite, micose, rins
<i>Passiflora</i> sp	Passifloraceae	Maracujá do mato	Folha	Chá	Calmanete, acalma os nervos
<i>Ottonia corcovadensis</i> Miq.	Piperaceae	Jaborandi da mata	Folha	Chá, compressa	Constipação intestinal
<i>Polygonum acre</i> H.B.K.	Polygonaceae	Erva-de-bicho	Folha	Chá, compressa	Hemorróida, varizes
<i>Polypodium decumanum</i> W.	Polypodiaceae	Rabo-de-caxinguelê	Rizoma	Chá	Pedra nos rins
<i>Alibertia edulis</i> (L.R.) A. Rich ex DC	Rubiaceae	Marmelada bola	Folha	Chá	Problemas de estômago
<i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg.		Douradinha	Folha	Chá	Rins, amarelão e depurativo do sangue

continuação

<i>Coussarea hydrangeaeifolia</i> Benth & Hook		Olho-de-pomba, erva-molá	Folha	Chá	Ulcera, gastrite, rins
<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Limão	Fruto	In natura, suco	Gripe, resfriado
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Sapindaceae	Maria pobre mulherpobre	Broto	Macerado	Frieiras
<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.		Timbó	Semente	Óleo	Reumatismo
<i>Paullinia cupana</i> HBK		Guaraná	Pó	Chá	Energético e fraqueza em geral
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae	Chico magro	Casca	Chá para banho	Alergia e ferimentos em geral
<i>Solanum aff. Lycocarpum</i> St. Hil	Solanaceae	Jurubeba	Folha	Chá	Digestão, estômago
<i>Vitex cymosa</i> Bert.	Verbenaceae	Tarumã	Casca do caule	Chá	Bronquite, sinusite
<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Lopez-Palacios		Gervão	Folha	Chá	Ulcera, fígado, estômago
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Pau terra	Casca do caule	Chá	Estômago e arca caída

Das espécies vegetais utilizadas pelos informantes 63 (65,6%) foram indicadas como remédio no uso terapêutico que abrange as diferentes categorias referentes às afecções do organismo. Assim, foram atribuídas 45 afecções orgânicas entre os diferentes sistemas do corpo humano, sendo: frieiras, gonorréia, tuberculose, diabetes, furúnculo, reumatismo, diurético, úlcera, gastrite, anemia, pressão alta, hemorróida, varizes, início de câncer, acne, dor nas cadeiras, pano branco, ácido úrico, bronquite, etc.

A parte da planta que obteve o maior percentual de uso foi a folha com 48,3%, seguido da casca do caule com 23% e da raiz com 6,8%.

Entre as formas de preparos utilizados pela população local o mais expressivo é o chá com 63%, xarope com 10,3%, outras formas também foram relatadas como garrafada, emplastro, compressas e banhos. A **Tabela 8** mostra as afecções orgânicas tratadas com os

recursos fitoterápicos locais nos tratamentos de saúde para as diferentes afecções orgânicas que acometem o ser humano, com base na Classificação Internacional das doenças.

TABELA 8. Número de plantas usadas como remédio para tratamentos das diferentes afecções orgânicas. Conceição-Açu, Cuiabá, Mato Grosso.

CATEGORIAS	Número de Sp de plantas	Número de usos citados
Doenças do sistema nervoso	2	3
Doenças do aparelho digestivo	6	3
Doenças do aparelho respiratório	4	6
Doenças do aparelho circulatório	9	7
Doenças do aparelho geniturinário	6	6
Afecções sistema tegumentar	3	4
Doenças do olho e anexos	1	1
Doenças infecciosas e parasitárias	8	6
Doenças do sistema osteomuscular e conjuntivo	2	2
Transtornos mentais e comportamentais	6	2
Neoplasias	2	2
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos	11	4

Entre as plantas usadas como remédio verificou-se que a maior frequência destina-se ao tratamento de problemas referente às afecções do sangue e órgãos hematopoiéticos (17,5%) principalmente como auxiliares nos tratamentos de reumatismo. Em segundo lugar para as afecções do sistema circulatório (14,5%) como pressão alta e hemorróida, principalmente. Em terceiro lugar as doenças infecciosas e parasitárias (12,6%) como furúnculos, inflamações. Também as afecções do sistema digestivo (9,5%) apontaram como auxiliares nos tratamentos de úlceras e gastrites, principalmente. As afecções do sistema tegumentar receberam uma porcentagem de 4,6 das plantas utilizadas pela população local e para o sistema nervoso, sistema genital, sistema osteomuscular e tecido conjuntivo e neoplasias a contribuição foi de 3,1% de cada um.

A multiplicidade de uso das plantas variou entre um e quatro tratamentos terapêuticos, em média. A exemplo podemos citar o jequitibá (4 usos), quais sejam: gastrite, hemorróida, inflamação da garganta e inflamação dos ovários; como outros exemplos temos a

copaíba (3 usos): anti-inflamatório, depurativo do sangue, cicatrizante; o barabatimão (3 usos): úlcera, inflamação, feridas. A maioria das plantas recebeu, em média, entre dois e três usos terapêuticos pela população de Conceição Açu.

Quanto às atividades de produção exercida nas diferentes unidades de paisagem local pela comunidade de Conceição-Açu conclui-se que:

Em média, o tamanho das roças varia de 0,4 à 2 ha, que são exploradas em torno de dois a três anos de cultivo. Após, são abandonadas pelo decréscimo da fertilidade do solo e novos sítios são escolhidos, quase sempre próximo da casa e da mata de galeria. As áreas cultivadas, geralmente de tamanho pequeno, são “exploradas” apenas pela família. Em média, gastam de quatro a cinco horas por dia nos trabalhos de roça. A frequência às roças varia de 1 à 2 vezes por dia.

As roças estão localizadas muito próximo das matas de galeria e da casa, principalmente. A explicação advém de vários argumentos, tais como: área total da propriedade pequena o que torna tudo muito próximo, presença da água e da sombra próximo da mata e o pouco tempo que se gasta para se deslocar à área de trabalho o que justifica a frequência diária nas atividades de capina e limpeza das roças.

A agricultura de subsistência, quando em consórcio, não provoca nenhum tipo de degradação ecológica ao ambiente em questão. Isto se deve, primeiramente, aos diferentes estratos conferidos às diferentes espécies no mesmo ambiente, ou seja, a mandioca, rastejante, a bananeira intermediária e no último estrato os mamoeiros. Portanto a arquitetura das espécies cultivadas em consórcio promove a ocupação de diversos níveis da vegetação. Secundariamente, as técnicas utilizadas são simples e artesanais, sem o uso de maquinários o que favorece a recuperação mais rápida da área de capoeira, quando deixada em repouso.

Os quintais representam o *lócus* da maioria das espécies nativas cultivadas provavelmente pelo fácil acesso ao local de coleta.

Os tratamentos de saúde através da medicina popular coexistem, paralelamente, aos serviços de saúde fundamentada pelos próprios valores encontrados pela população local e também pela transmissão da herança cultural. Nesse sentido, diante da realidade em que vive a comunidade local o que prevalece é o empírico, de modo que a maioria das plantas usadas como remédio pertence à flora mato-grossense alcançando maior expressividade quando referidas para problemas mais simples e que fazem parte da atenção primária em saúde, por exemplo: gripe, febre, resfriados, gastrite, úlcera, problemas do fígado e estômago, feridas, tonturas, inflamação do útero e ovário. Estudos farmacológicos proporcionariam resultados

científicos fundamentados e assim contribuindo para o uso das espécies referidas com maior precisão.

Das 180 espécies referidas pelos informantes para um ou mais tipos de usos a maioria provém do Cerrado e encontra-se distribuída em todos os extratos da vegetação. A utilização das espécies ocorre, preferencialmente, em função da proximidade do local de coleta com a residência. Assim, o extrativismo prevalece como forma de obtenção da maioria das espécies, principalmente as folhas para ervas e arbustos, seguido da casca do caule para árvores. Semente, fruto e raiz em menores proporções.

Nos quintais e roças a preferência quanto à categoria de uso das plantas é quase equivalente, ou seja, como alimento (48,1%) e como medicinal (44,5%). Nas matas de galeria e adjacência a categoria medicinal é de (65,6%) e alimento menos expressiva, fato que demonstra a diversidade vegetal do ambiente e a conseqüente diversidade cultural para o uso das plantas como remédio. Quanto ao valor de uso das espécies nativas destacaram-se: a Copaíba, o Carvão vermelho, o Jequitibá, o Paratudo, a Quina genciana, o Guatambu, o Ipê-amarelo, o Ipê-roxo, a Sangra d'água, a Aroeira, o Babaçu, o Jatobá, a Mangava-brava, o Tucum, entre outros.

A comunidade de Conceição-Açu concebe os recursos vegetais dentro de um significado muito amplo de utilidade apresentando uma dependência dos recursos localmente disponíveis, especialmente de plantas medicinais na mata de galeria e alimentar nas roças e quintais. Portanto, os usos descritos para a mata de galeria revelam um expressivo aproveitamento em relação às funções de extrativismo, demonstrando uma preocupação com a manutenção das potencialidades vegetais, e contribuindo, dessa forma, para a conservação da biodiversidade nos ecossistemas naturais, o que caracteriza uma medida racional quanto ao aproveitamento dos produtos florestais da região.

CAPÍTULO 3

A ETNOZOOLOGIA NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU (ALTO DA BACIA DO RIO ARICÁ-AÇU. MT, BRASIL)

1.0. INTRODUÇÃO

Através do conhecimento das diferentes unidades de paisagens existentes em Conceição-Açu a comunidade local detecta e reconhece os processos de conservação dos recursos faunísticos, com enfoque especial na ocorrência dos recursos como elementos de subsistência e lazer.

A análise da percepção sobre a fauna e seus diferentes habitats, apresenta-se na forma de interpretações e significados simbólicos. Estes manifestam as diferentes experiências práticas do cotidiano através da experimentação que constrói o saber e a paisagem nos habitats envolvidos no processo cultural.

A prática diária de trabalho e vida expressa o cotidiano de contato com os recursos faunísticos nas unidades de paisagens como a mata de galeria, a roça, o quintal e os rios, conferindo-lhes uma sabedoria adquirida através das atividades do fazer, do improvisar e, assim promovendo o conhecimento de como agir e reagir diante das circunstâncias diárias.

A análise da percepção sobre a importância do revestimento florístico manifesta as diferentes experiências práticas do cotidiano de vida da cultura dos moradores locais enquanto habitat dos recursos faunísticos locais. A vegetação é percebida e entendida como origem e refúgio dos animais em geral.

O processo de conhecimento e prática para a conservação da fauna se dá primeiramente no que se diz respeito à conservação da flora que significa a manutenção da teia alimentar dos animais e secundariamente à valoração dessas áreas onde a conservação é exercida através do manejo para uso em atividades de organização social de produção para manutenção dos bens necessários.

Em termos de proteína animal Conceição-Açu beneficia-se da pesca, da caça e da criação de animais domésticos como aves, suínos e animais de pequeno porte. O conhecimento sobre as espécies faunísticas é detalhado e grande parte das espécies da flora é identificada a partir de sua utilização como atributo alimentar para atrair e facilitar a captura das presas.

Igualmente, em termos de subsistência, os índios caçam mamíferos e aves de diversas espécies. Alguns alternam locais para melhor proveito respeitando superposição de habitats nas áreas de caça. A alta proporção de proteína e gordura da carne de caça torna-a um alimento que proporciona vigor e resistência às doenças. Animais de caça em estado de semi-domesticação em áreas circunscritas, isto é, em capoeiras, sítios fechados com cercas, quintais ou nas proximidades com as hortas domésticas produzem um excedente substancial protéico para a economia familiar (Ribeiro,1987).

Este capítulo tem como objetivo conhecer os recursos faunísticos existentes na área rural da comunidade de Conceição-Açu (MT, Brasil) bem como a utilização desses recursos animais como subsistência ou lazer no cotidiano da população local.

Os objetivos que conduziram o conhecimento da presente proposta envolvem especificamente:

- ✓ O levantamento da fauna local e seus diferentes usos pela comunidade;
- ✓ A identificação dos diferentes tipos de peixes consumidos pela população local;
- ✓ O registro das diferentes formas de estratégias adotadas como recursos de caça e pesca;
- ✓ A divulgação das estratégias de conservação dos recursos faunísticos como garantia de utilização dos animais ao longo do tempo.

2.0. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Caracterização da Área de Estudo

O estudo foi realizado na comunidade rural de Conceição-Açu situada na Baixada Cuiabana, no Município de Cuiabá, MT, a 45 km ao sul de Cuiabá, na alta bacia do rio Aricá-Açu, afluente do rio Cuiabá (região de APA conforme Decreto Estadual de 27/11/1995). A área de estudo encontra-se delimitada pelas coordenadas geográficas 15° 30' e 15° 40' S e 55° 35' e 55° 50' W e localiza-se na Microregião de Cuiabá, pertencente à Mesoregião – Centro Sul Mato-grossense (Radambrasil,1982) **(Fig.1)**.

Segundo a classificação climática de Köppen domina na área um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é predominantemente o Aw, caracterizado por ser um clima quente e úmido com duas estações definidas, uma estação chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) que coincide com o inverno. As precipitações médias anuais registram em torno de 2000 mm e as temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23°C a 25°C. Há um declínio pouco sensível nos meses de julho e agosto. A média das máximas fica entre 30°C e 32°C sem grandes oscilações durante o ano, embora as mínimas decresçam no inverno e a noite. A formação vegetal predominante é o cerrado, com a presença de floresta decídua na encosta dos morros, com paredões e afloramentos calcáreos representados pela Serra de Chapada dos Guimarães e mata de galeria ao longo dos rios (PCBAP, 1997).

A área de estudo é banhada pelos mananciais hídricos da margem esquerda que formam a microbacia do rio Aricá-Açu, um rio de 3ª ordem, conforme classificação de Strabler&Strabler (1989) Seus afluentes, caracterizados como de menor porte, representados pelos rios e córregos denominados, Aguaçú, Claro, Glória, Conceição, Tamanduá, Piancó, Barrero, entre outros. O rio Aricá-Açu possui uma extensão de aproximadamente 112 Km e a porção alta da bacia que representa a área de estudo possui 31 Km de comprimento e uma área de aproximadamente 413Km² (Fonte: Laboratório de Cartografia da UFMT, 2003).

Quanto à caracterização dos solos a região apresenta solos minerais não hidromórficos, com horizonte B, do vermelho ao amarelo, de textura média à argilosa, de pouco profundo à profundo, de bem a imperfeitamente drenado e o relevo de

ondulado, forte ondulado e montanhoso e a unidade típica de paisagem é de savana com mata de galeria (PCBAP, 1997).

As principais atividades econômicas são a agricultura de subsistência, a fabricação de farinha de mandioca, a pesca e a caça, todas para o consumo familiar.

A região apresenta um certo isolamento em relação à área urbana, o que não impede a penetração das concepções do mundo atual influenciadas pelo meio social circundante, sob a força da urbanização.

2.2. Metodologia: Métodos e Técnicas de Abordagem

O presente estudo desenvolveu-se em uma zona rural habitada pelos moradores da comunidade de Conceição-Açu pertencente ao município de Cuiabá, no Mato Grosso. Devido à proposta de se trabalhar com a apreensão do conhecimento que a população detêm sobre o ambiente rural aliado ao valor ambiental do ecossistema mata de galeria, roça, horta e quintal, é necessário que as estratégias sejam fundamentadas por método, com o papel de subsidiar a busca dos dados empíricos na área de estudo. Optou-se, então, pelo estudo de caso cuja fundamentação teórica explora diferentes áreas do conhecimento para buscar a resposta dado o nível da problemática em questão. Greenwood (1973) caracteriza o estudo de caso através de uma análise intensiva da comunidade selecionada, tanto em amplitude como em profundidade, usando-se de todas as técnicas disponíveis para se atingir os objetivos propostos.

Também Vayda (1983) corrobora no estudo de caso quando assinala que através da “contextualização progressiva” os fenômenos correspondentes ao processo de interação entre o ser humano e o ambiente devem ser vistos dentro de um contexto cada vez mais amplo e mais denso com finalidades específicas de alcançar o entendimento holístico do que está sendo analisado.

A partir dos fatos e feitos que revelam conhecimentos e atitudes com respeito ao saber popular, o emprego do procedimento descritivo dentro das ciências sociais e naturais fundamenta o percurso metodológico na busca da compreensão e reconstrução dos fenômenos ambientais em questão. Geertz (1989) assinala a importância de se valorizar o senso comum como sistema cultural. Portanto, atribuir

simetria na consideração de diferentes modos de pensar e saber constitui um pré-requisito fundamental no processo descritivo da etnozoologia, ao captar o universo de significados entre o homem e o ambiente, utilizando-se das categorias – tempo, espaço e lugar.

Ao enfatizarmos outros princípios que conduzem o processo metodológico, desembocamos na observação participante como forma de compreender os fenômenos que ocorrem no cotidiano das pessoas. Sendo considerada a técnica mais aberta para lidar com as falas dos informantes, nesta Viertler (2002) destaca sua importância enfatizando o papel do observador e do observado “(...) o pesquisador se entrega à rotina e à participação nas atividades de interesse dos pesquisados; captando o modo pela qual a população local manifesta suas habilidades e conhecimentos. Os nós de incompreensão percebidos pelo pesquisador poderão se resolver por um complexo processo de “aprender fazendo”, permitindo-lhe compreender com mais profundidade sentidos até então não detectados de referenciais culturais dos seus observados”.

Para tal, buscar o entendimento da realidade da população local não constitui uma tarefa fácil, porém, através da observação direta teremos maiores chances de apreender com segurança a variedade de dados observados, das idéias e concepções relacionadas aos dados emitidos pelos informantes, como expressão cultural e social de força e de trabalho. Se a observação participante corresponde à técnica mais aberta de lidar com as falas dos informantes, a técnica mediadora constitui-se das entrevistas, em que ocorre uma relação de comunicação mais equilibrada dos sistemas cognitivos – o que é observado e o que observa, referindo-se, respectivamente, as visões êmica (do pesquisado) e a ética (do pesquisador). O ético será sempre uma interpretação do êmico da cultura e não a própria cultura (Campos, 2002).

2.3. A Execução da Pesquisa de Campo

A execução do plano de intervenção atendeu aos objetivos propostos e, portanto, o trabalho de campo foi precedido de um levantamento a nível teórico sobre o problema estudado fundamentando-se nas questões levantadas dentro dos limites do marco teórico e dos pressupostos delineadores da pesquisa. As etapas que direcionaram a coleta de dados envolveram os seguintes procedimentos metodológicos:

1 - levantamento e acesso ao acervo bibliográfico, para fins da obtenção dos dados sócio-ambientais e ecológicos relacionados aos fenômenos ocorrentes na região e na comunidade. Esta etapa teve início em agosto de 2001 e acompanha os passos que envolvem a execução da pesquisa.

2- aplicação do pré-teste promoveu a seleção das técnicas de pesquisa mais adequadas aos objetivos propostos, sendo: mapeamento da área de estudo, levantamento da fauna existente na área, questionário sócio-econômico, registro fotográfico, história de vida, censo, diário de campo e entrevistas, testadas para melhor adequação aos propósitos da pesquisa. A realização do pré-teste aconteceu de 02 a 15 de setembro de 2001.

3- pesquisa de campo – inicialmente algumas dificuldades apresentaram-se como limitantes devido aos objetivos propostos pela pesquisa, ou seja, de apreender os processos perceptivos gerados pela população local. Isto porque o único trabalho científico existente na área trata da Utilização dos Recursos Vegetais no Vale do Aricá (Pasa, 1999). Com isso, o fator tempo sofreu um acréscimo considerável alterando o cronograma de execução devido ao preparo dispensado ao informante no que antecede ao uso do gravador para o registro das entrevistas, especificamente para a população dessa área rural. Portanto, a pesquisa de campo iniciou-se em 11 de outubro de 2001 e foi até dezembro de 2002, com frequência de visitas semanais, inicialmente, e quinzenais nos últimos meses da pesquisa.

Quanto às técnicas aplicadas para execução da pesquisa de campo utilizou-se desde o questionário, que corresponde à técnica mais fechada de lidar com a fala dos informantes, até o outro extremo, a observação participante. Entre os extremos, utilizou-se a técnica da entrevista. A técnica da entrevista, mais flexível do que o questionário

pelo tipo de linguagem empregada, pode ser mais ou menos aberta às peculiaridades culturais do informante (Viertler,2002).

A técnica da entrevista utilizou-se das modalidades semi-estruturada e não estruturada (Minayo,1994) onde diferem em grau (mais ou menos dirigida) e a ordem dos assuntos não segue uma seqüência rígida e sim, determinada pelas preocupações e ênfases que os informantes dão ao assunto, além de não comprometer a observação unilateral dos fenômenos em questão. Viertler (2002) “(...) na técnica da entrevista, enquanto as modalidades semi-estruturada e estruturada dão maior controle da situação ao pesquisador, as não estruturadas dão um maior controle para o informante.

Para Corrêa (1978) as fontes históricas podem ser analisadas segundo vários aspectos e a partir de cada um, classificadas segundo suas características. Assim, o autor ressalta que a história oral é a transmissão, de fatos de geração em geração que, por suas características, não são transmitidos intencionalmente para a própria preservação e sim, objetivam apenas o seu conhecimento imediato.

Através da história de vida (Meihy,1996), objetivou-se captar o processo de memória e de reflexão crítica da população local acerca de suas vivências tidas em condições sociais específicas. Também foi possível, através dessa técnica, a constatação de valores, ideais de vida, expectativas, dificuldades e conquistas face aos vários processos sociais vivenciados pelos informantes ao longo de sua existência e convivência no local.

2.4. As diferentes Técnicas utilizadas na Pesquisa de Campo

Questionário: o tipo aplicado constituiu-se da combinação de perguntas abertas e fechadas para obtenção de características referentes aos diferentes tipos de animais conhecidos e consumidos pelos informantes e também aqueles que convivem socialmente com a família nos quintais das residências..

Entrevista: a aplicação de entrevistas semi-estruturada e não estruturada tem por objetivo apreender a importância ambiental, cultural e social dos fenômenos locais, através das informações do informante a respeito dos conhecimentos que possui sobre os animais do seu meio, o ambiente e o cotidiano em que convive com estes animais.

Diário de campo: registro de informações pertinentes à pesquisa, durante o desenvolvimento do trabalho de campo.

Croquis: é o mapeamento da área de estudo, alocando os pontos de coleta representados pela residência, mata de galeria, manancial hídrico, espaços de produção e distribuição das espécies vegetais nas unidades de paisagem.

Levantamento etnozoológico: foram realizadas expedições até a mata de galeria rios e córregos objetivando captar o conhecimento que a população detém dos referidos animais nesses ecossistemas. Foram levantados os dados referentes à identificação da fauna local. Esta etapa obedeceu a ordem cronológica de execução das atividades de campo que, após a ordenação dos conhecimentos anteriormente adquiridos, buscou-se detalha-los com maior clareza e especificidade, no que diz respeito à:

animais: utilidades; sinônimos; modo de preparo do recurso para a pesca ou a caça; mecanismos de manejo do habitat; relações ecológicas entre plantas e animais. O registro fotográfico, as gravações em fita cassete e as anotações eram realizadas durante as expedições pela mata de galeria, roças, quintais e recursos hídricos.

2.5.. Estratégias de Análise: Tratamento Qualitativo

O envolvimento dos conhecimentos e os manejos dispensados aos animais domesticados, de caça, de pesca e mesmo os de convívio doméstico constitui o fio condutor da análise dispensada ao conhecimento e o saber que a comunidade rural detém sobre o espaço que vive e co-existe no ambiente. A Ecologia ao enfatizar sua base nas ciências biológicas constitui-se uma ciência “exata” e “aplicada”. “Exata” por utilizar-se do instrumental da matemática, da física, da química, etc. “Aplicada” pelo fato do comportamento humano ter a ver com a estrutura e função dos ecossistemas (Odum, 1988). Entendendo que essa sociedade rural possui uma convivência organizada, é certo dizer, que o elemento que rege essa convivência é chamado cultura porque promove a sobrevivência social por um tempo mais ou menos prolongado no ambiente. Assim, o comportamento de um ser humano não pode ser explicado por ele mesmo, enquanto unidade de referência isolada, mas sim, que é necessário compreender as

ações e comportamentos sociais dessa comunidade rural em termos de referenciais culturais específicos ao seu contexto social.

Portanto, captar do informante o pensar o tempo e o espaço, enquanto ambiente de convívio, significa o afloramento perceptivo dos aspectos de suas manifestações culturais sobre os animais que existem nesse ambiente. Essas classificações constituem um recorte de intrincadas cadeias de informações que serão reveladas a partir do comportamento e da vida prática do informante. Isto quer dizer que na realidade social, um tipo de *saber* no mundo tradicional, sempre aparece interligado a um *fazer*, a uma vivência, a uma modalidade de *cultura prática*, em outras palavras, a uma interferência real no ambiente do grupo investigado (Viertler, 2002).

Assim, abordando os viéses da etnobiologia (Posey, 1987) onde estão incluídos os fundamentos práticos do conhecimento do saber e o conhecimento ecológico científico e adentrando na etnozootologia presencia-se que a população local classifica os animais conforme o sentido que lhes atribuem, porque foram construídas a partir das práticas sociais, tais como o trabalho de caça, lazer e de subsistência, preparação de comidas e remédios ou a cura de doenças.

Não é nada fácil tentar reconstruir cientificamente um sistema de pensamentos e percepções quando esses portadores de culturas “outras” fundamentam seu processo de elaboração racional em dispositivos de percepção sensorial e categorias de *temporalidade – espacialidade* diferentes daqueles do pesquisador, motivo pelo qual o presente método parece ser a estratégia de análise mais adequada para descrever as percepções, representações e os símbolos de uma cultura. Trata-se de decifrar os fenômenos que modelam a relação entre a ação, o pensamento e o que é falado, expressos pelos modos de agir sobre o ambiente e as transformações nele contidas. Harvey (1989) ressalta a importância de reconhecer as múltiplas qualidades objetivas que o tempo e o espaço podem expressar, assim como o papel das práticas humanas na sua construção “(...) *as concepções de tempo e de espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social*” “(...) *Cada modo distinto de produção ou formação vai incorporar um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço*”.

Assim, os espaços físicos por onde o homem rural transita e conhece muito bem, não pode ser considerado apenas um espaço físico, mas também social e que,

atrelado ao fator cultural, detêm qualidades simbólicas para todos os membros dessa sociedade. Então, captar o universo de significados de uma outra cultura exige, portanto, um esforço incessante de compreensão dos fenômenos a partir dos referenciais e categorias nativas. Segundo Geertz (1989) é fazer com que um significado expresso no sistema *de lá* seja expresso no nosso sistema *daqui*.

3.0. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. A pesca: o saber local

Para Furtado (1993) a pesca, ao longo dos anos, vem auxiliando na economia das famílias ribeirinhas como forma de proporcionar, enquanto fonte de proteína, a quantidade mínima diária necessária ao ser humano. A população rural de Conceição-Açu também depende da pesca, enquanto fonte de proteína animal para sua subsistência. Entre os moradores locais o aprendizado sobre a arte da pesca tem início durante a infância, geralmente com a família. Assim, o caráter da atividade da pesca na região como subsistência e lazer varia de acordo com a disponibilidade de tempo e oferta do produto.

Como o objetivo da pesca na região está direcionado para a subsistência das famílias, as tecnologias ou apetrechos utilizados constituem-se dos mais simples possíveis, o comum.

O conhecimento sobre o ambiente inclui também a percepção de mudanças ambientais. E um exemplo destas mudanças é decorrente das variações das qualidades e quantidades de peixes nos cursos d'água local, conforme expressão de um morador da região.

“... na seca nós pega mais o bagre e a traíra... no tempo das água quando o rio tá cheio pega até piraputanga, douradinha ele erra do canal do rio Aricá e sobe pro Angicá... no tempo das água não tem traíra, ela fica na loca(pequenos buracos na margem do rio) zelando os fios...não leva comida na loca...já o bagre se esconde na loca que é escurinho, só sai da noitinha em diante...”

de noite é mais fácil de pegá peixe...” (Sra. M. do C.S.C. 55 anos. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002).

Entre a população local os entrevistados citam a importância do peixe no aspecto da dieta alimentar, classificando determinadas espécies de peixes como comestíveis ou não, ruins ou bons, grandes ou pequenos, rápidos ou lerdos. Acredita-se que a preferência alimentar se revela particularmente sobre o conhecimento das espécies locais em função de espécies potencialmente utilizáveis na alimentação das pessoas.(**Figura 2**).



FIGURA 2. Pesca do peixe piau no rio Claro. Conceição Açu, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003.

As aversões alimentares e restrições detectadas na região encontram-se relacionadas a uma condição específica ou período específico, como por exemplo “... a mulher grávida deve evita de come o peixe...não assenta bem pra ela... ou à

característica da espécie “... o peixe sabuco não é preferido... tem um cascão ruim de limpá, só com água quente pra limpá... peixe nenhum come ele por causa do cascão...” (Sra. A. A. da S. 52 anos. Comunidade de Conceição Açú. Cuiabá, MT. 2002).

A prática de evitar o consumo de certas espécies de pescado em situações específicas, como em caso de doença, gravidez ou pós-parto, é bastante comum (Furtado, 1993; Smith, 1996; Madi & Begossi, 1997; Begossi, 1983; Hanazaki, 2002).

De acordo com as entrevistas, sob o ponto de vista êmico, a frequência de consumo e a preferência de determinada espécie, encontra-se diretamente relacionada às características do peixe para o consumo, à disponibilidade de tempo para as atividades de pescaria e à sazonalidade que influencia diretamente sobre a abundância de determinada espécie, é o que confere o relato de uma pescadora da região:

“...pra nós os peixes mais fácil de pega é o lambari... quia de lambari no corgo...a joanaguenza que a gente também chama de maria boquinha e o carazinho...esses sempre a gente pega... tem sempre.. já a traíra tem muito na seca... no tempo das águas não tem traíra”. (Sra. M. do C. S.C. 55 anos. Comunidade de Conceição Açú. Cuiabá, MT. 2002).

Conforme os moradores da região os peixes que conhecem e deles se alimentam são facilmente reconhecidos porque se referem a cada espécie segundo “atributos” êmicos que lhes são conferidos durante a atividade de pescaria. Através do seu cotidiano sabem identificar e descrever com facilidade e clareza o “comportamento” de cada espécie, sua abundância ou escassez, a dinâmica de ação de cada espécie dentro da cadeia alimentar, facilidade ou não de captura e assim, atribuindo-lhes características relacionadas ao comportamento de cada peixe, é o que mostra a **Tabela 1**.

Em relação aos “atributos” referidos pelos entrevistados, Descola (2000) faz a seguinte referência “... estes atributos fazem parte do repertório de cada cultura, que vai assim caracterizar suas relações com

este ou aquele elemento do meio ambiente em função das suas necessidades onde a influência taxonomica sobre o real é, pois, sempre relativa e contextual e assim atribuindo identidades aos componentes vivos do meio ambiente”.

Não há dúvida de que os moradores de Conceição-Açu apresentam um conhecimento empírico das inter-relações complexas entre os organismos em seu meio ambiente e de que eles aplicam este conhecimento em suas estratégias de subsistência. E também, que eles utilizam o conhecimento que possuem para qualificar e descrever as relações sociais entre os organismos, fato que pode ser conferido na **Tabela 1**.

TABELA 1. Correspondência entre as espécies locais (nomes populares) e identificação científica, características êmicas e importância cultural das espécies de peixes para a região de Conceição Açu, Cuiabá, MT.2002.

Nome Científico	Família	Nome Popular	Características
<i>Hoplias malabaricus</i>	ERYTHRINIDAE	Traira	“é mansa, lerda, a gente pega de facão, aparece só na seca, a traíra come mais é o lambari”
<i>Pimelodus ornatus</i>	PIMELODIDAE	Bagre	“de dia fica na loca zelando os filhos, na loca é escurinho. O bagre come lambari”
<i>Satanoperca pappaterra</i>	CICHLIDAE	Carazinho	“esse é fácil de pega, tem sempre muito dele aqui, é manso, é pequeno”
<i>Crenicichla vitata</i>	CICHLIDAE	Maria boquinha	“muito fácil de pega, é lerda, e também Joanaguensa tem muito dela aqui, tem sempre”
<i>Astyanax bimaculatus</i>	CHARACIDAE	Lambari	“fácil de pega, ele é manso e come as fezes do martinho pescador, quaiá de lambari aqui no corgo e no rio”
<i>Prochilodus lineatus</i>	PROCHILODONTIDAE	Curimba	“aparece com rio cheio, só no rio cheio esse peixe é esperto, sobe o rio Aricá não pega no anzol, esse é bravo”
<i>Leporinus macrocephalus</i>	ANOSTOMIDAE	Piau	“desse peixe pega o ano todo, ele gosta de comer a frutinha do ingá”
<i>Brycom microlepis</i>	CHARACIDAE	Piraputanga	“esse também pega o ano todo, ele gosta de comer fruta da árvore que cai na água”
<i>Liposarcus anisitsi</i>	LORICARIDAE	Sabuco	“não é preferido nosso, tem um cascão, cascão ruim de limpa, limpa só com água quente, peixe nenhum come ele por causa do cascão”
<i>Potamotrygon motoro</i>	POTAMOTRYGONIDAE	Arraia	“ não é preferido, ele tem ferroada, peixe nenhum come ele, é ruim, é pirigoso”

Foram registradas 10 espécies de peixes conhecidas pelos moradores de Conceição-Açu destas, oito espécies são consumidas na dieta alimentar das famílias locais. As espécies de maior destaque, conforme relato dos moradores foram o *Astyanax bimaculatus* (lambari), *Crenicichla vitata* (maria-boquinha), *Satanoperca pappaterra* (carazinho), *Leporinus macrocephalus* (piauí) e *Brycon microlepis* (piraputanga). As famílias que mais se destacaram foram Characidae e Cichlidae.

A classificação dos peixes por oposição binária é usual na ictiologia (Marques, 1995). Entre os moradores de Conceição-Açu que praticam a pescaria nos cursos d'água local, os peixes foram classificados de mansos ou bravos, fortes ou fracos, grandes ou pequenos, bons ou ruins. O curimba é classificado como bravo, é dito agressivo ao ser fígado. Os bravos parecem ser preferidos porque desafiam a capacidade do pescador na arte de pescar.

As atividades envolvidas pelo cotidiano rural nessa região seguem uma racionalidade temporal onde cada atividade tem seu tempo e sua hora. Hora de trabalhar na roça, hora de coletar nas matas, hora de caçar, hora de pescar, de conversar no quintal da casa, de arrumar os instrumentos de trabalho, entre outras. Diante dessa característica, de fazer cada tarefa no seu tempo, lhes é atribuído a qualidade de polivalentes, fazem de tudo. Assim, a diversificação de atividades locais resulta em um conhecimento detalhado não apenas dos recursos aquáticos, mas também dos recursos terrestres.

Assim, a atividade de pesca caracterizada como atividade de lazer e de subsistência na região e é executada diariamente, de preferência no final da tarde por homens, mulheres e crianças. Como a maioria das pessoas da região desenvolve a atividade de pesca, detectou-se que essa prática se caracteriza como uma atividade comum entre os moradores da região.

Na maioria das vezes o meio de transporte utilizado pelas pessoas para irem pescar, é a pé. Pescam nos cursos d'água existentes dentro das matas de galeria de sua propriedade que são próximos de sua residência. Não pescam fora de sua propriedade Somente em algumas ocasiões, como nos finais de semana, parentes e amigos às vezes participam da pescaria, senão a mesma é basicamente executada pela família.

O tempo de permanência nas atividades de pescaria varia conforme a disponibilidade de tempo para a execução da mesma. Em média, permanecem entre uma

e duas horas na beira do rio nos dias de semana. Nos finais de semana o tempo pode se prolongar por até 5 horas conforme o rendimento da pesca ou pelo prazer de pescar.

Quase sempre o peixe é imediatamente consumido após a pescaria. Quando não é consumido recebe a salga, que é um tratamento especial para que se mantenha em condições de conservação. Esse tratamento denominado salga entre os moradores da região, começa, inicialmente, pela devida limpeza de escamas e das vísceras do peixe, após, o peixe recebe uma grossa camada de sal por dentro e por fora que o protegerá de deteriorizações e assim, mantendo a carne da pesca saudável para ser consumida durante um período não muito longo. Essa técnica constitui-se uma das formas de garantir as proteínas diárias para a população de Conceição-Açu.

3.2. Dos animais domésticos à caça

O conhecimento e uso dos recursos faunísticos não se restringe à pesca ou a um tipo de ambiente. Os moradores locais dependem de diversos recursos como fonte de proteína animal na dieta alimentar e praticam uma série de atividades de maneira integrada para sua subsistência.

Entre a diversidade de atividades desempenhadas encontramos o criatório de animais domésticos onde as formas tradicionais de produção utilizam animais de pequeno porte como aves, suínos, criados geralmente, com restos de alimentos domésticos. O gato e o cachorro criados como animais de defesa e de estimação.

As aves consideradas domésticas são aquelas espécies de animais que convivem com as pessoas ao permanecerem continuamente por tempo determinado nas árvores do quintal ou no próprio terreiro e assim, participando nas atividades e no cotidiano das famílias locais. A exemplo podemos citar a referência de uma moradora local.

“...as gralhas vem todo dia aqui no quintal, elas (as gralhas) brigam são sete irmãs brigam tanto que causa maior querência no quintal.gralha é forte, corajosa, enfrenta até gavião...” (Sr. R.M.C. 48 anos. Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002).

Além dos animais de pequeno porte se empenham, também, na criação de animais de grande porte como os bovinos e caprinos, os quais recebem tratamento extensivo quanto à forma de criação. Em geral, em Conceição-Açu, a população não utiliza os animais de grande porte como fonte contínua de proteína animal, pois os mesmos são tidos como um bem capital, isto é, são abatidos ou vendidos somente em ocasiões especiais como festas de santos, casamentos e batizados. São vendidos quando precisam reforçar a economia familiar, geralmente, com finalidades de aquisição, por exemplo, a compra de algum imóvel ou pagamento de impostos anuais.

Assim, o saldo contínuo de fonte de proteína animal é fornecido basicamente pelo peixe obtido através da pescaria e o abate de animais domésticos de pequeno porte como galinhas e porcos.

A fauna selvagem também contribui, com menor intensidade, para a alimentação humana. Muitas espécies de vertebrados (mamíferos, pássaros e répteis) são caçados para se obter sua carne. Espécies de invertebrados não foram detectadas como fonte de proteína animal, e sim, produtos, como o mel, são muito procurados e apreciados pela população local.

Igualmente aos peixes as pessoas da região se referem aos animais através de atributos, ou seja, as categorias recebem atributos complementares e classificação binária onde a especificação qualitativa é percebida e transmitida com riqueza de detalhes. É o caso do “...fazer baruío (barulho)” atribuído ao comportamento dos bugios na mata quando anunciam chuva. Portanto, a etnodescrição (Marques, 2002) segue a especificação dos atributos que se estendem ao comportamento dos animais.

Em Conceição-Açu detectou-se que o comportamento dos animais é uma forma de expressão muito comum entre as pessoas e dessa forma expressam o vocabulário local. Esses atributos se estendem a todos os animais que conhecem ou que consomem como fonte de proteína animal, inclusive as referências acontecem em função da cadeia alimentar. A referência tida pelo morador ilustra a presente colocação.

“...o macaco sauí come milho da roça...é esperto demais... ele casca todo o mio mais quando não dá tempo ele casca duas tira

da espiga, amarra e joga na costa... e vai comê lá na árvore ... Quando a pessoa vê ele, os outros macacos da árvore gritam pra avisá ... avisá os que tão robando os mio na roça... eles come também os fruto do jatobá...” (Sr. H. C. G. 67 anos. Comunidade de Conceição Açú, Cuiabá, MT.2002. **(Figura 3)**)



FIGURA 3. Sinais da alimentação do macaco sagüi. Conceição Açú, Cuiabá, Estado do Mato Grosso. 2003. Foto: Maria Corette Pasa

O animal ao ser etnodescrito passa a fazer parte da paisagem, contribuindo ou prejudicando o elemento natural, enquanto meio de produção, quer nas roças, nos campos ou nas matas. O animal passa, então, a ser decodificado conforme atributos próprios do seu comportamento baseado unicamente no perceber localmente contextualizado. Desta forma, Marques (2002) ressalta que “...a referencia a esta categoria de atributos zoológicos é um instrumento que funciona como fonte de informações dos animais ao indivíduo”.

Baseado nas informações obtidas através das entrevistas, a etnotaxonomia faunística de Conceição Açú constitui-se de uma importante fonte de expressão do conhecimento e da sabedoria popular local e, assim, representando a faceta *sui generis* do conhecimento empírico da população local, referencia esta que pode ser conferida através dos dados inclusos na **Tabela 2**.

TABELA 2. Correspondência entre as espécies locais (nomes populares), identificação científica e características êmicas da fauna da região de Conceição Açu, Cuiabá, MT.2002.

ESPÉCIE	FAMÍLIA	NOME POPULAR	CARACTERÍSTICAS
<i>Tapirus terrestris</i>	TAPIRIDAE	Anta	"é forte a carne da anta...Se suá é pura anta.
<i>Dasyprocta aguti</i>	DASIPROCTIDAE	Cutia	"...essa carne é boa..."
<i>Agouti paca</i>	AGOUTIDAE	Paca	"...a carne é boa... a paca atravessa o rio pra come o coquinho do Acuri"
<i>Hydrochaerus hydrochaeris</i>	HIDROCHAERIDAE	Capivara	"...a carne é seca"
<i>Mazama gouazoubira</i>	CERVIDAE	Veado	"...hoje tem pouco..."
<i>Dusycion vetulus</i>	CANIDAE	Lobet	"...come galinha"
<i>Tayassu tajacu</i>	TAYASSUIDAE	Caititu	"...aparece na seca, come milho e mandioca na roça"
<i>Euphactus sexcinatry</i>	DASYPODIDAE	Tatu-peba	"... é bom de caçar... a carne é muito boa".
<i>Rhea americana</i>	RHEIDAE	Ema	"...é corajosa, come cobra pequena".
<i>Cebus sp</i>	CEBIDAE	Macaco-sagüi	"... esse é pequeno mais é muito do ligeiro.. esperto."
<i>Cebus sp</i>	CEBIDAE	Macaco-prego	"...esse é muito ligeiro".
<i>Alonatta caraya</i>	CEBIDAE	Bugio	"...faz baruío na mata,quando vai chove, ele joga casca da arvore na Edna, igual gente..."
<i>Tayassu pecar</i>	TAYASSUIDAE	Queixada	"...na seca come tudo que tem na roça..."
<i>Celeus sp.</i>	PICIDAE	Pica-pau	"...esse tem na mata..."
<i>Cyanocorax sp.</i>	CORVIDAE	Gralha	"...enfrenta gavião, come ovo, pinto,manga,caju, abacaxi"
<i>Ictia plúmbea</i>	ACCIPITRIDAE	Gavião	"come pinto e galinha..."
<i>Columba livia</i>	COLUMBIDAE	Pomba	"...carne boa pra se come"

Continuação			
<i>Ara manilata</i>	PSITTACIDAE	Maracanã	“... faz <i>querência</i> no quintal, de <i>tardinha</i> come coquinho de <i>babaçu</i> ”
<i>Rynchotus rufescens</i>	TINAMIDADE	Perdiz	“...carne é boa...bom de caça”
<i>Iguana iguana</i>	IGUANIDAE	Irara	“...pega as galinhas”.
<i>Tupinambis teguxin</i>	TEIUIDAE	Lagarto	“... come ovo e pinto.”
<i>Ara nobili</i>	PSITTACIDAE	Nandaia	“...carrega <i>cacho</i> de arroz, vai come na árvore na mata...”
<i>Ceryle torquata</i>	ALCEDENIDAE	Martinpescado	“...é pequeno mais é sabido, <i>marguia</i> pega <i>lambari</i> na boca”
<i>Crypturellos undulatus</i>	TINAMIDAE	Jaó	“...esse parece a galinha... mais nós não come dele”
<i>Penelope superciliaris</i>	CRACIDAE	Jacu	“ esse tem muito mais nós caça dele, não é pra caça”.

A caça diminui significativamente na época da seca. O fluxo dos recursos vindos da caça é, seguramente, sazonal, ou seja, oscila conforme a presença ou ausência das águas, determinado pelas condições climáticas locais. Conseqüentemente a oferta de alimentos na mata fica condicionada à sazonalidade. Para os moradores locais a oferta de caça é farta na época das “águas”, porque tem muita comida, muito fruto para os bichos dentro da mata.

Na seca a água dos cursos d’água diminui, diminuindo também o estoque de comida, com isso, os bichos saem da mata em busca de alimento. A oferta de comida para os bichos encontra-se muito perto, nas roças, próximo das matas. Portanto, na época da seca as plantações nas roças são, muitas vezes, destruídas pela fome dos bichos.

Esta situação pode ser entendida e percebida como a fase que representa a exaustão temporária da caça nas matas de galeria. Fase esta que se perdura durante o período da seca. Conseqüentemente, esta ação provoca uma reação em cadeia que

promove, também, a exaustão temporária das roças, pela devastação das plantações pelos animais que migram da mata de galeria.

Acredita-se que devido à localização física da região, a vegetação, o clima e as barreiras geográficas, como rios e montanhas não utilizadas pelo homem, favorecem a representação e conservação faunística na área, pois impedem a migração dos animais para adjacências em busca de comida. Portanto, na seca, o habitat dos animais varia de acordo com sua mobilidade espacial, a qual, na área de estudo, se restringe entre a mata de galeria e as propriedades, e assim favorecendo a manutenção das espécies da fauna local.

Conforme o relato dos entrevistados as espécies da fauna de maior preferência para a população local, no que diz respeito à caça foram a paca, a cutia, a capivara, a perdiz, a pomba e o tatu galinha. Outras espécies de animais entre mamíferos terrestres, aves terrestres e aves aquáticas, são apenas apreciados pelo seu comportamento no convívio cotidiano dos moradores desenvolvendo ao longo do tempo uma relação de afetividade pela presença dos animais no terreiro ou mesmo na residência dessas pessoas, a exemplo a nandaia e a gralha.

Embora este estudo não pretenda representar o conhecimento total da população de Conceição Açu, em relação à fauna local, em questão, ele certamente dá uma idéia do número de espécies conhecidas e utilizadas pela população local.

CONCLUSÕES, SUGESTÕES E PERSPECTIVAS

Em média, o tamanho das roças varia de 0,4 à 2 ha, que são exploradas em torno de dois a três anos de cultivo. Após, são abandonadas pelo decréscimo da fertilidade do solo e novos sítios são escolhidos, quase sempre próximo da casa e da mata de galeria. As áreas cultivadas, geralmente de tamanho pequeno, são “exploradas” apenas pela família. Em média, gastam de quatro a cinco horas por dia nos trabalhos de roça. A frequência às roças varia de 1 à 2 vezes por dia.

As roças estão localizadas muito próximo das matas de galeria e da casa, principalmente. A explicação advém de vários argumentos, tais como: área total da propriedade pequena o que torna tudo muito próximo, presença da água e da sombra próximo da mata e o pouco tempo que se gasta para se deslocar à área de trabalho o que justifica a frequência diária nas atividades de capina e limpeza das roças.

Apesar de se detectar com frequência atividades de mutirão e gentilezas em trabalhos domésticos entre os vizinhos e parentes, não houve, entretanto, nenhuma manifestação de roças “coletivas”.

A agricultura de subsistência, quando em consórcio, não provoca degradações ecológicas significativas ao ambiente em questão. Isto se deve, primeiramente, aos diferentes estratos conferidos às diferentes espécies no mesmo ambiente, ou seja, a mandioca, rastejante, a bananeira intermediária e no último estrato os mamoeiros. Portanto a arquitetura das espécies cultivadas em consórcio promove a ocupação de diversos níveis da vegetação. Secundariamente, as técnicas utilizadas são simples e artesanais, sem o uso de maquinários o que favorece a recuperação mais rápida da área de capoeira, quando deixada em pousio.

Praticamente as casas rurais da área de estudo apresentam uma distribuição espacial dos recursos vegetais muito semelhantes. A presença da mata de galeria, quintal, jardim, horta e roça ocupam quase que as mesmas posições em relação às quatro faces da moradia, ou seja, frente, fundos, lado direito e lado esquerdo. Noventa por cento das residências possuem o quintal nos fundos da casa. Geralmente nas bordas do quintal localiza-se a horta. O local justifica-se pela maior ou menor incidência da luz solar para as diferentes espécies cultivadas na horta.

Basicamente, a distribuição espacial na área de estudo encontra-se representada da seguinte forma:

1. Na frente das residências a presença de um jardim simples e na maioria das vezes pequeno, representa as espécies vegetais com função ornamental;
2. Atrás da residência encontra-se o quintal que representa a área de uso imediato para a família. Presentes, principalmente, as árvores frutíferas que proporcionam um ótimo sombreamento e um ambiente fresco e uma certa privacidade. É neste local que as pessoas sentam para conversar, descansar e até mesmo trabalhar. Exatamente como presenciamos em várias residências as mulheres preparando doces, geléias e outras iguarias, sob a sombra do quintal.
3. Deslocando-se para o fundo do quintal avista-se as roças, tanto as que possuem cultivos quanto às de pousio;
4. Após as roças, esboça-se a paisagem das matas de galeria que representa um bem muito precioso de uma complexidade visual incomparável dentro da propriedade. Simbolicamente, enquanto as roças representam a fonte de energia humana imediata e dinâmica, através da produção dos alimentos energéticos, a mata de galeria representa um potencial de recursos naturais incalculável monetariamente e de uso mediato.

Atualmente, a produtividade do trabalho agrícola é baixa em função da força braçal que conta com um número pequeno de pessoas na família. Em outros tempos, a família era constituída, em média de 6 a 10 pessoas. As crianças participavam das atividades de preparo e plantio das roças, caça, coleta, pesca e pecuária, significando, na época, a força produtiva familiar.

Hoje as crianças de antigamente tornaram-se jovens e migraram para centros urbanos em busca de outros objetivos. Segundo dados censitários na região o número de crianças é baixo. Jovens muito poucos. A maioria constitui-se de homens e mulheres que sempre moraram na região, numa faixa etária de 50 a 85 anos de idade, em média.

Somando-se o baixo número de crianças na região à migração dos jovens e adolescentes para a cidade, resultou na permanência dos pais e avós. Diante do fator incondicional, idade, essas pessoas proporcionam a manutenção da taxa de fertilidade estacionária ou mesmo decrescente, fato que pode expor a população local ao risco de

uma regressão populacional. Este fato não se constitui em termos reais, devido à entrada de pessoas de fora na região, embora em baixo percentual, porém, atraídas pela oferta de trabalho local.

Na maioria das vezes apenas o casal é responsável pela força produtiva familiar. Este é o maior e o mais freqüente motivo, mencionado pelos moradores, pelo decréscimo da produção agrícola da região, tanto em variedades como em quantidades. Atrelado a este motivo, a falta de força e incentivo econômico e político aos pequenos produtores rurais da região promoveram o declínio na agricultura.

Embora tenha ocorrido um declínio no sistema de produção, ainda é visível, na região, a dependência dos ambientes terrestres e da vegetação local, refletida no uso das plantas para diversas finalidades, nas práticas agrícolas e nas coletas na mata de galeria. O conhecimento local sobre a vegetação inclui as plantas presentes na mata de galeria utilizadas com finalidades medicinais, com maior expressividade, seguido das alimentícias e ornamentais.

A maioria das plantas é nativa, embora um percentual dessas represente as plantas introduzidas e as plantas invasoras, pois a mata de galeria faz divisa com campo de cerrado. Em geral, as plantas utilizadas cujos frutos são comestíveis correspondem a plantas nativas da região.

Entre os moradores de Conceição-Açu as espécies usadas com finalidades medicinais incluem tanto plantas nativas como introduzidas e nativas invasoras.

Recursos faunísticos também participam da subsistência local, mas com intensidade menor que a agricultura de subsistência.

Os resultados deste estudo demonstram, também, que a população de Conceição-Açu possui um rico conhecimento das plantas da região e das propriedades de cura dessas plantas, principalmente no ecossistema matas de galeria. Embora a transmissão dos conhecimentos etnobiológicos locais encontram-se ameaçados por causa da migração da população jovem dessa para outras regiões, objetiva-se não somente o conhecimento, mas principalmente a divulgação dessas informações. Esta representa uma forma de resgatar e garantir a perpetuação desses conhecimentos que traduzem e demonstram a longa trajetória que percorreram para se manterem até os dias de hoje. Assim, o etnoconhecimento deveria ser repassado a novas gerações para

que se perpetue nas gerações futuras e ao mesmo tempo evitar, dessa forma, a erosão do patrimônio cultural dessa Comunidade.

Obviamente, se sugere outros estudos na área como forma de aprofundar e preservar os conhecimentos sobre os diferentes ecossistemas locais, adquiridos por pessoas que nasceram, cresceram e vivem até hoje nessa região. Certamente, essas pessoas souberam conduzir com dignidade suas vidas e seus conhecimentos mesmo em tempos difíceis onde as dificuldades de trabalho comprometiam a dinâmica da sobrevivência. Porém, sempre respeitaram e conservaram a natureza sem exercer pressão ao ambiente ao usufruírem dos recursos naturais que lhes era oferecido. A isto costumamos chamar de sabedoria. Sabedoria esta que não se aprende em sala de aula, portanto não sistematizada, mas sim um aprendizado adquirido no cotidiano das atividades diárias na escola da vida onde o professor se chama natureza. Estes conhecimentos adquiridos na e da natureza, na literatura etnobotânica, revelam um grau substancial de sobreposições entre o uso das plantas locais e as propriedades de cura atribuídas às espécies empiricamente eficazes na saúde e no bem estar do ser humano.

Embora este estudo não pretenda representar o conhecimento total da população em questão, ele certamente dá uma idéia relativa do número de espécies vegetais e animais utilizados nessa comunidade rural. Acredita-se que novos trabalhos de campo proporcionarão o aumento da lista de espécies fitoterapêuticas e faunísticas de uso pela população local. Dessa forma, o número total de espécies vegetais e animais utilizados é, sem dúvida, muito maior do que esta que documentamos. Isto se deve à considerável diversidade botânica, zoológica e ecológica existente nas matas de galeria do cerrado matogrossense. A farmacopéia da comunidade local é tão diversa e desenvolvida quanto a maioria de outras comunidades do Mato Grosso. Tanto as espécies usadas como os meios de aplicação tem muito em comum com os dados registrados em outras comunidades, mesmo distantes dessa região.

Na região de Conceição-Açu, devido a sua localização física, confinada entre o rio Aricá e a serra da Chapada dos Guimarães, favoreceu o processo de interferência mais efetiva nos ecossistemas locais. Isso, de certa forma, auxiliou na preservação das áreas naturais, mas não se refletiu, na mesma proporção, na manutenção do conhecimento sobre as plantas e a fauna, de geração em geração.

A localização física da região desfavoreceu a formação de latifúndios para a pecuária sendo que a maioria das propriedades é de tamanho pequeno e não exerce pressão significativa ao ambiente, como forma de erosão imediata do banco de recursos naturais. A maioria das pessoas ainda mantém o modo tradicional na maneira de ser, onde o processo de conhecimento e prática vizam à conservação da flora e da fauna através da manutenção dos espaços denominados matas de galeria, ou através do manejo para o uso em atividades de organização social da produção para a subsistência ou, ainda, mantendo e respeitando as espécies animais relacionados à caça.

No que tange a fauna da presente região, seria necessário um investimento qualitativo e quantitativo mais específico das investigações científicas e a congregação de esforços para uma análise micro e macro regional sobre gradiente de diversidade, origem e distribuição, fatores limitantes desta distribuição e relações filogenéticas. Estudos mais profundos integrariam propostas que possam garantir adequados planos de conservação da fauna local.

Assim, a presença da fauna nas roças e nos quintais das propriedades, na época da seca, é um padrão sazonal resultante da ação conjunta de fatores climáticos e ecológicos que se traduz pela diminuição ou mesmo falta de alimentos nas matas de galeria da região. Isto representa uma soma de habitats de borda.

Na região de Conceição-Açu não ocorre uma substituição imediata dos padrões, mas existe uma dinâmica sócio-econômica que move o equipamento cultural, direcionando e redefinindo os padrões tradicionais de outrora. O que se observa nos contatos culturais decorrentes é uma combinação de valores antigos e novos. Trata-se de uma cultura em processo de mudança envolvida pelos personagens, persistência e transformação, que coexistem no tempo e no espaço.

Quanto à organização social a família representa a unidade mínima de sociabilidade que gradativamente vai se alastrando entre os subgrupos, entre os grupos da região, os grupos de outras regiões, e entre outras regiões.

A nova configuração acontece pela concentração de pessoas nas fazendas maiores promovendo, dessa forma, a formação de “blocos familiares” levando à formação de subgrupos. O primeiro subgrupo, inevitavelmente, é a família; o segundo constitui-se dos vizinhos mais próximos; o terceiro a família do capataz e o quarto, a família do patrão. Estas propriedades funcionam como verdadeiros “nichos familiares”.

O bloco familiar é um prolongamento da família nuclear (pai, mãe, irmãos) mergulhados na estrutura social da propriedade, e, assim, determinando as relações básicas entre esse conglomerado de trabalhadores. Secundariamente o “bloco familiar” faz relações com “blocos familiares” de propriedades vizinhas dentro da mesma região.

Em Conceição-Açu certas propriedades originaram-se com a fixação da família nuclear que através da sua multiplicação ou da justaposição de parentes se expandiu. Algumas famílias migraram para outras regiões da área, fato este que facilitou o processo de comunicação entre as diferentes regiões.

No correr do presente estudo verificou-se, também, a mobilidade entre regiões da área, do tipo etnosazonal. As pessoas se movem temporariamente entre as regiões em função de um interesse, em uma certa época do ano. Como exemplo, a formação do ajuntamento das pessoas de diferentes áreas da região que possuem interesse em participarem do “mutirão” para o processo de coleta do óleo de copaíba nas matas de galeria da região. Portanto, são relações inter-regionais equiparáveis às de “bloco familiar” que reforçam o enfraquecimento dos limites geográficos em função das relações de sociabilidade.

Nas propriedades que sofrem restrições econômicas a configuração espacial está constituída de um menor número de “blocos familiares”, isto porque a área da propriedade é pequena e o número de pessoas também é menor.

Os traços de saber local são mantidos graças à cooperação entre as regiões na qual cada uma fornece elementos para preservação das práticas. Os fatores de preservação cultural são os mesmos fatores de preservação grupal que permitem aos grupos rurais resistirem estruturalmente aos impactos causados pela urbanização. É um mecanismo de sobrevivência social e cultural. Porém, em função do tamanho e do ritmo econômico de cada propriedade cada qual terá suas características mais ou menos intensas quanto ao modo de vida tradicional. Assim, as fazendas não são homogêneas.

A família ampara-se ecologicamente no meio imediato, roça e matas de galeria e socialmente nas relações de vizinhança. A busca de formas mais satisfatórias desse ajustamento social e ecológico tende a canalizar os padrões mínimos sociais e vitais de hoje, em função dos usos, valores, hábitos e técnicas até então desempenhados.

O desenvolvimento da economia pecuária acentuou a diferenciação dos níveis econômicos, gerando distinções de classe e cultura. Outrora, a economia de

subsistência condicionava uma sociedade global e homogênea, onde a cultura da cidade e do campo não era distinta. Hoje, devido à revolução na estrutura social de Mato Grosso os homens do campo e da cidade estão reaproximados geograficamente, embora distantes nos planos econômico e social.

A marcha da urbanização em Cuiabá está ligada ao progresso agro-pecuário, daí a penetração em áreas rurais contribuindo para estabelecer os vínculos com a vida das cidades e ligando-se ao ritmo da economia capitalista. Conseqüentemente, contrastando com a economia local, que centralizada na vida rural é baseada na economia de subsistência. Com isso, as pessoas passaram a comprar mais, desde a roupa e os utensílios até alimentos que correspondem à dieta básica dessa população. Diante dessa situação, precisam continuar produzindo, estabelecendo uma relação com a economia moderna que vão incorporando gradativamente à sua vida cotidiana. Alguns moradores locais que mantêm uma relação mais aberta com a economia moderna, sentem a diferença de preços entre seus produtos excedentes e os que compram na vila ou na cidade de Cuiabá. Por exemplo: se o preço de 1 saca de 60 Kg de milho custa \$ 10,00 reais em Cuiabá, no comércio da vila custa \$11,00 reais, nunca será menor ou igual a \$ 10,00 reais. No entanto, se o milho for vendido na sua propriedade rural custará em torno de \$7,00 reais. Vendem por menos e compram por mais.

A vida sócio-cultural expressa uma certa desigualdade, ocasionada pela influencia da expansão do mercado capitalista na região. Nota-se, através de relatos, que a sociabilidade não é tão presente como antigamente. Alguns são obrigados a se individualizarem porque sofrem a influencia direta da economia regional, e assim afastados, necessariamente, do âmbito comunitário. Na verdade as pessoas que permanecem diante desta condição, buscam uma reorganização social nessa comunidade ou migram para a cidade. Essa busca de uma reorganização social pode ser presenciada de duas formas: quando a pessoa tenta se adequar às novas situações sociais; ou quando a pessoa não abandona o seu modo tradicional de vida, porém, tenta conciliar o seu modo de vida às condições presentes.

A situação dos moradores de Conceição-Acu assim se define: os moradores mais jovens absorvem as tarefas econômicas e culturais integrando-se neste novo sistema sócio-econômico; já os ditos de saber local, renunciam silenciosos e lentamente o poder de autonomia rural em função do sistema capitalista que ora se implanta em

seus arredores, mas o espírito (poder) de patrimonialidade continua vivo em suas atitudes que visam, preferencialmente, o equilíbrio ecológico dentro de suas propriedades.

O impacto da exploração sobre as matas de galeria na região é fraco e não coloca em perigo a sobrevivência das espécies, pois se revela como uma atividade eminentemente de subsistência porque a renovação dos recursos explorados é garantida pelos mecanismos de regeneração do indivíduo e não da população, portanto, não sendo considerado predatório.

Dentre os produtos explorados na mata de galeria o recurso obtido de maior significância para a população local é o óleo de copaíba ou seiva de copaíba, seiva do jatobá, seiva da sangra d'água. A coleta desse produto exige um conhecimento de cada árvore produtora já que o tratamento que lhe é infligido condiciona tanto sua produção imediata como sua sobrevivência. Portanto, os cuidados que a população local depreende, em relação à flora, representa o empreendimento das técnicas de silvicultura relevantes no processo de conservação dos recursos naturais da região.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. F. C. B. R. & ALBUQUERQUE, U. P. Uso e Conservação de Plantas e Animais Medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um Estudo de Caso. **Interciência**. Jun, 27(6): 276 – 285. 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. & ANDRADE, L. H. C. Uso de Recursos Vegetais da Caatinga: o Caso do Agreste do Estado de Pernambuco(Nordeste do Brasil). **Interciência**. Jul, 27(7): 336 – 346. 2002.

AMOROZO, M. C. M. Management and Conservation of *Manihot Esculenta* Crantz. Germ. Plasm by tradicional farmers in Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso State, Brasil. *Etnoecologica*, Vol. IV nº6,. p.69 – 83. 2000.

AMOROZO, M. C. de M. & GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Bol. Mus. Pará Emílio Goeldi**. Sér.Bot. 4: 47-131. 1988.

AYRES, J. M. **As Matas de Várzea do Mamirauá: Médio Rio Solimões**. Brasília, DF. Ed. MCT – CNPq. 2ª ed. Brasília.123p. 1993.

BARRERA, A. La Etnobotânica. In: Barrera, A. **La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva**. INIREB, Xalapa. p. 19-25. 1979.

BARRERA, A. La Etnobotânica. In: BARRERA A. (ed.). **La Etnobotânica: tres puntos de vista y uma perspectiva**. Xalapa.INIREB. p. 19 – 24 il. 1983.

BEGOSSI, A. Ecologia Humana: Um Enfoque das Relações Homem – Ambiente. **Interciência**. May – June, 18 (3): 121 a 130. 1983.

BEGOSSI, A. Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. In: **Resiliência e Populações Neotradicionais: os Caiçaras (Mata Atlântica) e os Caboclos (Amazônia, Brasil)**. São Paulo. NUPAUB, USP, p.205 – 231. 2001

BERG,M. E. van den. Contribuição à flora medicinal do Estado de Mato Grosso. In: Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil. 6, **Supl. Ciência e Cultura**, 33: 163-170. 1980.

BRANDENBURG, A. **Agricultura familiar**: ONGs e desenvolvimento sustentável. Curitiba. Ed. da UFPR. p. 325. 1999.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: BARRERA A. (ed.). **La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva**. INIREB, Xalapa. p. 27 –30. 1979.

CAMPOS, M. D' O. Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas ou Práticas? In: Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. **Anais**, Rio Claro, SP. P.47-92. 2002

CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades.284p. 1987.

CORRÊA, C. H. P. **História Oral; teoria e técnica**. Florianópolis, UFSC. 88p. 1978.

COUTINHO, L. M. O conceito de cerrado. **Revista Brasileira de Botânica**. 1: 17-23.1978.

DESCOLA, P. Etnoconservação. Novos rumos para a conservação nos trópicos. In: **Ecologia e Cosmologia**.HUCITEC,NUPAUB-USP. São Paulo. p.149-163. 2000.

DIAS, B. F. DE S. **Alternativas de Desenvolvimento dos Cerrados**: Manejo e Conservação dos Recursos Naturais Renováveis. Brasília. FUNATURA. p. 97.1996.

DIEGUES, A. C. S.(Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB - USP p. 290. 2000.

DIEGUES, A. C. S. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, USP, p. 169.2000.

DIEGUES, A. C. S. & MOREIRA, A. DE C. (Organizadores). **Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum**. São Paulo. NUPAUB – USP . p. 294. 2001.

DUARTE, T. G. **Um Estudo Etnoecológico sobre o Uso de Recursos Vegetais em Nova Xavantina, Mato Grosso**. Brasil.IB.UFMT. 2001. Dissertação de Mestrado.

EITEN, G. A vegetação do cerrado. In:Pinto, M. N. (Org.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. Brasília. Editora da Universidade de Brasília. p.17-73. 1993.

EMPERAIRE, L. A Floresta em jogo. O extrativismo na Amazônia central. In: **Introdução**. Ed. Laure Emperaire. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado. p.15 -19. 2000.

FURTADO, L.G. **Pescadores do rio Amazonas**: Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Supercores. Pará. 486p. 1993.

GEERTZ, C. **O Saber Local**: Novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis. R J. Vozes, 1997.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan. 323p. 1989.

GODELIER M. A racionalidade dos sistemas econômicos, In: Carvalho E.(org.). **Godilier – Antropologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática. 1984.

GOMEZ-POMPA, A. & KAUS, A. **Domesticando o Mito da Natureza Selvagem**. In: Etnoconservação. São Paulo. HUCITEC. NUPAUB-USP. p. 125 – 147. 2000.

GREENWOOD, E. **Metodologia de la Investigacion Social**. Buenos Aires. Editora Paidós. 126p.1973.

GUARIM-NETO, G. Plantas utilizadas na medicina popular cuiabana – um estudo preliminar. **Ver. UFMT** ,4 (1): 45-50, 1984.

GUARIM-NETO, G. **Plantas medicinais do Estado do Mato Grosso**. Brasília. ABEAS, UFMT.72p. 1996.

GUARIM-NETO, G. et al. Uso da biodiversidade: flora medicinal do cerrado do leste mato-grossense: uma abordagem etnobotânica e etnoecológica. **Relatório**. 2002.

GUARIM, V. L. M. S. **Educação e Sustentabilidade Ambiental em Comunidades Ribeirinhas Tradicionais**. Cuiabá. Mato Grosso. Universidade Federal do Mato Grosso. IE. UFMT. 214 p. il. 2000.

HANAZAKI. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In:Albuquerque, U. P . *et al.*(org.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBEE. P.17-26. 2002.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo. Editora Loyola. p.315-318.1989.

JOLY, C. A. Heterogeneidade ambiental e diversidade de estratégias adaptativas de espécies arbóreas de mata de galeria. In: **Anais**. Simpósio Acadêmico de Ciências X. Perspectivas de Ecologia Teórica, SP, p. 19 – 38. 1986.

JORGE, S. DA S. A. **O Saber Medicinal Ribeirinho: Comunidades de Poço e Praia de Poço, Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso**. ISC.UFMT.2000. Dissertação de Mestrado.

KOERDELL, N. M. Estudos etnobiológicos, definicion, relaciones y métodos de La etnobiologia. In: BARRERA, A. (ed.). **La Etnobotânica: tres puntos de vista e una perspectiva**. Xalapa. INIREB. P.7 – 11. 1983.

LAGOS-WITTE, S. Raices. **La investigacion etnobotânica y su integracion a programas de desarrollo en salud**. CETAAR, Buenos Aires, Argentina. Julho, 9-13p. 1998.

LARAIA, R. DE B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar 117p. 2003.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes,p. 343. 2001.

LÉVÊQUE, C. **A Biodiversidade**. Bauru, São Paulo. EDUSC. p.245. 1999.

MADI, E. & BEGOSSI, A. Pollution and food taboos: a practical reason? **Journal of Human Ecology** 8(6): 405-408. 1997.

MARQUES, J. G. W. **Pescando Pescadores**. Etnoecologia abrangente no baixo São Francisco Alagoano. São Paulo: NUPAUB / USP. 285p. 1995.

MARQUES, J. G. W. Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Albuquerque, U. P. *et al.* (Org.). **O Sinal das Aves. Uma Tipologia Sugestiva para uma Etnoecologia com Bases Semióticas**. Recife. SBEE. p.87-96. 2002.

MEIRA, M. A Floresta em Jogo. O extrativismo na Amazônia central. In: **Os Índios do rio Xié e a fibra da floresta**. Ed. Científica Laure Emperaire. São Paulo. UNESP, p. 31-48. 2000.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo. Ed. Loyola.78p. 1996.

MENDONÇA, B. C *et al.* Flora Vascular do Cerrado.In: Sano, S.M. Almeida, S.P. ed. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina. D.F. Embrapa. CPAC. 556p. 1998.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; ABRASCO,1994.

MITTERMEIER, R. A.; WERNER, T. ; AYRES, J. M. ; FONSECA, G.A.B. O país da megadiversidade. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 81, p. 20 – 27, 1992.

MORÁN, E. F. **Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica** . São Paulo. EDUSP. 448p il. 1994.

MOTA, C. N & ALBUQUERQUE, U. P (Org.). **As muitas faces da Jurema: de espécie botânica à divindade afro- indígena.** Recife, Bagaço. p. 192. 2002.

NAIR, P. K. R. **An Introduction to Agroforestry.** ICRAF/Kluwer Academic Publishers. 401p.1993.

NEVES, D. P. **Lavradores e Pequenos Produtores de Cana.** Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 1981.

ODUM, E. P. **Ecologia.** CBS Ind. Com. Ltda. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan S.A. 434 p. 1988.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **CLASSIFICAÇÃO ESTATÍSTICA INTERNACIONAL DE DOENÇAS E PROBLEMAS RELACIONADOS À SAÚDE.** 10ª revisão, São Paulo:Editora da Universidade de São Paulo, Vol. 1. 1191 p. 2000.

PASA, M. C. **A Utilização dos Recursos Vegetais no Vale do Aricá, Mato Grosso: Um Estudo Etnoecológico.** IB. UFMT. 1999. Dissertação de Mestrado.

PCBAP- Programa Nacional do Meio Ambiente: Diagnóstico dos Meios Físico e Biótico. Brasília:PNMA. 2(1) : 32-38. 1997.

PERONI, N. Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Albuquerque, U. P. *et al* (Org.). **Manejo Agrícola Itinerante e Domesticação de Plantas Neotropicais: o Papel das Capoeiras.** Recife.PE.97-108. 2002.

PHILLIPS, O. & GENTRY, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypotheses with a new quantitative technique. *Economic Botany.* 47(1): 33- 43. 1993 a.

PHILLIPS, O. L. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical Knowledge. In: Alexiades, M. N. (Ed.) **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual.** NY. NYBG. 1996.

POSEY, D. A. Introdução: Etnobiologia, teoria e prática. In: **Suma Etnológica Brasileira.** D. Ribeiro (ed.) Petrópolis. RJ. Editora Vozes. p.15-28. 1987.

RADAMBRASIL. **Levantamento de Recursos Naturais.** Folha SD 21, Cuiabá. V.26. Brasília. MME/ SG. 544p. 1982.

REZENDE, A. V. Cerrado: Matas de Galeria. In: Ribeiro, J. F. (Ed.). **Importância das Matas de Galeria: manutenção e recuperação**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC. p 3-16. 1998.

RIBEIRO, D. (Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1. Etnobiologia. Petrópolis, RJ. Vozes. 15-25p. 1987.

RIBEIRO, J. F. (ed.). **CERRADO: matas de galeria**. Planaltina: Embrapa – CPAC. 164p. 1998.

RODRIGUES, R. R. & LEITÃO FILHO, H. DE F (Ed.) **Matas Ciliares**. Conservação e Recuperação. São Paulo. EDUSP. p. 320. 2000.

RODRIGUES, R. R. Matas Ciliares. Conservação e Recuperação. In: Rodrigues, R. R. *et al.* (Ed.) **Florestas Ciliares? Uma Discussão Nomenclatural das Formações Ciliares**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp. p. 91-99. 2000. Universidade de São Paulo: Fapesp. p. 91 – 99. 2000.

SANO, S. M. & ALMEIDA, S.P. **Cerrado: Ambiente e Flora**. Planaltina. Embrapa – CPAC, 556p. 1998.

SANTANA, S. R. **Plantas Usadas na Medicina Tradicional em Dom Aquino, Mato Grosso. Brasil**. ISC.UFMT. 2002. Dissertação de Mestrado.

SCHUBART, H. O. R. Ecologia e utilização das florestas In: SALATI, E. *et al.* (ed). **Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia**. Brasília. Brasiliense e C. N. de D. C. e T. P. 101 – 143. 1980.

SCHULTES, R.E. El floklre botânico y la conservacion de los recursos naturales. Fundacion Peruana para la Conservacion de la Natureza. Documento de Conservacion No 4. Lima . Peru. 1989.

SEMINÁRIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO SUDESTE. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Anais. Rio Claro, São Paulo. UNESP/CNPq. p.204. 2002.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife. SBEE. p.151. 2002.

SMITH, N. J. H. 1996. Atualidade em Etnobilogia e Etnoecologia. In: Albuquerque, U. P. *et al.*(Org.). **Preferências e Tabus Alimentares entre Pescadores do Litoral Paulista: Particularidades do Conhecimento Local**. Recife, PE. SBEE. p. 57-72. 2002.

SOUZA, L. F. **Estudo Etnobotânico na Comunidade de Baús: O Uso de Plantas Medicinais**. ISC. UFMT. 1998. Dissertação de Mestrado.

STRABLER A. N. & STRABLER A.H. **Geografia Física**. 3º ed, Ediciones Omega S. A. Platô, 26 – 08006. Barcelona,1989.

VAYDA, A. P. Progressive contextualization: methods for research in human ecology. **Human Ecology**., 11 (3), 265p. 1983.

VIERTLER, R. B. Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. In: Amorozo *et al* (ed.) **Métodos Antropológicos como Ferramenta para Estudos em Etnobiologia e Etnoecologia**.Rio Claro, SP.SBEE. p. 11-29. 2002.

WANDERLEY, M. de N. B. **Trajetória social e projeto de autonomia: os produtores familiares de algodão da região de Campinas, São Paulo**. Campinas:Cadernos IFCH/ UNICAMP. 1989.

WERNER, D. **Culturas Humanas**. 3a ed. Petrópolis, RJ. p: 109 – 127. 1992.

WIERSUN, K. F. Tree gardening and Taungya on Java: exemplales of agroforestry techniques. **Agroforestry System** 1:53-70. 1982.

XOLOCOTZI, E. H. El concepto de Etnobotânica. In: BARRERA, A. **La Etnobotânica : três pontos de vista y uma perspectiva**. Xalapa, Int. Nacional de Investigadores sobre Recursos Bióticos, p.13-18. 1983.

ANEXOS**FORMULÁRIO UTILIZADO NA APLICAÇÃO DO PRÉ-TESTE**

NOME:

SEXO:

IDADE:

NOME DA PROPRIEDADE:

ESTADO DE ORIGEM:

GRAU DE INSTRUÇÃO:

QUANTO TEMPO RESIDE NO LOCAL?

QUE ATIVIDADE EXERCE ATUALMENTE?

QUAIS AS PLANTAS QUE VOCÊ CONHECE?

TEM PLANTAS QUE CURAM? QUAIS SÃO?

CAÇAM? QUAIS?

PESCAM? QUAIS?

CRIAM ANIMAIS? QUIAS?

QUE TIPOS DE CULTIVOS POSSUEM NA PROPRIEDADE?

TEM MATA NA PROPRIEDADE? E RIO?

POSSUEM ALGUMA ASSOCIAÇÃO NA REGIÃO?

QUESTIONÁRIO**DADOS GERAIS**

NOME: _____

Nº DE PESSOAS NA FAMÍLIA: _____

LOCAL DE NASCIMENTO: _____

LOCAL DA ÚLTIMA MORADIA: _____

ATIVIDADE QUE EXERCIA: _____

POR QUE RESOLVEU MUDAR-SE? _____

LOCAL DA PENÚLTIMA MORADIA? _____

ATIVIDADE QUE EXERCIA: _____

POR QUE RESOLVEU MUDAR-SE? _____

QUANTO TEMPO MORA NO LOCAL? _____

COMO ERA O LOCAL QUANDO CHEGOU? _____

QUAL A ATIVIDADE ATUAL: MARIDO _____

ESPOSA _____

DADOS DO IMÓVEL

FORMA DE APROPRIAÇÃO DO IMÓVEL:

 PROPRIETÁRIO ALUGUEL MORA DE FAVOR OUTRO

DOCUMENTO QUE POSSUI: _____

DIMENSÃO DO IMÓVEL: _____

ÁREA CONSTRUÍDA: _____

ÁREA DE (QUINTAL): _____; ÁREA DE ROÇA: _____;

ÁREA DE CULTIVOS: _____; ÁREA DE MATA _____;

OUTRAS ÁREAS: _____

LOCALIZAÇÃO DO QUINTAL:

 FUNDOS AO LADO NA FRENTE OUTRO LOCAL**DADOS DO QUINTAL**PLANTA NO QUINTAL? SIM NÃO

HA QUANTO TEMPO? _____

POR QUE? _____

QUAIS AS PLANTAS REMANESCENTES DA VEGETAÇÃO NATURAL? _____

QUEM CUIDA DO QUINTAL? _____

QUANTO TEMPO GASTA DIARIAMENTE CUIDANDO DO QUINTAL? _____

QUAL ÉPOCA DO ANO TEM MAIS TRABALHO COM O QUINTAL? _____

ALGUMA PLANTA NASCEU ESPONTANEAMENTE? _____

PELA EXPERIÊNCIA QUE POSSUI QUAIS AS PLANTAS QUE PODEM SER PLANTADAS JUNTAS? _____

COMO PLANTA? (CONHECIMENTO EMPREGADO): _____

COM QUEM APRENDEU A PLANTAR? _____

O QUE FAZ COM AS FOLHAS E RESTOS DE CAPINAS DO QUINTAL?

- QUEIMA JOGA NO LIXO FAZ ADUBO (COMPOSTO)
 OUTRO

CASO FAÇA COMPOSTO, EXPLICAR COMO ? _____

COMPRA ALGUM INSUMO PARA USAR NO QUINTAL? NÃO SIM
QUAIS? _____

CRIA ANIMAIS NO QUINTAL? SIM NÃO

QUAIS AS ESPÉCIES?

- GALINHA PATO PORCO CACHORRO OUTROS

QUANTIDADE (UNIDADE): _____

FINALIDADE: () CONSUMO () COMERCIALIZAÇÃO () ESTIMAÇÃO

INSTALAÇÕES: () CERCADO () SOLTO

ALIMENTAÇÃO: () RAÇÃO () BAJUJO

USA OS RESÍDUOS: () NA HORTA () NAS FRUTEIRAS

() NAS ORNAMENTAIS () VENDE

OUTRAS UTILIDADES DAS PLANTAS NO QUINTAL: _____

DADOS SOBRE ATIVIDADES REALIZADAS NO QUINTAL

É COSTUME REUNIR NO QUINTAL? () SIM () NÃO

PARA QUE? _____

OUTRAS ATIVIDADES NO QUINTAL (POR QUE?): _____

QUAL A IMPORTÂNCIA DO QUINTAL PARA O SR.(a)? _____

DADOS DA MATA DE GALERIA

VOCÊ JÁ TIROU/TIRA PRODUTOS DA MATA? _____

QUAIS AS PLANTAS? _____

DESTINO DO PRODUTO: () CONSUMO () VENDA

QUANTIDADE CONSUMIDA: _____

ÉPOCA DO ANO QUE É TIRADO DA MATA? _____

PORQUE? _____

QUEM TIRA DA MATA? _____

TEMPO DE LOCOMOÇÃO DE SUA PROPRIEDADE ATÉ A MATA? _____

Nº DE PESSOAS QUE TRABALHAM NA EXTRAÇÃO DO PRODUTO: _____

TEMPO GASTO NA EXTRAÇÃO? _____

O PRODUTO É EXTRÍDO DE UMA OU MAIS ÁRVORES? _____

QUAL É O PORTE DA ÁRVORE PARA EXTRAIR O PRODUTO? _____

QUAL É A PARTE DA ÁRVORE UTILIZADA? _____

QUAIS AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS ANTES, DURANTE E APÓS A
EXTRAÇÃO? _____

COMO É GUARDADO O PRODUTO OBTIDO? _____

PARA QUE É USADO O PRODUTO EXTRAÍDO? _____

QUEM USA O PRODUTO? _____

COMO É USADO O PRODUTO? _____

QUAL É A QUANTIDADE USADA? _____

COMO O SR.(A) PROTEGE AS ESPÉCIES APÓS A RETIRADA DO PRODUTO?__

QUAL A IMPORTÂNCIA DAS MATAS DE GALERIA AQUI NA SUA PROPRIEDADE? _____

COMO SR.(A) PROTEGE AS MATAS DE GALERIA DA SUA PROPRIEDADE? _____

ASPECTOS SOCIAIS DA COLETA NAS MATAS DE GALERIA

A COLETA NAS MATAS É EXECUTADA JUNTO A OUTRAS PESSOAS?

() SIM () NÃO

COM QUEM? _____

O SR. PERTENCE A ALGUMA ASSOCIAÇÃO? _____ QUAL? _____

QUEM PLANEJA AS ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS EM SUA PROPRIEDADE? _____

COMO É FEITO O PLANEJAMENTO? _____

QUEM EXECUTA O QUE FOI PLANEJADO? _____

O SR.(A) PAGA SALÁRIO PARA ALGUÉM NA SUA PROPRIEDADE?

() SIM () NÃO

PARA QUEM? _____

QUAL É O VALOR PAGO? _____

O SR.(A) RECEBE ASSISTENCIA DE ALGUMA INSTITUIÇÃO?

() SIM () NÃO

ESPECIFICAR: _____

DADOS DA CRIAÇÃO DE ANIMAL

1. QUAIS SÃO AS RAÇAS/ESPÉCIES EXISTENTES NA SUA PROPRIEDADE RURAL ?
2. QUAL É A QUANTIDADE DE CADA ANIMAL EXISTENTE NA SUA PROPRIEDADE ?

3. QUAL É A FINALIDADE DE CADA ESPÉCIE/RAÇA DE ANIMAL NA SUA PROPRIEDADE?
4. COMO É O SISTEMA DE PRODUÇÃO DOS ANIMAIS? () EXTENSIVO
() INTENSIVO
5. QUAL É O TIPO DE ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS? O QUE COMEM?
6. QUAIS SÃO AS INSTALAÇÕES DOS ANIMAIS EXISTENTES NA PROPRIEDADE?
7. OS ANIMAIS SÃO USADOS PARA SERVIÇOS DA AGRICULTURA? QUAIS OS TIPOS ?
8. QUAIS OS ANIMAIS SÃO MAIS CONSUMIDOS COMO ALIMENTO NA DIETA DA FAMÍLIA?
9. USO DE RESÍDUOS? QUAL? PRA QUE?
10. QUAL É A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS NA VIDA DO SR(A)?

DADOS SOBRE A PESCA

1. O SR(A) PESCA AONDE?
2. QUANTO TEMPO GASTA DE SUA CASA ATÉ O LOCAL ONDE PESCA?
3. QUAL O TRANSPORTE QUE O SR. USA?
4. QUAL O TEMPO QUE O SR(A) GASTA PESCANDO?

5. QUAIS AS ESPÉCIES QUE O SR(A) PESCA?
6. EM QUE ÉPOCA O SR(A) PESCA? () CHEIA () VAZANTE () SECA
7. EM QUANTOS RIOS O SR(A) PESCA?
8. PESCA FORA DE SUA PROPRIEDADE? AONDE?
9. O SR(A) PESCA COM ALGUÉM? () SIM () NÃO COM QUEM?
10. PESCA: MUITO () POUCO ()
11. QUANTOS DIAS DA SEMANA O SR(A) PESCA?
12. QUAL É A FINALIDADE DA PESCA?
13. O SR(A) FAZ ALGUM APETRECHO DE PESCA? () SIM () NÃO
QUAIS?
14. A QUANTIDADE DE PEIXE NA SUA PROPRIEDADE AUMENTOU OU
DIMINUIU? PORQUE?
15. QUAL A IMPORTANCIA DA PESCA NA VIDA DO SR(A)?
16. O QUE FAZ PARA MANTER OS PEIXES NOS RIOS DE SUA
PROPRIEDADE?

DADOS SOBRE A CAÇA

1. QUAIS OS ANIMAIS QUE O SR(A) CONHECE EM SUA PROPRIEDADE?
2. O SR(A) CAÇA NA MATA? SIM NÃO
3. NAS MATAS DE SUA PROPRIEDADE OUTRAS MATAS
4. EM QUE ÉPOCA O SR(A) CAÇA? CHEIA VAZANTE
 SECA
5. QUANTO TEMPO GASTA DA SUA CASA ATÉ O LOCAL DA CAÇA?
6. QUAL O TRANSPORTE QUE USA PARA CAÇAR?
7. QUANTO TEMPO GASTA CAÇANDO?
8. QUAIS AS ESPÉCIES QUE O SR(A) CAÇA?
9. CAÇA JUNTO COM ALGUÉM? SIM NÃO COM QUEM?
10. O SR(A) CAÇA: MUITO POUCO
11. CAÇA QUANTAS VEZES POR SEMANA?
12. QUAL É A FINALIDADE DA CAÇA?
13. UTILIZA ALGUM APETRECHO DE CAÇA? QUAL?
14. SR(A) ACHA QUE A QUANTIDADE DE ANIMAIS NA SUA PROPRIEDADE: AUMENTOU DIMINUIU IGUAL
15. QUAL É A IMPORTANCIA DA CAÇA?
16. O QUE FAZ PARA MANTER OS ANIMAIS NA MATA?

**CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS E CAUSAS DE ÓBITO,
9ª EDIÇÃO (MINISTÉRIO DA PREVIDENCIA E ASSISTENCIA SOCIAL)**

- I. Doenças infecciosas e parasitárias
- II. Neoplasmas
- III. Doenças das glândulas endócrinas, da nutrição, do metabolismo e transtornos imunitários
- IV. Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos
- V. Transtornos mentais
- VI. Doenças do sistema nervoso e dos órgãos do sentido
- VII. Doenças do sistema circulatório
- VIII. Doenças do sistema respiratório
- IX. Doenças do sistema digestivo
- X. Doenças do sistema genito-urinário
- XI. Complicações da gravidez, do parto e do puerpério
- XII. Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo
- XIII. Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo
- XIV. Anomalias congênitas
- XV. Algumas afecções originadas de período perinatal
- XVI. Sintomas, sinais, mal e afecções mal definidas
- XVII. Lesões e envenenamento